

SAGA MISTBORN - NASCIDA DAS BRUMAS

O IMPÉRIO FINAL

BRANDON SANDERSON

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



DOMÍNIO DISTANTE

DOMÍNIO DE TERRIS

DOMÍNIO OCIDENTAL

DOMÍNIO SETENTRIONAL

DOMÍNIO CENTRAL

DOMÍNIO MERIDIONAL

DOMÍNIO ORIENTAL

DOMÍNIO OCIDENTAL

DOMÍNIO REMOTO

ILHAS DO SUL

O IMPÉRIO FINAL

MONTES DE CINZA

1 LUTHADEL

2 TYRIAN

3 ZERINAH

4 FALEAST

5 DORIEL

6 MORAG

7 KALLING

8 TORINOST

9 LAGO TYRIAN

10 LAGO LUTHADEL

11 LAGO NEGRO

12 RIO SEARAN

13 SEARAN NORTE

14 SEARAN SUL

15 RIO CHANNEREL

LUTH



- 1 Praça da Fonte
- 2 Kredik Shaw
- 3 Sede do Cantão da Ortodoxia
- 4 Sede do Cantão das Finanças
- 5 Guarnição de Luthadel
- 6 Fortaleza Venture
- 7 Fortaleza Hasting
- 8 Fortaleza Lekal
- 9 Fortaleza Erikeller
- 10 Loja do Coxo
- 11 Esconderijo de Camon
- 12 Rua da Muralha Velha
- 13 Rua Kenton
- 14 Praça Ahlstrom
- 15 15º. Cruzamento
- 16 Rua do Canal
- 17 Mercado Skaa
- 18 Sede do Cantão dos Recursos
- 19 Sede do Cantão da Inquisição

ADEL



PARA BETH SANDERSON

*Que lê fantasia há mais tempo
do que eu tenho de vida,
E merece por completo
ter um neto tão maluco como ela.*

AGRADECIMENTOS

Uma vez mais, vejo-me na necessidade de agradecer ao meu maravilhoso agente, Joshua Bilmes e ao meu igualmente espantoso editor, Moshe Feder. Fizeram um trabalho maravilhoso com este livro, e sinto-me orgulhoso de ter a oportunidade de trabalhar com eles.

Como sempre, os meus incansáveis grupos de escrita deram-me consistentemente retorno e encorajamento: Alan Layton, Janette Layton, Kaylynne ZoBell, Nate Hatfield, Bryce Cundick, Kimball Larsen e Emily Scrup. Os leitores alfa, que viram uma versão deste livro numa forma muito mais tosca e me ajudaram a transformá-lo no que veem agora, incluíram Krista Olson, Benjamin R. Olson, Micah Demoux, Eric Ehlers, Izzy Whiting, Stacy Whitman, Kristina Kugler, Megan Kauffman, Sarah Bylund, C. Lee Player, Ethan Skarstedt, Jillena O'Brien, Ryan Jurado e o inestimável Peter Ahlstrom.

Há também algumas pessoas a quem gostaria de agradecer em especial. Isaac Stewart, que fez o trabalho nos mapas deste romance, foi uma fonte inestimável tanto no tocante às ideias como com pistas visuais. Heather Kirby teve excelentes conselhos a dar sobre o misterioso funcionamento interno da mente de uma jovem. Estou muito grato à revisão feita por Chersti Stapely e Kayleena Richins.

Além disso, gostaria de agradecer a algumas das pessoas muito importantes que trabalham nos bastidores dos livros que vocês compram. Seth Lerner, o diretor de arte para o mercado de massas na Tor, faz um trabalho magnífico — é devido a ele que tanto este livro como *Elantris* têm umas capas maravilhosas. David Moench, no departamento de publicidade da Tor, também foi muito além do seu dever para ajudar a transformar *Elantris* num sucesso. A ambos dou os meus agradecimentos.

Por fim, como sempre, estou grato à minha família pelo seu contínuo apoio e entusiasmo.

Em particular, gostaria de agradecer ao meu irmão, Jordan, pelo seu entusiasmo, apoio e lealdade. Vejam os seus trabalhos manuais no meu website: www.brandonsanderson.com.

Por vezes penso que talvez não seja o herói que todos pensam que sou.

Os filósofos asseguram-me que o momento é este, que os sinais foram correspondidos. Mas ainda me interrogo sobre se não terão o homem errado. São tantas as pessoas que dependem de mim. Dizem que irei envolver o futuro do mundo inteiro nos meus braços.

Que pensariam se soubessem que o seu campeão — o Herói das Eras, o seu salvador — duvidava de si próprio? Talvez não ficassem nada chocados. De certa forma, isso é o que mais me preocupa. Talvez, no seu íntimo, eles se interroguem... tal como eu.

Quando me veem, verão um mentiroso?



PRÓLOGO

CINZA CAÍA DO CÉU.

O Lorde Tresting franziu o sobrolho, deitando uma olhadela ao céu avermelhado do meio do dia enquanto os criados corriam em frente, abrindo um guarda-sol por cima de Tresting e do seu distinto hóspede. As quedas de cinza não eram propriamente incomuns no Império Final, mas Tresting nutrira a esperança de evitar ficar com manchas de fuligem nos seus belos e novos casaco e colete vermelho, que tinham acabado de chegar por barco de canal da própria Luthadel. Felizmente, não havia muito vento; era provável que o guarda-sol fosse eficaz.

Tresting estava com o hóspede num pequeno pátio no topo de uma colina que dava para os campos. Centenas de pessoas vestidas com batas castanhas trabalhavam entre a cinza que caía, cuidando das colheitas. Havia moleza nos seus esforços — mas, claro, os skaa eram assim. Os camponeses eram gente indolente e improdutivo. Não se queixavam, claro; sabiam o que aconteceria se se queixassem. Limitavam-se a trabalhar de cabeças baixas, movendo-se no seu trabalho com calma apatia. A passagem do chicote do capataz forçava-os a movimentos dedicados por alguns momentos, mas assim que o capataz passava, regressavam ao seu langor.

Tresting virou-se para o homem que estava a seu lado na colina.

— Julgar-se-ia — comentou Tresting — que mil anos a trabalhar nos campos os teriam levado a ser um pouco mais eficientes nisso.

O impositor virou-se, erguendo uma sobrancelha — movimento feito como que para realçar a sua característica mais distintiva, as intrincadas tatuagens que lhe rendilhavam a pele em volta dos olhos. As tatuagens eram enormes, chegando à testa e aos lados do nariz. Aquele era um verdadeiro prelão — um impositor realmente muito importante. Tresting tinha os seus impositores pessoais no solar, mas eram apenas funcionários de baixa categoria, que mal possuíam algumas marcas em volta dos olhos. Aquele homem chegara de Luthadel no mesmo barco de canal que trouxera o novo fato de Tresting.

— Devíeis ver os skaa da cidade, Tresting — disse o impositor, voltando a virar-se para observar os trabalhadores skaa. — Estes são na verdade bastante diligentes quando comparados com os de Luthadel. Tendes aqui um... controlo mais direto sobre os vossos skaa. Quantos diríeis que perdeis por mês?

— Oh, uma meia dúzia — disse Tresting. — Alguns por espantamentos, alguns por exaustão.

— Fugitivos?

— Nunca! — disse Tresting. — Quando herdei esta terra do meu pai, tive alguns fugitivos... mas executei-lhes as famílias. Os outros depressa perderam o ânimo. Nunca compreendi homens que têm problemas com os seus skaa; acho as criaturas fáceis de controlar, se lhes mostrarmos uma mão adequadamente firme.

O impositor acenou com a cabeça, mantendo-se em silêncio dentro da sua túnica cinzenta. Parecia satisfeito — o que era bom. Os skaa não eram realmente propriedade de Tresting. Como todos os skaa, pertenciam ao Senhor Soberano; Tresting apenas alugava os trabalhadores ao seu Deus, à semelhança do modo como pagava pelos serviços dos Seus impositores.

O impositor olhou para baixo, consultando o relógio de bolso, depois ergueu o olhar para o sol. Apesar da queda de cinzas, o sol estava forte naquele dia, brilhando com um vivo tom de carmesim por trás do negrume fuliginoso do céu. Tresting puxou por um lenço e limpou a testa, grato pela proteção da sombra do guarda-sol contra o calor do meio-dia.

— Muito bem, Tresting — disse o impositor. — Levarei a vossa proposta ao Lorde Venture, como me pedistes. Ele receberá de mim um relatório favorável aqui ao vosso empreendimento.

Tresting susteve um suspiro de alívio. Um impositor era necessário para testemunhar qualquer contrato ou acordo de negócios entre os nobres. Era certo que mesmo impositores de baixa categoria como os que Tresting empregava podiam desempenhar esse papel de testemunhas — mas o significado de impressionar o impositor do próprio Straff Venture era muitíssimo maior.

O impositor virou-se para ele.

— Partirei pelo canal esta tarde.

— Tão depressa? — perguntou Tresting. — Não desejaríeis ficar para jantar?

— Não — respondeu o impositor. — Se bem que haja outro assunto que desejaria discutir convosco. Não vim apenas a pedido do Lorde Venture, mas para... examinar alguns assuntos a pedido do Cantão da Inquisição. Os boatos dizem que gostais de vos divertir com as vossas mulheres skaa.

Tresting sentiu um arrepio.

O impositor sorriu; provavelmente quisera que o sorriso fosse desarmante, mas Tresting só o achou sinistro.

— Não vos preocupeis, Tresting — disse o impositor. — Se houvesse alguma preocupação *real* com os vossos atos, teriam enviado até cá um Inquisidor de Aço em vez de ter vindo eu.

Tresting concordou lentamente com a cabeça. Inquisidor. Nunca vira nenhuma das inumanas criaturas, mas ouvira... histórias.

— Sinto-me satisfeito a respeito dos vossos atos com as mulheres skaa — disse o impositor, voltando a olhar para os campos. — O que vi e ouvi aqui indica que limpais sempre o que sujais. Um homem como vós, eficiente, produtivo, poderia ir longe em Luthadel. Mais alguns anos de trabalho, alguns negócios inspirados, e quem sabe?

O impositor virou-lhe as costas e Tresting deu por si a sorrir. Não era uma promessa, nem mesmo um apoio — na sua maior parte, os impositores eram mais burocratas e testemunhas do que sacerdotes — mas ouvir um tal elogio vindo de um dos servos do próprio Senhor Soberano... Tresting sabia que certa nobreza achava os impositores perturbadores — havia homens que até os consideravam um incômodo — mas naquele momento Tresting poderia ter beijado o seu distinto hóspede.

Tresting voltou a virar-se para os skaa, que trabalhavam calmamente sob o sol sangrento e os indolentes flocos de cinza. Sempre fora um nobre do campo, vivendo na sua plantação, sonhando com a possibilidade de se mudar para a própria Luthadel. Ouvira falar dos bailes e das festas, do glamour e da intriga, e isso causava-lhe um entusiasmo ilimitado.

Terei de festejar esta noite, pensou. Havia aquela jovem no décimo quarto casinhoto que vinha observando há algum tempo...

Voltou a sorrir. Mais alguns anos de trabalho, dissera o impositor. Mas poderia Tresting talvez apressar as coisas, se trabalhasse um pouco mais duramente? A sua população de skaa tinha vindo a crescer nos últimos tempos. Se os fizesse trabalhar um pouco mais, talvez conseguisse uma colheita adicional naquele verão e cumprir com folga o contrato com o Lorde Venture.

Tresting acenou com a cabeça enquanto observava a multidão de skaa indolentes, alguns a trabalhar com enxadas, outros de gatas, a afastar com as mãos a cinza das pequenas plantas. Não se queixavam. Não tinham esperança. Mal se atreviam a pensar. Era assim que devia ser, pois eram skaa. Eram...

Tresting imobilizou-se quando um dos skaa ergueu o olhar. O homem olhou Tresting nos olhos, vendo-se uma centelha — não, um incêndio — de desafio na sua expressão. Tresting nunca vira nada assim, não no rosto de um skaa. Deu um passo atrás, por reflexo, percorrido

por um arrepio enquanto o estranho skaa de costas direitas lhe sustentava o olhar.

E sorria.

Tresting afastou o olhar.

— Kurdon! — gritou.

O corpulento capataz correu pela vertente acima.

— Sim, senhor?

Tresting virou-se, apontando para...

Franziu o sobrolho. Em que sítio estivera aquele skaa? Trabalhando com as cabeças baixas, os corpos manchados de fuligem e suor, eles eram tão difíceis de distinguir. Tresting fez uma pausa, à procura. Julgou reconhecer o lugar... um ponto vazio, onde agora não estava ninguém.

Mas não. Não podia ser isso. O homem não podia ter desaparecido do grupo tão depressa. Para onde teria ido? Devia estar ali, algures, a trabalhar agora com a cabeça adequadamente baixa. Ainda assim, o seu momento de aparente desafio era imperdoável.

— Senhor? — voltou Kurdon a perguntar.

O impositor estava a seu lado, a observar a cena com curiosidade. Não seria sensato informar o homem de que um dos skaa agira tão descaradamente.

— Põe os skaa ali daquela secção sul a trabalhar um pouco mais vivamente — ordenou Tresting, apontando. — Vejo-os a ser indolentes, mesmo para skaa. Espanca uns quantos.

Kurdon encolheu os ombros, mas obedeceu. Não era grande razão para um espancamento — mas o certo era que ele não precisava de grandes razões para espancar os trabalhadores.

Eles eram, afinal, apenas skaa.

Kelsier ouvira histórias.

Ouvira murmúrios sobre tempos, muito distantes, em que o sol não fora vermelho. Tempos em que o céu não estivera abafado com fumo e cinza, em que as plantas não lutavam para crescer e em que os skaa não eram escravos. Tempos anteriores ao Senhor Soberano. Esses tempos, contudo, estavam quase esquecidos. Até as lendas se estavam a tornar vagas.

Kelsier observou o sol, seguindo com os olhos o gigantesco disco vermelho que se aproximava do horizonte ocidental. Manteve-se silencioso por um longo momento, sozinho nos campos vazios. O trabalho do dia estava feito; os skaa tinham sido pastoreados de volta aos seus casinhotos. Em breve chegariam as brumas.

Por fim, Kelsier acabou por suspirar, e depois virou-se para abrir passagem entre regos e caminhos, serpenteando entre grande pilhas de cinza. Evitou pisar as plantas — embora não soubesse bem porque se incomodava. O cultivo mal parecia valer o esforço. Macilentas, com folhas castanhas e murchas, as plantas pareciam tão deprimidas como as pessoas que cuidavam delas.

Os casinhotos dos skaa erguiam-se na luz cada vez mais fraca. Kelsier já conseguia ver as brumas começarem a formar-se, nublando o ar e emprestando aos edifícios semelhantes a montículos um aspeto surreal e intangível. Os casinhotos não eram guardados; não havia necessidade de vigilantes, pois nenhum skaa se aventuraria a sair depois de a noite chegar. O seu medo das brumas era demasiado forte.

Um dia terei de os curar dele, pensou Kelsier enquanto se aproximava de um dos edifícios maiores. *Mas cada coisa a seu tempo*. Abriu a porta e deslizou para dentro.

A conversa parou de imediato. Kelsier fechou a porta, após o que se virou com um sorriso para enfrentar a sala com cerca de trinta skaa. Um fogo ardia debilmente ao centro, e o grande caldeirão a seu lado estava cheio de água salpicada de legumes — o início de uma refeição da noite. A sopa seria insípida, claro. Mesmo assim, o cheiro era tentador.

— Boa-noite a todos — disse Kelsier com um sorriso, pousando a trouxa ao lado dos pés e encostando-se à porta. — Como foi o vosso dia?

As suas palavras quebraram o silêncio, e as mulheres regressaram aos preparativos para o jantar. Um grupo de homens sentados a uma mesa tosca, contudo, continuou a olhar para Kelsier com expressões descontentes.

— O nosso dia foi cheio de trabalho, viajante — disse Tepper, um dos anciões skaa. — Coisa que tu conseguiste evitar.

— O trabalho no campo nunca me calhou realmente bem — disse Kelsier. — É muito mais duro do que a minha pele delicada aguenta. — Sorriui, erguendo mãos e braços cobertos com camadas e camadas de finas cicatrizes. Cobriam-lhe a pele, no sentido do comprimento, como se alguma fera o tivesse arranhado repetidamente com as garras, subindo e descendo ao longo dos braços e das mãos.

Tepper soltou uma fungadela. Era novo para ancião, provavelmente mal chegara aos quarenta anos — no máximo, talvez tivesse cinco anos a mais que Kelsier. Contudo, o porte daquele homem escanzelado era o de alguém que gostava de estar ao comando.

— Isto não é momento de gracejar — disse Tepper com severidade. — Quando acolhemos um viajante, esperamos que ele se comporte

e evite suspeitas. Quando te escapuliste dos campos esta manhã, podias ter feito com que os homens à tua volta fossem chicoteados.

— É verdade — disse Kelsier. — Mas esses homens também podiam ter sido chicoteados por estarem no sítio errado, por fazerem uma pausa demasiado longa, ou por tossirem quando um capataz passasse por eles. Uma vez vi um homem a ser espancado porque o amo disse que ele tinha “pestanejado de maneira imprópria”.

Tepper manteve-se com olhos estreitos e uma postura hirta, com um braço pousado na mesa. A sua expressão era inflexível.

Kelsier suspirou, revirando os olhos.

— Está bem. Se querem que me vá embora, eu vou. — Pôs a trouxa ao ombro e abriu descontraidamente a porta.

Uma bruma densa começou imediatamente a entrar pela porta, envolvendo indolentemente o corpo de Kelsier, acumulando-se no chão e rastejando pela terra como um animal hesitante. Várias pessoas sustiveram a respiração, horrorizadas, embora a maioria estivesse demasiado atordoada para produzir um som. Kelsier ficou imóvel por um momento, olhando para as brumas escuras, cujas correntes mutáveis eram tenuemente iluminadas pelas brasas da fogueira.

— Fecha a porta. — As palavras de Tepper eram uma súplica, não uma ordem.

Kelsier fez o que lhe foi pedido, fechando a porta e estancando a inundação de bruma branca.

— A bruma não é o que vocês pensam. Temem-na demasiado.

— Os homens que se aventuram a entrar na bruma perdem as almas — sussurrou uma mulher. As suas palavras levantavam uma questão. Teria Kelsier caminhado nas brumas? Caso afirmativo, o que teria acontecido à sua alma?

Se tu soubesses, pensou Kelsier.

— Bem, suponho que isto quer dizer que eu fico. — Fez sinal a um rapaz para lhe trazer um banco. — E ainda bem, seria uma pena que eu me fosse embora antes de divulgar as novidades.

Mais do que uma pessoa arrebitou as orelhas ao ouvir aquele comentário. Era aquele o verdadeiro motivo por que o toleravam — a razão por que até os tímidos camponeses albergavam um homem como Kelsier, um skaa que desafiava a vontade do Senhor Soberano viajando de plantação em plantação. Podia ser um renegado — um perigo para toda a comunidade — mas trazia notícias do mundo exterior.

— Venho do Norte — disse Kelsier. — De terras onde o toque do Senhor Soberano se nota menos. — Falava com uma voz clara, e as pessoas inclinaram-se inconscientemente para ele enquanto trabalhavam. No

dia seguinte, as palavras de Kelsier seriam repetidas às várias centenas de pessoas que viviam nas outras cabanas. Os skaa podiam ser subservientes, mas eram mexeriqueiros incuráveis.

— São senhores locais que governam o Oeste — disse Kelsier — e estão longe do pulso de ferro do Senhor Soberano e dos seus impositores. Alguns desses nobres distantes estão a descobrir que skaa felizes são melhores trabalhadores do que skaa maltratados. Um homem, o Lorde Renoux, até ordenou aos capatazes para pararem com os espancamentos não autorizados. Murmura-se que ele anda a pensar pagar salários aos skaa das suas plantações, como os que os artesãos da cidade podem ganhar.

— Disparates — disse Tepper.

— As minhas desculpas — disse Kelsier. — Não me tinha apercebido de que o Mestre Tepper tinha estado recentemente na propriedade do Lorde Renoux. Da última vez que jantaste com ele, disse-te alguma coisa que não me tenha dito a mim?

Tepper corou; os skaa não viajavam e certamente não jantavam com nobres.

— Achas-me idiota, viajante — disse Tepper — mas eu sei o que estás a fazer. És aquele a quem chamam o Sobrevivente; essas cicatrizes nos teus braços denunciam-te. És um desordeiro: viajas pelas plantações, incentivando o descontentamento. Comes a nossa comida, contando-nos histórias grandiosas e as tuas mentiras, e depois desapareces e obrigas pessoas como eu a lidar com as falsas esperanças que dás aos nossos filhos.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Ora essa, Mestre Tepper — disse. — A tua preocupação é completamente infundada. Ora, se não tenho a mínima intenção de comer a tua comida. Trouxe a minha. — E dizendo aquilo, Kelsier estendeu o braço e atirou a trouxa para a terra junto da mesa de Tepper. O saco mal atado caiu de lado, derramando no chão uma série de alimentos. Bons pães, frutos, e até algumas grossas salsichas curadas rebolaram, livres.

Um fruto estival rolou pelo chão de terra batida e bateu levemente no pé de Tepper. O skaa de meia-idade olhou para o fruto com olhos atordoados.

— Isto é comida de nobre!

Kelsier soltou uma fungadela.

— Nem por isso. Sabem, para um homem de ilustre prestígio e nível, o vosso Lorde Tresting tem um gosto notavelmente fraco. A sua despenha é um embaraço para o seu nobre estatuto.

Tepper empalideceu ainda mais.

— Foi aí que foste esta tarde — sussurrou. — Foste ao solar. Tu... *roubaste o amo!*

— Realmente — disse Kelsier. — E posso acrescentar que, embora o gosto do vosso senhor para a comida seja deplorável, o seu olho para soldados é muito mais impressionante. Introduzir-me no solar durante o dia foi um desafio e peras.

Tepper ainda fitava o saco de comida.

— Se os capatazes encontrarem isto aqui...

— Bem, nesse caso sugiro que o façam desaparecer — disse Kelsier. — Aposto que sabe um bom bocado melhor do que sopa de farelo aguada.

Duas dúzias de pares de olhos famintos estudaram a comida. Se Tepper pretendia argumentar mais, não o fez suficientemente depressa, pois a sua pausa silenciosa foi entendida como acordo. Poucos minutos depois, o conteúdo do saco já fora inspecionado e distribuído, e a panela de sopa borbulhava, ignorada, enquanto os skaa se banquetearam com uma refeição muito mais exótica.

Kelsier recostou-se, encostando-se à parede de madeira da cabana, e observou as pessoas a devorar a comida. Falara corretamente: o que a despensa tinha a oferecer era deprimentemente banal. No entanto, aquelas eram pessoas que, desde crianças, não eram alimentadas com nada além de sopa e papas. Para elas, pães e frutos eram raros acepipes — geralmente comidos apenas como sobras envelhecidas, trazidas pelos criados domésticos.

— A tua história foi interrompida, jovem — comentou um skaa idoso, bamboleando-se para se ir sentar num banco ao lado de Kelsier.

— Oh, suspeito que, mais tarde, haverá tempo para mais — disse Kelsier. — Depois de todas as provas do meu roubo terem sido convenientemente devoradas. Não queres nenhuma?

— Não é necessário — disse o velho. — Da última vez que provei comida do senhor, tive dores de estômago durante três dias. Os novos sabores são como as novas ideias, jovem: quanto mais velho se fica, mais difícil se torna aguentá-los no estômago.

Kelsier não respondeu logo. Dificilmente se poderia dizer que o velho tinha um aspeto imponente. A sua pele coriácea e couro cabeludo calvo faziam-no parecer mais débil do que sábio. Contudo, tinha de ser mais forte do que parecia; poucos skaa das plantações viviam até àquelas idades. Muitos senhores não deixavam os idosos ficar em casa sem trabalhar diariamente, e os espancamentos frequentes que constituíam uma vida de skaa cobravam um preço terrível aos idosos.

— Qual é o teu nome, ao certo? — perguntou Kelsier.

— Mennis.

Kelsier deitou uma olhadela a Tepper.

— Então, Mestre Mennis, diz-me uma coisa. Porque é que o deixas liderar?

Mennis encolheu os ombros.

— Quando se chega à minha idade, tem de se ser muito cuidadoso a escolher onde gastar energia. Há batalhas que simplesmente não vale a pena travar. — Havia uma implicação nos olhos de Mennis; ele estava a referir-se a coisas maiores do que a sua luta com Tepper.

— Então estás satisfeito com isto? — perguntou Kelsier, indicando com a cabeça a cabana e os seus ocupantes meio mortos de fome e sobrecarregados de trabalho. — Contentas-te com uma vida cheia de espancamentos e de uma escravidão sem fim?

— Pelo menos é uma vida — disse Mennis. — Eu sei o que trazem salários, descontentamentos e rebeliões. A atenção do Senhor Soberano e a ira do Ministério de Aço podem ser muito mais terríveis do que algumas chicotadas. Homens como tu pregam a mudança, mas eu interrogo-me. Será esta uma batalha que possamos realmente travar?

— Já a estás a travar, Mestre Mennis. Só que estás a perdê-la horivelmente. — Kelsier encolheu os ombros. — Mas que sei eu? Sou só um herege viajante, que vim comer-vos a comida e impressionar-vos os jovens.

Mennis abanou a cabeça.

— Brincas, mas Tepper pode ter tido razão. Temo que a tua visita nos traga desgostos.

Kelsier sorriu.

— Foi por isso que não o contradisse... pelo menos quanto ao ponto de eu ser um desordeiro. — Fez uma pausa, depois aprofundou o sorriso. — De facto, eu diria que chamar-me desordeiro é a única coisa certa que Tepper disse desde que cá cheguei.

— Como é que fazes isso? — perguntou Mennis, franzindo o sobrolho.

— O quê?

— Sorrir tanto.

— Oh, sou simplesmente uma pessoa feliz.

Mennis olhou para as mãos de Kelsier.

— Sabes, eu só vi cicatrizes como essas em mais uma pessoa... e ele estava morto. O corpo foi devolvido ao Lorde Tresting como prova de que a punição tinha sido levada a cabo. — Mennis ergueu o olhar para Kelsier. — Ele tinha sido apanhado a falar de rebelião. Tresting mandou-o para os Poços de Hathsins, onde ele trabalhou até morrer. O rapaz durou menos de um mês.

Kelsier baixou os olhos para as mãos e os antebraços. Ainda ardiam, por vezes, embora ele tivesse a certeza que a dor estava apenas na sua mente. Ergueu o olhar para Mennis e sorriu.

— Perguntas porque sorrio, Mestre Mennis? Bem, o Senhor Soberano pensa que guardou para si o riso e a alegria. Não me sinto inclinado a deixá-lo fazer isso. Esta é uma batalha que não exige muito esforço travar.

Mennis fitou Kelsier e, por um momento, Kelsier pensou que o velho talvez lhe respondesse ao sorriso. Contudo, Mennis acabou por só abanar a cabeça.

— Não sei. Simplesmente não...

O grito interrompeu-o. Veio do exterior, talvez de norte, embora as brumas distorcessem os sons. As pessoas no casinhoto silenciaram-se, escutando os ténues gritos agudos. Apesar da distância e da bruma, Kelsier conseguia ouvir a dor contida naqueles gritos.

Kelsier queimou estanho.

Agora era-lhe simples, após anos de prática. O estanho estava com outros metais alomânticos no interior do seu estômago, depois de ter sido engolido algum tempo antes, à espera de ele o utilizar. Kelsier estendeu a mente para dentro de si e tocou o estanho, fazendo uso de poderes que ainda mal compreendia. O estanho ganhou vida dentro de si, queimando-lhe o estômago como a sensação de uma bebida quente engolida demasiado depressa.

O poder alomântico expandiu-se pelo seu corpo, intensificando-lhe os sentidos. A sala à sua volta ficou nítida, a fogueira mortíça rebentou num brilho quase cegante. Kelsier sentiu o grão da madeira do banco em que estava sentado. Ainda era capaz de saborear os restos do pão que comera algum tempo antes. Mais importante era conseguir ouvir os gritos com ouvidos sobrenaturais. Duas pessoas estavam a gritar. Uma era uma mulher mais velha, a outra uma mais nova — talvez uma criança. Os gritos mais novos estavam a afastar-se cada vez mais.

— Pobre Jess — disse uma mulher perto de Kelsier, numa voz que trovejou nos seus ouvidos intensificados. — Aquela filha dela era uma maldição. É melhor para os skaa não terem filhas bonitas.

Tepper concordou com a cabeça.

— Era certo que o Lorde Tresting ia mandar buscar a rapariga mais cedo ou mais tarde. Todos sabíamos. A Jess sabia.

— Não deixa de ser pena — disse outro homem.

Os gritos continuaram à distância. Queimando estanho, Kelsier era capaz de avaliar a direção com precisão. A voz dela estava a deslocar-se na direção do solar do senhor. Os sons despoletaram qualquer coisa dentro dele, e sentiu o rosto corar de ira.

Kelsier virou-se.

— O Lorde Tresting alguma vez devolve as raparigas depois de se fartar delas?

O velho Mennis abanou a cabeça.

— O Lorde Tresting é um nobre cumpridor das leis: manda matar as raparigas depois de algumas semanas. Não quer chamar a atenção dos inquisidores.

Eram essas as ordens do Senhor Soberano. Ele não se podia dar ao luxo de ter crianças mestiças a correr por aí — crianças que talvez possuísem poderes que os skaa nem sequer deviam saber que existiam...

Os gritos foram enfraquecendo, mas a ira de Kelsier só aumentou. Os gritos fizeram-lhe lembrar outros. Os gritos de uma mulher, vindos do passado. Pôs-se de repente em pé, derrubando o banco atrás de si.

— Cuidado, rapaz — disse Mennis com apreensão. — Lembra-te do que eu disse sobre o desperdício de energia. Nunca darás início a essa tua rebelião se te fizeres matar esta noite.

Kelsier olhou para o velho. Depois, por entre os gritos e a dor, forçou-se a sorrir.

— Não estou aqui para liderar uma rebelião entre vocês, Mestre Mennis. Só quero arranjar alguns sarilhos.

— Que bem pode isso fazer?

O sorriso de Kelsier aprofundou-se.

— Aproximam-se novos dias. Sobrevive um pouco mais, e é bem possível que vejas acontecimentos grandiosos no Império Final. Agradeço-vos a todos pela hospitalidade.

E com aquilo, abriu a porta e penetrou a passos largos na bruma.

Mennis estava acordado nas horas iniciais da madrugada. Parecia que quanto mais velho ficava, mais difícil lhe era dormir. Isso tornava-se particularmente verdadeiro quando estava perturbado com alguma coisa, como o facto de o viajante não ter regressado à cabana.

Mennis esperava que Kelsier tivesse caído em si e decidido prosseguir viagem. Contudo, essa expectativa parecia improvável; Mennis vira o fogo nos olhos de Kelsier. Era uma pena tão grande que um homem que sobrevivera aos Poços encontrasse a morte ali, numa plantação qualquer, tentando proteger uma rapariga que todas as outras pessoas viam como morta.

Como reagiria o Lorde Tresting? Dizia-se que ele era particularmente duro com qualquer um que interrompesse os seus divertimentos noturnos. Se Kelsier tivesse conseguido perturbar os prazeres do amo,

Tresting poderia facilmente decidir punir o resto dos seus skaa por associação.

A seu tempo, os outros skaa começaram a despertar. Mennis ficou deitado na terra dura — com dores nos ossos, as costas a protestar, os músculos exaustos —, tentando decidir se valeria a pena levantar-se. Todos os dias quase desistia. Todos os dias era um pouco mais difícil. Um dia limitar-se-ia a ficar na cabana, à espera dos capatazes que viriam matar os que estivessem demasiado doentes ou velhos para trabalhar.

Mas hoje não. Via demasiado medo nos olhos dos skaa — eles sabiam que as atividades noturnas de Kelsier criariam problemas. Preciavam de Mennis; olhavam-no em busca de orientação. Ele tinha de se levantar.

E foi o que fez. Depois de se começar a mexer, as dores da idade diminuíram ligeiramente, e ele foi capaz de arrastar os pés para fora da cabana na direção dos campos, apoiando-se a um homem mais novo.

Foi então que captou um cheiro no ar.

— O que é aquilo? — perguntou. — Não te cheira a fumo?

Shum — o rapaz a que Mennis se apoiava — parou. Os últimos restos das brumas da noite tinham-se consumido, e o sol vermelho estava a erguer-se atrás da costumeira névoa de nuvens quase negras no céu.

— Nos últimos tempos cheira-me sempre a fumo — disse Shum. — Os Montes de Cinza estão violentos este ano.

— Não — disse Mennis, sentindo uma apreensão crescente. — Isto é diferente. — Virou-se para norte, para onde um grupo de skaa se estava a juntar. Largou Shum, arrastando os pés na direção do grupo, levantando poeira e cinzas enquanto avançava.

No centro do grupo de pessoas encontrou Jess. A filha, aquela que todos julgavam ter sido levada pelo Lorde Tresting, estava em pé a seu lado. Os olhos da rapariga estavam vermelhos de insónia, mas ela parecia incólume.

— Ela voltou não muito tempo depois de a levarem — estava a mulher a explicar. — Chegou e bateu à porta, gritando na bruma. O Flen tinha a certeza que era só um espírito das brumas a fazer-se passar por ela, mas eu tive de a deixar entrar! Não me interessa o que ele diz, não vou abrir mão dela. Trouxe-a para a luz do sol e ela não desapareceu. Isso prova que não é um espírito das brumas!

Mennis afastou-se aos tropeções da multidão que engrossava. Seria que nenhum deles o via? Nenhum capataz viera desfazer o grupo. nenhuns soldados tinham vindo fazer as contagens matinais da população. Algo estava muito errado. Mennis prosseguiu para norte, avançando freneticamente na direção do solar.

Quando chegou, outros tinham reparado na retorcida linha de fumo que mal se via à luz da manhã. Mennis não foi o primeiro a chegar à beira do pequeno planalto no topo da colina, mas o grupo abriu-lhe alas quando chegou.

O solar desaparecera. Só restara uma cicatriz enegrecida em combustão lenta.

— Pelo Senhor Soberano! — sussurrou Mennis. — O que aconteceu aqui?

— Ele matou-os a todos.

Mennis virou-se. Quem falara fora a filha de Jess. Olhava para a casa caída, com uma expressão satisfeita no rosto jovem.

— Estavam mortos quando ele me trouxe para fora — disse. — Todos... os soldados, os capatazes, os senhores... mortos. Até o Lorde Trestring e os seus impositores. O amo tinha-me deixado sozinha para ir investigar quando o ruído começou. A caminho da saída, vi-o deitado no seu próprio sangue, com ferimentos de facadas no peito. O homem que me salvou atirou um archote para dentro do edifício quando saímos.

— Esse homem — disse Mennis. — Ele tinha cicatrizes nas mãos e nos braços, até acima dos cotovelos?

A rapariga confirmou silenciosamente com a cabeça.

— Que tipo de demónio era aquele homem? — resmungou desconfortavelmente um dos skaa.

— Espírito das brumas — sussurrou outro, aparentemente esquecido de que Kelsier saíra durante o dia.

Mas ele saiu para a bruma, pensou Mennis. E como foi que realizou um feito destes...? O Lorde Trestring tinha mais de duas dúzias de soldados! Teria Kelsier um bando de rebeldes escondido, talvez?

As palavras de Kelsier na noite anterior ressoaram-lhe nos ouvidos. *Aproximam-se novos dias...*

— Mas e nós? — perguntou Tepper, aterrorizado. — Que acontecerá quando o Senhor Soberano ouvir falar disto? Há de pensar que fomos nós! Vai mandar-nos para os Poços, ou talvez mande só o seu colosso para simplesmente nos matar! Porque haveria aquele desordeiro de fazer uma coisa destas? Será que não entende o mal que fez?

— Ele entende — disse Mennis. — Ele avisou-nos, Tepper. Veio arranjar sarilhos.

— Mas porquê?

— Porque sabia que nós nunca nos revoltaríamos sozinhos, portanto não nos deu alternativa.

Tepper empalideceu.

Senhor Soberano, pensou Mennis. *Eu não posso fazer isto. Mal consigo levantar-me de manhã... não posso salvar esta gente.*

Mas que alternativa haveria?

Mennis virou-se.

— Junta toda a gente, Tepper. Temos de fugir antes que a notícia deste desastre chegue ao Senhor Soberano.

— Para onde vamos?

— Para as grutas, a leste — disse Mennis. — Os viajantes dizem que há skaa rebeldes lá escondidos. Talvez nos acolham.

Tepper empalideceu mais.

— Mas... teremos de viajar durante dias. Passar noites *na bruma*.

— Podemos fazer isso — disse Mennis — ou podemos ficar aqui e morrer.

Tepper ficou imóvel por um momento, e Mennis julgou que o choque de tudo aquilo talvez tivesse sido demasiado para ele. Por fim, contudo, o homem mais novo abalou para ir reunir os outros, como lhe fora ordenado.

Mennis suspirou, erguendo os olhos para a linha de fumo, amaldiçoando aquele Kelsier no silêncio da sua mente.

Novos dias, realmente.

PRIMEIRA PARTE

O SOBREVIVENTE DE HATHSIN



Considero-me um homem de princípios. Mas que homem não se considera? Mesmo o assassino, segundo notei, considera os seus atos de certa forma “morais”.

Talvez outra pessoa, lendo sobre a minha vida, me chamasse tirano religioso. Podia chamar-me arrogante. O que torna a opinião desse homem menos válida do que a minha?

Suponho que tudo se resume a um facto: no fim de contas, quem tem os exércitos sou eu.



I

CINZA CAÍA DO CÉU.

Vin estava a ver os flocos penugentos a pairar pelo ar. Sem pressas. Sem preocupações. Livres. Os tufos de fuligem caíam como flocos de neve negra, descendo para a cidade escura de Luthadel. Acumulavam-se nos cantos, soprados pelas brisas e rodopiando em minúsculos turbilhões por cima do empedrado das ruas. Pareciam tão despreocupados. Como seria ser assim?

Vin estava em silêncio num dos postos de vigia do bando — um nicho oculto construído nos tijolos da parte lateral do esconderijo. Lá de dentro, um membro do bando podia observar a rua em busca de sinais de perigo. Vin não estava de turno; o posto de vigia era simplesmente um dos poucos sítios onde conseguia encontrar a solidão.

E Vin gostava de solidão. *Quando estás só, ninguém te pode trair.* Palavras de Reen. O irmão ensinara-lhe tantas coisas, e depois reforçara-as fazendo o que sempre garantira que faria — traindo-a ele mesmo. *É a única maneira de aprenderes. Qualquer um te trairá, Vin. Qualquer um.*

A cinza continuava a cair. Por vezes, Vin imaginava ser como a cinza, ou o vento, ou a própria bruma. Uma coisa sem pensamento, capaz de simplesmente *ser*, sem pensar, preocupar-se ou sofrer. Então poderia ser... livre.

Ouviu pés a arrastar a curta distância, e de seguida o alçapão na parte de trás da pequena divisão abriu-se de rompante.

— Vin! — disse Ulef, enfiando a cabeça no nicho. — Aqui estás tu! O Camon anda há meia hora à tua procura.

E foi mais ou menos por isso que me escondi.

— Devias ir andando — disse Ulef. — O serviço ‘tá quase pronto a começar.

Ulef era um rapaz desengonçado. Simpático, à sua maneira — ingénuo, se se podia realmente chamar “ingénuo” a alguém que cresceu no submundo. Claro, isso não significava que ele não a trairia. A traição nada tinha a ver com amizade. Era um simples facto da sobrevivência. A vida era dura nas ruas e, se um ladrão skaa queria evitar ser apanhado e executado, tinha de ser prático.

E a impiedade era a mais prática das emoções. Outra das sentenças de Reen.

— Então? — perguntou Ulef. — Devias ir andando. O Camon 'tá chateado.

E quando é que não está? Contudo, Vin acenou com a cabeça, rastejando para fora do apertado — mas reconfortante — confinamento do posto de vigia. Passou por Ulef e saltou para fora do alçapão, entrando num corredor, e atravessando em seguida uma despensa decrepita. A sala era uma de muitas nas traseiras da loja que servia de fachada para o esconderijo. O covil do bando propriamente dito estava escondido numa caverna de pedra cheia de túneis por baixo do edifício.

Saiu do edifício por uma porta das traseiras, com Ulef atrás. O serviço teria lugar a alguns quarteirões de distância, numa secção mais rica da cidade. Era um serviço intrincado — um dos mais complexos que Vin já vira. Partindo do princípio de que Camon não era apanhado, a recompensa seria realmente grande. Se ele fosse apanhado... Bem, vigiar nobres e impositores era uma profissão muito perigosa — mas era certamente melhor do que trabalhar nas forjas ou nas fábricas têxteis.

Vin saiu da viela, penetrando numa rua escura, com edifícios de habitação de ambos os lados, num dos muitos bairros de lata skaa que havia na cidade. Skaa demasiado doentes para trabalhar aglomeravam-se nos cantos e nas sarjetas, com cinza a pairar à sua volta. Vin manteve a cabeça baixa e ergueu o capuz do manto para manter afastados os focos que continuavam a cair.

Livre. Não, eu nunca serei livre. O Reen assegurou-se disso quando se foi embora.

— Aí estás tu! — Camon ergueu um dedo gordo e atarracado e apontou-lho à cara. — Onde é que estavas?

Vin não deixou que o ódio ou a rebeldia se mostrassem nos seus olhos. Limitou-se a olhar para baixo, oferecendo a Camon o que ele esperava ver. Havia outras maneiras de ser forte. Essa lição aprendera sozinha.

Camon rosnou ligeiramente, depois ergueu a mão e deu-lhe um estalo na cara. A força do golpe atirou Vin contra a parede, e a sua bochecha incendiou-se de dor. Deixou-se cair contra a madeira, mas aguentou a punição em silêncio. Só mais uma nódoa negra. Era forte o suficiente para lidar com ela. Já o fizera antes.

— Escuta — silvou Camon. — Este serviço é importante. Vale mi-

lhares de caixarcos... vale cem vezes mais do que tu. Não vou deixar que o estragues. Entendido?

Vin confirmou com a cabeça.

Camon estudou-a por um momento, com o rosto rechonchudo rubro de ira. Por fim, afastou o olhar, resmungando com os seus botões.

Estava aborrecido com qualquer coisa — algo mais que apenas Vin. Talvez tivesse ouvido falar da rebelião dos skaa a vários dias de distância, para norte. Um dos senhores provinciais, Themostresting, fora aparentemente assassinado, e o seu solar arrasado num incêndio. Tais distúrbios eram maus para os negócios; deixavam a aristocracia mais alerta e menos crédula. Isso, por sua vez, podia reduzir seriamente o lucro de Camon.

Ele está à procura de alguém para punir, pensou Vin. Fica sempre nervoso antes de um serviço. Ergueu o olhar para Camon, sentindo o sabor de sangue no lábio. Devia ter deixado que se visse alguma da sua confiança, porque ele a fitou, furioso, pelo canto do olho e a expressão ensombrou-se-lhe. Ergueu a mão, como que para lhe voltar a bater.

Vin usou um pouco da sua Sorte.

Gastou só um tudo-nada; precisaria do resto para o serviço. Dirigiu a Sorte a Camon, acalmando-lhe o nervosismo. O chefe do bando parou — inconsciente do toque de Vin, mas sentindo o seu efeito mesmo assim. Ficou um momento parado; depois suspirou, virando-se e baixando a mão.

Vin limpou o lábio enquanto Camon se afastava a bambolear. O chefe de bando parecia muito convincente no seu fato de nobre. Era o fato mais rico que Vin já vira — tinha uma camisa branca coberta por um colete de um profundo tom de verde e com botões dourados com gravuras. O casaco negro do fato era comprido, à moda, e ele usava um chapéu negro a condizer. Os seus dedos reluziam de anéis, e até tinha uma bela bengala de duelar. Camon fazia realmente uma bela imitação de nobre; quando tocava a desempenhar um papel, havia poucos ladrões mais competentes do que Camon. Partindo do princípio de que ele conseguia manter o mau génio controlado.

A sala propriamente dita era menos impressionante. Vin levantou-se, enquanto Camon se punha a discutir com alguns dos outros membros do bando. Tinham alugado uma das suites no topo de um hotel local. Não demasiado opulenta — mas a ideia era essa. Camon ia fazer o papel de “Lorde Jedue”, um nobre do campo que estava a passar um mau bocado, financeiramente, e viera a Luthadel para arranjar alguns derradeiros e desesperados contratos.

A sala principal fora transformada numa espécie de sala de audiên-

cias, com uma grande secretária atrás da qual Camon se deveria sentar, e com as paredes decoradas com peças de arte baratas. Dois homens estavam em pé ao lado da secretária, vestidos com roupa formal de criado; desempenhariam o papel de criados pessoais de Camon.

— Que balbúrdia é esta? — perguntou um homem, entrando na sala. Era alto, e vinha vestido com uma simples camisa cinzenta e um par de calças largas, com uma espada estreita presa à cintura. Theron era o outro chefe de bando... aquela burla em particular era na verdade sua. Chamara Camon para sócio; precisava de alguém para fazer o papel de Lorde Jedue, e todos sabiam que Camon era um dos melhores.

Camon ergueu o olhar.

— Hum? Balbúrdia? Oh, isto foi só um pequeno problema disciplinar. Não se preocupe, Theron. — Camon acentuou o comentário com um gesto indiferente de mão... havia um motivo para ele representar tão bem o papel de aristocrata. Era suficientemente arrogante para poder pertencer a uma das Grandes Casas.

Os olhos de Theron estreitaram-se. Vin sabia o que o homem estaria provavelmente a pensar. Estava a decidir quão arriscado seria espetar uma faca nas gordas costas de Camon depois de a burla terminar. Por fim, o chefe de bando alto afastou o olhar de Camon, dirigindo-o a Vin.

— Quem é esta? — perguntou.

— Só um membro do meu bando — disse Camon.

— Julgava que não precisávamos de mais ninguém.

— Bem, precisamos dela — disse Camon. — Ignore-a. O meu lado da operação não lhe diz respeito.

Theron olhou para Vin, reparando claramente no seu lábio ensanguentado. Ela afastou o olhar. Os olhos de Theron, contudo, demoraram-se nela, examinando-lhe o corpo de alto a baixo. Vin usava uma simples camisa branca abotoada e um macacão. De facto, dificilmente seria atraente; magricela e com um rosto juvenil, supostamente nem aparentava os dezasseis anos que tinha. Contudo, havia homens que preferiam mulheres assim.

Pensou usar um pouco de Sorte nele, mas o chefe de bando acabou por afastar o olhar.

— O impositor está quase a chegar — disse Theron. — Está pronto?

Camon revirou os olhos, pousando o corpanzil na cadeira atrás da secretária.

— Está tudo perfeito. Deixe-me em paz, Theron! Volte para o quarto e espere.

Theron franziu o sobrolho, após o que girou sobre os calcanhares e saiu da sala, resmungando de si para si.

Vin examinou a sala, estudando a decoração, os criados, a atmosfera. Por fim, dirigiu-se para a secretária de Camon. O chefe de bando remexia numa pilha de papéis, aparentemente a tentar decidir quais pôr em cima da mesa.

— Camon — disse Vin em voz baixa. — Os criados estão demasiado refinados.

Camon franziu o sobrolho, erguendo o olhar.

— Que é isso que estás aí a resmungar?

— Os criados — repetiu Vin, ainda a falar num murmúrio quase inaudível. — O Lorde Jedue, supostamente, está desesperado. Ele havia de ter roupa rica comprada em melhores dias, mas não poderia pagar criados tão ricos. Usaria skaa.

Camon fitou-a, furioso, mas hesitou. Fisicamente, havia pouca diferença entre os nobres e os skaa. Os criados que Camon arranjava, contudo, estavam vestidos como nobres de baixo estatuto — era-lhes permitido usar coletes coloridos, e o seu porte era um pouco mais confiante.

— O impositor tem de pensar que Jedue está quase empobrecido — disse Vin. — Encha a sala com uma porção de criados skaa.

— E que sabes tu? — disse Camon, fitando-a carrancudo.

— O suficiente. — Arrependeu-se imediatamente da palavra; soava demasiado rebelde. Camon ergueu uma mão coberta de joias e Vin preparou-se para outro estalo. Não podia dar-se ao luxo de gastar mais Sorte. Já era preciosamente pouca a que lhe restava.

Contudo, Camon não lhe bateu. Em vez disso, suspirou e pousou-lhe uma mão balofa no ombro.

— Porque é que insistes em provocar-me, Vin? Conheces as dívidas que o teu irmão deixou quando fugiu. Será que compreendes que um homem menos misericordioso do que eu já te teria vendido há muito tempo aos proxenetas? Que te parece isso, servir na cama de algum nobre até ele se fartar de ti e te mandar executar?

Vin olhou para os pés.

O apertão de Camon tornou-se forte, os seus dedos enterraram-se-lhe na pele onde o ombro encontrava o pescoço, e ela arquejou involuntariamente de dor. A reação fê-lo sorrir.

— Honestamente, não sei porque te conservo, Vin — disse, aumentando a pressão do apertão. — Devia ter-me visto livre de ti há meses, quando o teu irmão me traiu. Suponho que tenho um coração demasiado amável.

Finalmente largou-a, após o que lhe ordenou, apontando, que se fosse pôr a um lado da sala, ao lado de uma grande planta de interior. Ela fez o que lhe foi ordenado, orientando-se de forma a conseguir ver bem

toda a sala. Assim que Camon afastou o olhar, esfregou o ombro. *Só mais uma dor. Eu consigo lidar com a dor.*

Camon ficou alguns momentos sentado. Depois, como ela esperara, chamou com um gesto os dois “criados” para si.

— Vocês os dois — disse. — Estão demasiado bem vestidos. Vão enfiar qualquer coisa que vos faça parecer criados skaa... e tragam mais seis homens convosco quando voltarem.

Depressa a sala se encheu como Vin sugerira. O impositor chegou pouco depois.

Vin observou o Prelão Laird a entrar altivamente na sala. Com o cabelo totalmente rapado, como todos os impositores, usava vestes cinzentas-escuras. As tatuagens do Ministério em volta dos seus olhos identificavam-no como um prelão, um burocrata de alto nível no Cantão das Finanças do Ministério. Um conjunto de impositores de mais baixo estatuto seguia-o, com tatuagens oculares muito menos intrincadas.

Camon ergueu-se quando o prelão entrou, num sinal de respeito — algo que mesmo os mais altos dos nobres das Grandes Casas mostrariam a um impositor do nível de Laird. Laird não esboçou qualquer vénia ou cumprimento, avançando simplesmente em passos largos e indo sentar-se na cadeira em frente da secretária de Camon. Um dos membros do bando que faziam de criados correu em frente, levando vinho gelado e fruta ao impositor.

Laird remexeu na fruta, deixando o criado ficar obedientemente em pé, com a bandeja de comida na mão como se fosse uma peça de mobília.

— Lorde Jedue — acabou Laird por dizer. — Estou contente por finalmente termos a oportunidade de nos conhecermos.

— Tal como eu, Vossa Graça — disse Camon.

— Lembrai-me, mais uma vez, por que motivo não pudestes vir ao edifício do Cantão, pedindo em vez disso que eu vos visitasse aqui?

— Os meus joelhos, Vossa Graça — disse Camon. — Os meus médicos recomendam que eu viaje o mínimo possível.

E estavas compreensivelmente apreensivo com a perspectiva de seres atraído para dentro de um reduto do Ministério, pensou Vin.

— Entendo — disse Laird. — Maus joelhos. Uma característica infeliz para um homem que lida com transportes.

— Não tenho de fazer as viagens, Vossa Graça — disse Camon, baixando a cabeça. — Só de as organizar.

Ótimo, pensou Vin. *Procura manter-te subserviente, Camon. Precisas de parecer desesperado.*

Vin precisava de que aquela burla tivesse sucesso. Camon ameaçava-a e espancava-a — mas via nela um amuleto de boa sorte. Não tinha a

certeza de saber por que motivo os planos dele corriam melhor quando ela estava na sala, mas aparentemente ele fizera a ligação. Isso tornava-a valiosa — e Reen sempre dissera que a maneira mais segura de se ficar vivo no submundo era tornar-se indispensável.

— Entendo — voltou Laird a dizer. — Bem, temo que o nosso encontro tenha chegado tarde de mais para os vossos fins. O Cantão das Finanças já votou a vossa proposta.

— Tão depressa? — perguntou Camon com genuína surpresa.

— Sim — respondeu Laird, bebendo um gole do seu vinho, ainda sem mandar o criado embora. — Decidimos não aceitar o vosso contrato.

Camon ficou um momento atordoadado.

— Lamento ouvir isso, Vossa Graça.

O Laird veio ao teu encontro, pensou Vin. Isso quer dizer que ainda está em posição de negociar.

— De facto — prosseguiu Camon, vendo o que Vin vira. — Isso é especialmente lamentável porque eu estava pronto para fazer ao Ministério uma oferta ainda melhor.

Laird ergueu uma sobrelanceira tatuada.

— Duvido que importe. Há um elemento no Conselho que é da opinião que o Cantão receberia um serviço melhor se encontrássemos uma casa mais estável para transportar a nossa gente.

— Isso seria um grave erro — disse Camon, melífluamente. — Sejamos francos, Vossa Graça. Ambos sabemos que este contrato é a última hipótese da Casa Jedue. Agora que perdemos o negócio Farwan, já não conseguimos dar-nos ao luxo de trazer os nossos barcos para Luthadel. Sem o Ministério como cliente, o destino financeiro da minha casa está traçado.

— Isso está a fazer muito pouco para me convencer, Senhoria — disse o impositor.

— Está, não está? — perguntou Camon. — Interrogai-vos sobre o seguinte, Vossa Graça: quem vos servirá melhor? Será a casa que tem dúzias de contratos a dividir a sua atenção, ou a casa que vê o vosso contrato como a sua última esperança? O Cantão das Finanças não encontrará sócio mais dócil do que o que está desesperado. Permite que sejam os meus barcos a trazer do Norte os vossos acólitos, permite que sejam os meus soldados a escoltá-los, e não ficareis desiludido.

Muito bem, pensou Vin.

— Estou... a ver — disse o impositor, agora perturbado.

— Eu estaria disposto a fazer convosco um contrato alargado, ao preço fixo de cinquenta caixarcos por cabeça e por viagem, Vossa Graça.

Os vossos acólitos poderão viajar nos nossos barcos como quiserem, e terão sempre as escoltas de que necessitarem.

O impositor ergueu uma sobrancelha.

— Isso é metade do preço anterior.

— Já vo-lo tinha dito — disse Camon. — Estamos desesperados. A minha casa *precisa* de manter os barcos em movimento. Cinquenta caixarcos não nos darão lucro, mas isso não importa. Depois de termos o contrato do Ministério para nos dar estabilidade, poderemos arranjar outros contratos para nos encherem os cofres.

Laird ficou pensativo. Era um negócio fabuloso — um negócio que numa situação normal poderia parecer suspeito. Contudo, a apresentação de Camon criava a imagem de uma casa à beira do colapso financeiro. O outro chefe de bando, Theron, passara cinco anos a arquitetar, a vigiar e a burlar para criar aquele momento. O Ministério seria negligente se não avaliasse a oportunidade.

Laird estava a aperceber-se disso mesmo. O Ministério de Aço não era apenas a força da burocracia e da autoridade legal no Império Final — era como uma casa nobre. Quanto mais riqueza possuísse, quanto melhores fossem os seus próprios contratos mercantis, mais influência tinham os vários Cantões do Ministério uns sobre os outros... e sobre as casas nobres.

Contudo, Laird ainda estava claramente hesitante. Vin via a expressão nos seus olhos, a suspeita que bem conhecia. Ele não ia aceitar o contrato.

Agora, pensou Vin, é a minha vez.

Vin usou a sua Sorte em Laird. Estendeu a mente por instinto — sem ter bem a certeza do que estava a fazer, ou mesmo do motivo por que era capaz de o fazer. Mas o seu toque era instintivo, treinado durante anos de prática subtil. Já tinha dez anos quando se apercebera de que as outras pessoas não eram capazes de fazer o que ela fazia.

Fez pressão sobre as emoções de Laird, atenuando-as. Ele ficou menos desconfiado, menos temeroso. Dócil. As suas preocupações desvaneceram-se, e Vin viu uma calma sensação de controlo começar a afirmar-se nos seus olhos.

No entanto, Laird ainda parecia ligeiramente incerto. Vin empurrou com mais força. Ele inclinou a cabeça, com um ar pensativo. Abriu a boca para falar, mas ela voltou a empurrá-lo, esgotando desesperadamente a sua última pitada de Sorte.

Ele voltou a hesitar.

— Muito bem — disse por fim. — Levarei esta nova proposta ao Conselho. Talvez ainda seja possível chegar-se a um acordo.

...

Se os homens lerem estas palavras, saibam que o poder é um fardo pesado. Não procureis ficar amarrados pelas suas correntes. As profecias de Terris dizem que eu terei o poder de salvar o mundo.

Sugere, contudo, que também terei o poder de o destruir.



2

NA OPINIÃO DE KELSIER, a cidade de Luthadel — sede do Senhor Soberano — era um cenário sombrio. A maioria dos edifícios fora construída de blocos de pedra, com telhados de telha para os ricos e simples telhados bicudos de madeira para os restantes. Os edifícios estavam aglomerados, muito próximos uns dos outros, fazendo-os parecer atarracados apesar de terem geralmente a altura de três andares.

As habitações e lojas possuíam uma aparência uniforme; aquele não era lugar para chamar a atenção para si. A menos, claro, que se fosse membro da alta nobreza.

Espalhadas pela cidade, havia cerca de uma dúzia de fortalezas monolíticas. Intrincadas, com filas de coruchéus semelhantes a lanças ou profundas arcadas, esses eram os lares da alta nobreza. De facto, eram a *marca distintiva* de uma família da alta nobreza: qualquer família que pudesse dar-se ao luxo de construir uma fortaleza e manter uma presença evidente em Luthadel era vista como uma Grande Casa.

A maioria do terreno aberto na cidade situava-se em redor dessas fortalezas. As extensões de espaço em volta das habitações eram como clareiras numa floresta, e as fortalezas propriamente ditas como montes solitários a erguer-se acima do resto da paisagem. Montanhas negras. Tal como o resto da cidade, as fortalezas estavam manchadas por incontáveis anos de quedas de cinzas.

Todos os edifícios em Luthadel — na prática todos os edifícios que Kelsier vira na vida — tinham sido enegrecidos até certo ponto. Até a muralha da cidade, sobre a qual Kelsier agora se encontrava, estava enegrecida por uma patina de fuligem. Os edifícios eram geralmente mais escuros no topo, onde a cinza se juntava, mas as águas das chuvas e as condensações noturnas tinham levado as manchas a ultrapassar parapeitos e a descer paredes. Como tinta a escorrer por uma tela, a escuridão parecia descer os lados dos edifícios num gradiente irregular.

As ruas, claro, eram completamente negras. Kelsier manteve-se à es-

pera, examinando a cidade enquanto um grupo de trabalhadores skaa trabalhava nas ruas lá em baixo, limpando os últimos montes de cinza. Levá-la-iam para o Rio Channerel, que atravessava o centro da cidade, atirando as pilhas de cinza para o rio as levar, e evitando que a cinza se acumulasse e acabasse por soterrar a cidade. Por vezes, Kelsier perguntava a si próprio por que motivo o império inteiro não era só um grande monte de cinza. Supunha que a cinza devia acabar por se decompor, transformando-se em solo. Contudo, era necessário um esforço ridículamente grande para manter cidades e campos suficientemente limpos para serem usados.

Felizmente, havia sempre skaa suficientes para executar o trabalho. Os trabalhadores por baixo dele usavam casacos e calças simples, manchados de cinza e gastos. Tal como os trabalhadores das plantações que deixara para trás várias semanas antes, trabalhavam com movimentos abatidos e desencorajados. Outros grupos de skaa passavam pelos trabalhadores, respondendo aos sinos que tocavam à distância, repicando as horas e chamando-os para o trabalho matinal nas forjas ou azenhas. A principal exportação de Luthadel era metal; a cidade albergava centenas de forjas e refinarias. No entanto, as correntes do rio forneciam excelentes localizações para azenhas, tanto para moer cereais como para fabricar têxteis.

Os skaa continuavam a trabalhar. Kelsier afastou deles o olhar, dirigindo-o para a distância, na direção do centro da cidade, onde o palácio do Senhor Soberano se erguia como alguma espécie de gigantesco inseto multiespinhoso. Kredik Shaw, a Colina das Mil Agulhas. O palácio era várias vezes maior do que qualquer fortaleza nobre, e era, de longe, o maior edifício da cidade.

Outra queda de cinzas começou enquanto Kelsier contemplava a cidade, com flocos que caíam levemente nas ruas e edifícios. *Montes de quedas de cinzas nos últimos tempos*, pensou ele, satisfeito com a desculpa para erguer o capuz do manto. *Os Montes de Cinza devem estar ativos.*

Era improvável que alguém em Luthadel o reconhecesse — tinham-se passado três anos desde a sua captura. Mesmo assim, o capuz era reconfortante. Se tudo corresse bem, chegaria um momento em que Kelsier iria querer ser visto e reconhecido. Por agora, o anonimato era provavelmente melhor.

Por fim, uma figura aproximou-se ao longo da muralha. O homem, Dockson, era mais baixo do que Kelsier, e tinha uma cara quadrada que parecia apropriada para a sua constituição moderadamente atarracada. Um manto castanho com capuz igual a tantos outros cobria-lhe o cabelo

negro, e usava a mesma meia barba curta que ostentava desde que da sua cara tinham pela primeira vez brotado pelos uns vinte anos antes.

Ele, tal como Kelsier, usava um fato de nobre: colete colorido, casaco e calças escuros, e um manto fino para manter a cinza afastada. A roupa não era luxuosa, mas era aristocrática — indicativa da classe média de Luthadel. A maior parte dos homens de nascimento nobre não eram suficientemente ricos para serem considerados membros de uma Grande Casa — no entanto, no Império Final, a nobreza não era só uma questão de dinheiro. Era uma questão de linhagem e história; o Senhor Soberano era imortal, e aparentemente ainda se lembrava dos homens que o tinham apoiado durante os anos iniciais do seu reinado. Os descendentes desses homens, por mais pobres que se tornassem, seriam sempre favorecidos.

A roupa evitaria que as patrulhas de guardas que passassem fizessem demasiadas perguntas. Nos casos de Kelsier e Dockson, claro, essa roupa era uma mentira. Nenhum dos dois era realmente nobre — embora, tecnicamente, Kelsier fosse mestiço. De muitas maneiras, no entanto, isso era pior do que ser só um skaa normal.

Dockson aproximou-se a passos largos de Kelsier, e depois encostou-se às ameias, pousando na pedra um par de braços robustos.

— Vens uns dias atrasado, Kell.

— Decidi fazer umas quantas paragens adicionais nas plantações a norte.

— Ah — disse Dockson. — Então *tiveste* qualquer coisa a ver com a morte do Lorde Tresting.

Kelsier sorriu.

— Pode-se dizer isso.

— O assassinio dele causou um belo rebuliço entre a nobreza local.

— Era mais ou menos essa a intenção — disse Kelsier. — Se bem que, para falar com franqueza, eu não tivesse planeado nada de tão dramático. Foi quase mais um acidente do que outra coisa qualquer.

Dockson ergueu uma sobrancelha.

— Como é que matas “acidentalmente” um nobre na sua própria mansão?

— Com uma faca no peito — disse Kelsier com ligeireza. — Ou melhor, com um par de facas no peito... compensa sempre ser cauteloso.

Dockson revirou os olhos.

— A morte dele não é propriamente uma perda, Dox — disse Kelsier. — Mesmo entre a nobreza, Tresting tinha uma reputação de crueldade.

— Não me importo com o Tresting — disse Dockson. — Só estou a pensar no estado de insanidade que me levou a planear outro serviço

contigo. Atacar um senhor provincial no seu solar, rodeado por guardas... A sério, Kell, já quase me tinha esquecido de como tu consegues ser temerário.

— Temerário? — perguntou Kelsier com uma gargalhada. — Aquilo não foi ser temerário... aquilo foi só uma pequena distração. Devias ver algumas das coisas que estou a *planear* fazer!

Dockson ficou um momento calado, depois também riu.

— Pelo Senhor Soberano, é bom ter-te de volta, Kell! Temo que me tenha tornado bastante aborrecido nos últimos anos.

— Vamos resolver isso — prometeu Kelsier. Respirou fundo, com cinza a cair levemente à sua volta. As equipas de limpeza skaa já estavam de volta ao trabalho nas ruas, lá em baixo, varrendo a cinza escura. Por trás deles, uma patrulha de guardas aproximou-se, acenando a Kelsier e a Dockson. Estes esperaram em silêncio até os homens passarem.

— É bom estar de volta — disse finalmente Kelsier. — Há algo de caseiro em Luthadel... mesmo que a cidade seja uma fossa deprimente e rígida. Tens a reunião organizada?

Dockson confirmou com a cabeça.

— Mas não podemos começar até hoje à noite. Já agora, como foi que entraste? Pus homens a vigiar as portas.

— Hmm? Oh, entrei à socapa ontem à noite.

— Mas como... — Dockson calou-se. — Ah, certo. Vou ter de me habituar a isso.

Kelsier encolheu os ombros.

— Não vejo porquê. Trabalhas sempre com brumeiros.

— Sim, mas isto é diferente — disse Dockson. Ergueu uma mão para se adiantar a mais argumentos. — Não é necessário, Kell. Não estou a esquivar-me... só disse que vou ter de me habituar.

— Está bem. Quem vem esta noite?

— Bem, o Brisa e o Ham vão estar lá, claro. Estão muito curiosos com este nosso serviço misterioso... já para não falar de bastante aborrecidos por eu não lhes querer dizer o que tens andado a fazer nos últimos anos.

— Ótimo — disse Kelsier com um sorriso. — Eles que fiquem curiosos. E o Trap?

Dickson abanou a cabeça.

— O Trap está morto. O Ministério finalmente apanhou-o há um par de meses. Nem sequer perderam tempo a mandá-lo para os Poços: decapitaram-no no local.

Kelsier fechou os olhos, exalando devagar. Parecia que o Ministério de Aço acabava sempre por apanhar toda a gente. Por vezes, Kelsier

sentia que a vida de um brumeiro skaa não era tanto uma questão de sobreviver como de escolher o momento certo para morrer.

— Isso deixa-nos sem um fumador — acabou Kelsier por dizer, abrindo os olhos. — Tens alguma sugestão?

— O Ruivo — disse Dockson.

Kelsier abanou a cabeça.

— Não. Ele é um bom fumador, mas não é suficientemente bom como homem.

Dockson sorriu.

— Não é suficientemente bom como homem para estar num bando de ladrões... Kell, eu tinha *mesmo* saudades de trabalhar contigo. Está bem, então quem?

Kelsier pensou por um momento.

— O Coxo ainda gere aquela sua loja?

— Que eu saiba, sim — disse Dockson devagar.

— Diz-se que ele é um dos melhores fumadores da cidade.

— Suponho que sim — disse Dockson. — Mas... não se diz também que é meio difícil trabalhar com ele?

— Não é assim tão mau — disse Kelsier. — Não é, depois de te habituares a ele. Além disso, acho que ele pode ser... especialmente recetivo a este serviço.

— Está bem — disse Dockson, encolhendo os ombros. — Eu convindo-o. Acho que um dos parentes dele é Vista-de-Estanho. Queres que o convide também?

— Parece-me bem — disse Kelsier.

— Está bem — disse Dockson. — Bom, para além disso só resta Yeden. Partindo do princípio de que continua interessado...

— Ele estará lá — disse Kelsier.

— É melhor que esteja — disse Dockson. — Afinal de contas, quem nos vai pagar é ele.

Kelsier confirmou com a cabeça, após o que franziu o sobrolho.

— Não mencionaste o Marsh.

Dockson encolheu os ombros.

— Eu avisei-te. O teu irmão nunca aprovou os nossos métodos, e agora... bem, tu conheces o Marsh. Já não quer ter nada a ver com o Yeden e com a rebelião, quanto mais com um bando de criminosos como nós. Acho que vamos ter de encontrar outra pessoa para se infiltrar entre os impositores.

— Não — disse Kelsier. — Ele trata disso. Só vou ter de lhe fazer uma visita para o convencer.

— Se tu o dizes. — Dockson silenciou-se, e os dois ficaram cala-

dos por um momento, encostados ao parapeito e olhando para a cidade manchada de cinza.

Dockson acabou por abanar a cabeça.

— Isto é uma maluquice, hã?

Kelsier sorriu.

— Dá uma sensação boa, não dá?

Dockson concordou com a cabeça.

— Fantástica.

— Vai ser um serviço como nenhum outro — disse Kelsier, olhando para norte... pela cidade fora, na direção do retorcido edifício no seu centro.

Dockson afastou-se do muro.

— Temos algumas horas antes da reunião. Há uma coisa que te quero mostrar. Acho que ainda há tempo... se nos apressarmos.

Kelsier virou-se com olhos curiosos.

— Bem, eu ia dar uma ensaboadela no pudico do meu irmão. Mas...

— Isto vai valer o teu tempo — prometeu Dockson.

Vin estava sentada no canto do covil principal do esconderijo. Mantinha-se nas sombras, como sempre; quanto mais longe da vista ficasse, mais os outros a ignorariam. Não se podia dar ao luxo de gastar Sorte para manter as mãos dos homens longe dela. Mal tivera tempo para regenerar a que usara alguns dias antes, durante o encontro com o impositor.

A gentilha do costume preguiçava às mesas que havia na sala, jogando aos dados ou discutindo serviços de somenos. Fumo vindo de uma dúzia de cachimbos acumulava-se no topo do aposento, e as paredes encontravam-se manchadas de escuro por incontáveis anos de um tratamento semelhante. O chão estava escurecido por manchas de cinza. Tal como a maioria dos bandos de ladrões, o grupo de Camon não era conhecido pela limpeza.

Havia uma porta ao fundo da sala, e atrás dela uma escada retorcida de pedra que levava a uma sarjeta falsa numa viela. Aquela sala, como tantas outras escondidas na capital imperial de Luthadel, não devia existir.

Rudes gargalhadas vinham da parte da frente da sala, onde se encontrava Camon com meia dúzia de compinchas a desfrutar de uma típica tarde de cerveja e piadas grosseiras. A mesa de Camon estava ao lado do balcão, onde as bebidas demasiado caras eram simplesmente outra das maneiras que Camon tinha de explorar os que trabalhavam para ele. A

população criminosa de Luthadel aprendera bastante bem as lições ensinadas pela nobreza.

Vin fazia os possíveis por permanecer invisível. Seis meses antes, não teria acreditado que a sua vida podia piorar sem Reen. No entanto, apesar da ira abusiva do irmão, ele evitara que os outros membros do bando fizessem o que quisessem com Vin. Havia relativamente poucas mulheres nos bandos de ladrões; geralmente, as mulheres que se envolviam com o submundo acabavam como prostitutas. Reen sempre lhe dissera que uma rapariga tinha de ser dura — mais dura, até, do que um homem — se quisesse sobreviver.

Achas que algum chefe de bando vai querer um ponto fraco como tu na sua equipa?, dissera ele. *Nem eu quero ter de trabalhar contigo, e sou teu irmão.*

Ainda sentia as costas a latejar; Camon chicoteara-a no dia anterior. O sangue ia estragar-lhe a camisa, e ela não teria possibilidade de comprar outra. Camon ficava-lhe sempre com os pagamentos para cobrir as dívidas que Reen deixara.

Mas eu sou forte, pensou.

A ironia era essa. Os espancamentos quase já nem doíam, pois os frequentes maus-tratos de Reen tinham deixado Vin resistente, ensinando-a ao mesmo tempo a parecer patética e debilitada. Em certa medida, os espancamentos derrotavam-se a si próprios. Nódoas negras e vergões saravam, mas cada nova chicotada deixava Vin mais endurecida. Mais forte.

Camon levantou-se. Enfiou a mão no bolso do colete e tirou de lá o relógio de bolso em ouro. Acenou a um dos companheiros, após o que percorreu a sala com os olhos à procura... dela.

Os seus olhos fixaram-se nos de Vin.

— Está na hora.

Vin franziu o sobrolho. *Na hora de quê?*

O Cantão das Finanças do Ministério era um edifício imponente — mas a verdade era que *tudo* no Ministério de Aço tendia a ser imponente.

Alto e quadrado, o edifício possuía uma enorme rosácea na fachada, embora o vidro se apresentasse escuro de fora. Duas grandes faixas pendiam de ambos os lados da janela, e o seu pano vermelho manchado de fuligem proclamava encómios ao Senhor Soberano.

Camon estudou o edifício com um olho crítico. Vin conseguia sentir a apreensão dele. O Cantão das Finanças estava longe de ser a mais ameaçadora das instalações do Ministério — o Cantão da Inquisição, ou

até o Cantão da Ortodoxia tinham uma reputação muito mais tenebrosa. Contudo, entrar voluntariamente em quaisquer instalações do Ministério... colocar-se em poder dos impositores... bem, isso era algo que só se faria depois de refletir seriamente.

Vin seguiu Camon pelas escadas acima, e depois esperou quando um dos membros do bando saltou em frente para abrir a porta ao seu “amo”. Dos seis criados, só Vin parecia não ter recebido nenhuma informação sobre o plano de Camon. De forma suspeita, Theron — o suposto sócio de Camon na burla do Ministério — não se via em parte alguma.

Vin entrou no edifício do Cantão. Vibrante luz vermelha, salpicada de linhas de azul, caía da rosácea. Um único impositor, com tatuagens de nível intermédio em volta dos olhos, estava sentado atrás de uma secretária na outra ponta da longa entrada.

Camon aproximou-se, batendo com a bengala no tapete enquanto caminhava.

— Sou o Lorde Jedue — disse.

Que estás tu a fazer, Camon?, pensou Vin. Insististe com Theron que não te encontrarias com o Prelão Laird no seu gabinete no Cantão. E no entanto, aqui estamos agora.

O impositor acenou com a cabeça, fazendo uma anotação no seu livro de registos. Acenou para um lado.

— Podeis levar um criado convosco para a sala de espera. Os outros têm de permanecer aqui.

O sopro de desdém de Camon indicou o que ele pensava de tal proibição. O impositor, contudo, não ergueu o olhar do seu livro de registos. Camon ficou um momento parado, e Vin não conseguiu perceber se estaria genuinamente zangado ou apenas a desempenhar o papel de um nobre arrogante. Por fim, espetou um dedo em Vin.

— Vem — disse, virando-se e bamboleando na direção da porta indicada.

A sala do outro lado era faustosa, e vários nobres recostavam-se em várias posturas de espera. Camon escolheu uma cadeira e instalou-se nela, após o que apontou para uma mesa onde se via vinho e bolos com uma cobertura vermelha. Vin foi obedientemente buscar-lhe um copo de vinho e uma bandeja de comida, ignorando a sua própria fome.

Camon atacou os bolos com ar esfomeado, dando pequenos estalinhos com a língua enquanto comia.

Ele está nervoso. Ainda mais nervoso do que antes.

— Depois de entrarmos, tu não dizes nada — resmungou Camon entre dentadas.

— Está a trair Theron — sussurrou Vin.

Camon confirmou com a cabeça.

— Mas como? Porquê? — O plano de Theron era de execução complexa mas de conceito simples. Todos os anos, o Ministério transferia os seus novos impositores acólitos de uma instalação de treino situada a norte para Luthadel, para a conclusão da instrução. Theron descobrira, contudo, que esses acólitos e os seus supervisores traziam consigo enormes quantidades de fundos do Ministério — disfarçados de bagagem — para serem guardados nas caixas-fortes de Luthadel.

O banditismo era muito difícil no Império Final, dadas as constantes patrulhas pelas rotas dos canais. No entanto, se se estivesse a gerir os próprios barcos em que os acólitos navegariam, um assalto poderia tornar-se possível. Organizado no momento exato... com os guardas a virar-se contra os passageiros... um homem podia conseguir um lucro bastante elevado e depois atirar todas as culpas para os bandidos.

— O bando de Theron é fraco — disse Camon em voz baixa. — Ele gastou demasiados recursos neste serviço.

— Mas o lucro que vai conseguir... — disse Vin.

— Nunca acontecerá se eu ganhar o que puder agora e depois fugir — disse Camon, sorrindo. — Vou convencer os impositores a dar-me um adiantamento para pôr a caravana de barcos a flutuar, e depois desaparecer, deixando Theron a lidar com o desastre quando o Ministério perceber que foi vigarizado.

Vin recuou, ligeiramente chocada. A preparação de um embuste como aquele devia ter custado a Theron milhares e milhares de caixarcos — se o negócio falhasse agora, ele ficaria arruinado. E, com o Ministério no seu encalço, nem sequer teria tempo para procurar obter vingança. Camon faria um lucro rápido, ao mesmo tempo que se livrava de um dos seus rivais mais poderosos.

Theron foi um parvo por trazer Camon para isto, pensou Vin. Mas a verdade era que o montante que Theron prometera a Camon era grande; provavelmente supusera que a ganância de Camon o manteria honesto até o próprio Theron poder atraí-lo. Camon limitara-se a agir mais depressa do que toda a gente, até mesmo Vin, esperara. Como poderia Theron saber que Camon sabotaria o próprio serviço em vez de esperar para tentar roubar tudo da caravana de barcos?

O estômago de Vin torceu-se. *É só mais uma traição*, pensou, nauseada. *Porque é que ainda me incomoda tanto? Toda a gente trai toda a gente. A vida é assim...*

Desejou encontrar um canto — algum lugar acanhado e isolado — e esconder-se. Sozinha.

Qualquer um te trairá. Qualquer um.

Mas não havia sítio para onde ir. Algum tempo mais tarde, um impositor de baixo nível entrou e chamou o Lorde Jedue. Vin seguiu Camon quando foram introduzidos numa sala de audiências.

O homem que esperava lá dentro, sentado atrás da mesa de audiências, não era o Prelão Laird.

Camon fez uma pausa na soleira da porta. A sala era austera, contendo apenas a secretária e um simples tapete cinzento. As paredes de pedra não mostravam adornos, e a única janela mal tinha a largura de uma mão. O impositor que os esperava tinha algumas das tatuagens mais intrincadas em volta dos olhos que Vin vira na vida. Nem sequer sabia bem que nível implicavam, mas prolongavam-se até às orelhas do impositor e pela sua testa.

— Lorde Jedue — disse o impositor desconhecido. Tal como Laird, usava vestes cinzentas, mas era muito diferente do homem severo e burocrático com que Camon lidara antes. Aquele homem era esguio de uma forma musculosa, e a sua cabeça rapada e triangular dava-lhe um aspeto quase predatório.

— Fui levado a crer que me iria encontrar com o Prelão Laird — disse Camon, ainda sem entrar na sala.

— O Prelão Laird foi chamado para outros assuntos. Sou o Alto Prelão Arriev... chefe da comissão que examinou a vossa proposta. Tendes a rara oportunidade de vos dirigirdes diretamente a mim. Normalmente não lido pessoalmente com a apresentação de casos, mas a ausência de Laird obrigou-me a executar parte do seu trabalho.

Os instintos de Vin deixaram-na tensa. *Devíamos ir-nos embora. Já.*

Camon ficou um longo momento parado, e Vin conseguia vê-lo a refletir. Fugir já? Ou correr o risco de um prémio maior? Vin não queria saber de prémios; só desejava viver. Camon, contudo, não se tornara chefe de bando sem lançar ocasionalmente os dados. Entrou lentamente na sala, com os olhos cautelosos ao ocupar o lugar em frente do impositor.

— Bem, Alto Prelão Arriev — disse Camon com uma voz cautelosa. — Parto do princípio de que, uma vez que fui chamado para outra reunião, a comissão está a pensar aceitar a minha oferta?

— De facto estamos — disse o impositor. — Embora eu deva admitir que há alguns membros do Conselho que estão apreensivos em lidar com uma família que se encontra tão perto do desastre económico. O Ministério geralmente prefere ser conservador nas suas operações financeiras.

— Entendo.

— Mas — disse Arriev — há outros na comissão que estão bastante ansiosos por se aproveitarem das poupanças que nos ofereceis.

— E com que grupo vos identificais, Vossa Graça?

— Eu, por enquanto, ainda não tomei uma decisão. — O impositor inclinou-se para a frente. — Motivo pelo qual fiz o comentário sobre terdes uma oportunidade rara. Convençei-me, Lorde Jedue, e tereis o vosso contrato.

— Certamente que o Prelão Laird delineou os detalhes da nossa oferta — disse Camon.

— Sim, mas eu gostaria de ouvir pessoalmente os argumentos vindos de vós. Fazei-me a vontade.

Vin franziu o sobrolho. Permanecia atrás, junto da porta, ainda meio convencida de que devia fugir.

— Então? — perguntou Arriev.

— Nós precisamos deste contrato, Vossa Graça — disse Camon. — Sem ele não conseguiremos continuar as nossas operações de navegação pelos canais. O vosso contrato dar-nos-á um muito necessário período de estabilidade... uma hipótese de conservar as nossas caravanas de barcos durante algum tempo enquanto procuramos outros contratos.

Arriev estudou Camon por um momento.

— Decerto podeis fazer melhor do que isso, Lorde Jedue. Laird disse que fostes muito persuasivo... deixai-me ouvir-vos *provar* que mereceis o nosso patrocínio.

Vin preparou a sua Sorte. Podia tornar Arriev mais inclinado a acreditar... mas algo a conteve. A situação parecia-lhe errada.

— Nós somos a vossa melhor escolha, Vossa Graça — disse Camon. — Temeis que a minha casa sofra uma quebra económica? Bem, se sofrer, que perdestes? No pior dos casos, os meus barcos pararão de navegar, e vós tereis de encontrar outros mercadores com quem lidar. Mas se a vossa freguesia for suficiente para manter a minha casa, então tereis encontrado um invejável contrato de longo prazo.

— Estou a ver — disse Arriev com ligeireza. — E porquê o Ministério? Porque não fazer o vosso negócio com quaisquer outros? Decerto que há outras opções para os vossos barcos... outros grupos que saltariam perante tais preços.

Camon franziu o sobrolho.

— A questão aqui não é o dinheiro, Vossa Graça, é a vitória, a exibição de confiança, que obteríamos tendo um contrato do Ministério. Se confiardes em nós, outros também confiarão. Eu *preciso* do vosso apoio. — Camon estava agora a suar. Provavelmente estaria a arrepender-se do risco corrido. Teria sido traído? Estaria Theron por trás daquela estranha reunião?

O impositor aguardou em silêncio. Vin sabia que o homem podia destruí-los. Se sequer suspeitasse de que estavam a burlá-lo, podia entregá-los ao Cantão da Inquisição. Mais de um nobre entrara num edifício de um Cantão para nunca mais regressar.

Rangendo os dentes, Vin estendeu a mente e usou a Sorte no impositor, tornando-o menos desconfiado.

Arriev sorriu.

— Bem, convencestes-me — declarou de súbito.

Camon suspirou de alívio.

Arriev prosseguiu:

— A vossa carta mais recente sugeria que precisáveis de três mil caixos como adiantamento para renovar o equipamento e reatar as operações de navegação. Falai com o escriba no átrio principal para concluir a papelada a fim de poderdes requisitar os fundos necessários.

O impositor tirou uma folha de grosso papel burocrático de uma pilha e depois carimbou um selo no fim. Entregou-a a Camon.

— O vosso contrato.

Camon fez um largo sorriso.

— Eu sabia que vir ao Ministério era a decisão mais sensata — disse, aceitando o contrato. Pôs-se em pé, acenando respeitosamente ao impositor, e de seguida ordenou por gestos a Vin para lhe abrir a porta.

Foi o que ela fez. *Há algo de errado. Há algo de muito errado.* Parou enquanto Camon seguia, olhando para o impositor. Este ainda estava a sorrir.

Um impositor feliz era sempre mau sinal.

No entanto, ninguém os fez parar quando passaram pela sala de espera com os seus nobres ocupantes. Camon carimbou e entregou o contrato ao escriba apropriado, e nenhum soldado apareceu para os prender. O escriba pegou num pequeno cofre cheio de moedas, após o que o entregou a Camon com uma mão indiferente.

Depois, simplesmente saíram do edifício do Cantão, enquanto Camon juntava à sua volta os restantes criados com um alívio evidente. Nada de gritos de alarme. Nada de soldados a marchar. Estavam livres. Camon conseguira burlar tanto o Ministério como outro chefe de bando.

Aparentemente.

Kelsier enfiou na boca mais um dos pequenos bolos com cobertura vermelha, mastigando com satisfação. O ladrão gordo e a sua criada magriçela passaram pela sala de espera, entrando no átrio. O impositor que reunira com os dois ladrões permaneceu no seu gabinete, aparentemente à espera da reunião seguinte.

— Então? — perguntou Dockson. — Que te parece?

Kelsier deitou uma olhadela aos bolos.

— São bastante bons — disse, pegando em mais um. — O Ministério sempre teve excelente gosto... faz sentido que forneçam petiscos de qualidade superior.

Dockson revirou os olhos.

— Falo da rapariga, Kell.

Kelsier sorriu enquanto empilhava na mão quatro dos bolos e depois indicava a porta com a cabeça. A sala de espera do Cantão estava a ficar demasiado movimentada para a discussão de assuntos delicados. A caminho da saída, fez uma pausa para dizer ao impositor secretário ao canto que iam ter de remarcar para outro dia.

Depois, os dois atravessaram o átrio — passando pelo chefe de bando obeso, que estava a falar com um escrivão. Kelsier saiu para a rua, ergueu o capuz contra a cinza que ainda caía e depois seguiu à frente para o outro lado da rua. Parou junto de uma viela, de onde ele e Dockson poderiam observar as portas do edifício do Cantão.

Kelsier mastigava com contentamento os seus bolos.

— Como foi que a descobriste? — perguntou entre dentadas.

— O teu irmão — respondeu Dockson. — O Camon tentou intrujar o Marsh há alguns meses, e nessa altura também levou com ele a rapariga. Na verdade, o pequeno amuleto de boa sorte de Camon está a tornar-se moderadamente famoso nos círculos certos. Ainda não tenho a certeza se ele sabe o que ela é ou não. Sabes como os ladrões se podem tornar supersticiosos.

Kelsier confirmou com a cabeça, sacudindo as mãos.

— Como soubeste que ela ia estar aqui hoje?

Dockson encolheu os ombros.

— Uns quantos subornos nos lugares certos. Tenho mantido a rapariga debaixo de olho desde que o Marsh ma indicou. Quis dar-te a oportunidade de a veres trabalhar pessoalmente.

Do outro lado da rua, a porta do edifício do Cantão finalmente abriu-se e Camon desceu as escadas rodeado por um grupo de “criados.” A pequena rapariga de cabelo curto vinha com ele. Vê-la fez Kelsier franzir o sobrolho. Tinha nos passos uma ansiedade nervosa, e saltava ligeiramente sempre que alguém fazia um movimento rápido. O lado direito da sua cara ainda estava ligeiramente manchado por uma nódoa negra parcialmente sarada.

Kelsier olhou para o presunçoso Camon. *Vou ter de arranjar algo particularmente adequado para fazer àquele homem.*

— Pobrezinha — murmurou Dockson.

Kelsier concordou com a cabeça.

— Ela vai ficar livre dele bem depressa. É de espantar que ninguém a tenha descoberto até agora.

— Então o teu irmão tinha razão?

Kelsier confirmou com a cabeça.

— É pelo menos uma brumeira e, se o Marsh diz que é mais, inclino-me a acreditar. Estou um pouco surpreendido por a ver a usar alo-mância num membro do Ministério, especialmente dentro de um edifício do Cantão. Imagino que não sabe sequer que está a usar as suas capacidades.

— Isso é possível? — perguntou Dockson.

Kelsier acenou afirmativamente.

— Vestígios minerais na água podem ser queimados, ainda que para obter uma quantidade minúscula de poder. Esse é um dos motivos por que o Senhor Soberano construiu aqui a sua cidade... montes de metais no terreno. Eu diria que...

Kelsier silenciou-se, franzindo ligeiramente o cenho. Algo estava errado. Olhou para Camon e o seu bando. Ainda estavam visíveis a pouca distância, atravessando a rua e dirigindo-se para sul.

Uma figura apareceu à porta do edifício do Cantão. Esguio, com um ar confiante, usava as tatuagens de um alto prelão do Cantão das Finanças em volta dos olhos. Provavelmente o homem com que Camon se reunira pouco tempo antes. O impositor saiu do edifício e um segundo homem saiu atrás dele.

Ao lado de Kelsier, Dockson ficou hirto de repente.

O segundo homem era alto, com uma constituição forte. Quando se virou, Kelsier conseguiu ver que um grosso espigão de metal fora enfiado em cada um dos olhos do homem. Com hastes tão largas como uma órbita, os espigões semelhantes a pregos eram suficientemente compridos para as suas pontas aguçadas se projetarem cerca de dois centímetros da parte de trás do crânio rapado do homem. As extremidades planas dos espigões brilhavam como dois discos prateados, saindo das órbitas à frente, onde os olhos deviam estar.

Um Inquisidor de Aço.

— Que está *aquilo* a fazer aqui? — perguntou Dockson.

— Fica calmo — disse Kelsier, tentando forçar-se a fazer o mesmo. O inquisidor olhou na direção deles, fitando Kelsier com os espigões dos olhos, antes de se virar na direção que Camon e a rapariga tinham seguido. Como todos os inquisidores, tinha intrincadas tatuagens oculares, principalmente negras, com uma nítida linha vermelha, que o marcavam como um membro de alto nível do Cantão da Inquisição.

— Não está aqui por nossa causa — disse Kelsier. — Eu não estou a queimar nada... ele vai pensar que somos só nobres comuns.

— A rapariga — disse Dockson.

Kelsier concordou com a cabeça.

— Dizes que o Camon anda a montar esta burla com o Ministério há algum tempo. Bem, a rapariga deve ter sido detetada por um dos impositores. Eles estão treinados para reconhecer quando um alomante lhes manipula as emoções.

Dockson franziu pensativamente o sobrolho. Do outro lado da rua, o inquisidor conferenciava com o outro impositor, após o que os dois se viraram para caminhar na direção em que Camon seguira. Não havia qualquer urgência nos seus passos.

— Devem ter posto alguém a segui-los — disse Dockson.

— Isto é o Ministério — disse Kelsier. — Há de haver dois espões a segui-los, pelo menos.

Dockson concordou com um gesto.

— O Camon vai levá-los diretamente para o esconderijo. Morrerão dúzias de homens. Nem todos são as mais admiráveis das pessoas, mas...

— Eles combatem o Império Final, à sua maneira — disse Kelsier.

— Além disso, não quero deixar que uma possível Nascida nas Brumas nos escape... quero falar com aquela rapariga. Consegues lidar com os espões?

— Eu disse que me tinha tornado aborrecido, Kell — disse Dockson. — Não desleixado. Consigo lidar com um par de lacaios do Ministério.

— Ótimo — disse Kelsier, enfiando uma mão no bolso do manto e puxando para fora um pequeno frasco. No seu interior, uma coleção de flocos de metal flutuava numa solução alcoólica. Ferro, aço, estanho, peltre, cobre, bronze, zinco e latão... os oito metais alomânticos básicos. Kelsier tirou a rolha e engoliu o conteúdo num único trago rápido.

Enfiou no bolso o frasco agora vazio, limpando a boca com a mão.

— Eu trato daquele inquisidor.

Dockson fez uma expressão apreensiva.

— Vais tentar apanhá-lo?

Kelsier abanou a cabeça.

— Demasiado perigoso. Só o vou desviar. E agora põe-te a andar, não queremos que aqueles espões encontrem o esconderijo.

Dockson assentiu.

— Encontramo-nos no décimo quinto cruzamento — disse, antes de entrar na viela e desaparecer numa esquina.

Kelsier deu ao amigo uma contagem até dez antes de estender a

mente para dentro de si e queimar os metais. O seu corpo foi inundado de força, claridade e poder.

Kelsier sorriu; depois — queimando zinco —, estendeu a mente para fora e puxou firmemente pelas emoções do inquisidor. A criatura imobilizou-se no lugar onde se encontrava, após o que girou sobre si própria, olhando para o edifício do Cantão.

Vamos lá agora a uma perseguiçãozinha, tu e eu, pensou Kelsier.

Chegámos a Terris esta semana e, devo dizer, acho a paisagem bela. As grandes montanhas a norte — com as suas coberturas nuas de neve e os seus mantos florestais — erguem-se como deuses vigilantes sobre esta terra de verde-fertilidade. As minhas terras a sul são principalmente planas; julgo que talvez parecessem menos desoladas se houvesse algumas montanhas para variar o terreno.

As pessoas aqui dedicam-se principalmente à pastorícia — embora lenhadores e agricultores não sejam incomuns. É uma terra pastoril, com certeza. Parece estranho que um lugar tão notavelmente agrário possa ter produzido as profecias e teologias das quais depende agora o mundo inteiro.



3

CAMON CONTAVA as suas moedas, deixando cair os caixarcos de ouro um a um no pequeno cofre que estava em cima da mesa. Ainda parecia um pouco atordoado, e tinha razões para isso. Três mil caixarcos eram uma quantidade fabulosa de dinheiro — muito mais do que Camon ganharia mesmo num ano muito bom. Os seus amigalhões mais chegados estavam sentados à mesa com ele, e a cerveja — e as gargalhadas — fluía livremente.

Vin encontrava-se sentada no seu canto, tentando compreender os seus sentimentos de terror. Três mil caixarcos. O Ministério nunca deveria ter aberto mão de uma tal soma tão depressa. O Prelão Arriev parecia demasiado astucioso para ser facilmente enganado.

Camon deixou cair mais uma moeda no cofre. Vin não conseguia decidir se ele estaria a ser parvo ou esperto em fazer uma tal exibição de riqueza. Os bandos do submundo funcionavam segundo um estrito entendimento: toda a gente recebia uma parte dos ganhos na proporção

do seu estatuto dentro do grupo. Embora fosse por vezes tentador matar o chefe de bando e ficar com o dinheiro para si, um chefe bem-sucedido criava mais riqueza para todos. O resultado de o matar prematuramente significaria cortes em ganhos futuros — já para não falar da ira dos outros membros do bando.

Ainda assim, três mil caixarcos... isso seria suficiente para tentar até o mais lógico dos ladrões. Estava tudo errado.

Tenho de sair daqui, decidiu Vin. *Afastar-me de Camon e do esconderijo, para o caso de acontecer alguma coisa.*

E no entanto... partir? Sozinha? Nunca estivera sozinha na vida; sempre tivera Reen. Fora ele a levá-la de cidade em cidade, juntando-se a múltiplos bandos de ladrões. Ela adorava a solidão. Mas a ideia de estar sozinha, na cidade, horrorizava-a. Fora por isso que nunca fugira de Reen; fora por isso que ficara com Camon.

Não podia ir. Mas tinha de ir. Ergueu o olhar do seu canto, percorrendo com ele a sala. Não havia muitas pessoas no bando às quais sentisse alguma espécie de ligação. No entanto, havia alguns que lamentaria ver magoados, no caso de os impositores realmente avançarem contra o bando. Alguns homens que não tinham tentado maltratá-la ou — em casos muito raros — que lhe tinham chegado a mostrar alguma espécie de bondade.

Ulef encontrava-se no topo dessa lista. Não era um amigo, mas era o que mais perto disso tinha, agora que Reen desaparecera. Se ele quisesse ir consigo, então pelo menos não ficaria só. Com cautela, Vin levantou-se e avançou junto à parede até onde Ulef estava a beber com alguns dos membros mais jovens do bando.

Vin puxou pela manga de Ulef. Este virou-se para ela, só ligeiramente bêbado.

— Vin?

— Ulef — sussurrou. — Temos de ir.

Ele franziu o sobrolho.

— Ir? Ir para onde?

— Para fora — sussurrou Vin. — Para fora daqui.

— Agora?

Vin acenou com urgência.

Ulef deitou uma olhadela aos amigos, que estavam aos risinhos uns com os outros, deitando olhares sugestivos a Vin e Ulef.

Ulef corou.

— Queres ir a algum lado, só tu e eu?

— Não assim — disse Vin. — É só... eu tenho de sair do esconderijo. E não quero estar sozinha.

Ulef franziu o sobrolho. Aproximou-se mais, com um ligeiro cheiro a cerveja no seu hálito.

— Qual é a razão disto, Vin? — perguntou em voz baixa.

Vin hesitou.

— Eu... acho que pode acontecer alguma coisa, Ulef — sussurrou.

— Algo com os impositores. Simplesmente não quero estar no esconderijo neste momento.

Ulef ficou um momento em silêncio.

— Está bem — acabou por dizer. — Quanto tempo vai isto demorar?

— Não sei — disse Vin. — Até à noite, pelo menos. Mas temos de ir. *Já.*

Ele anuiu devagar.

— Espera aqui um momento — sussurrou Vin, virando-se. Deitou uma olhadela rápida a Camon, o qual se estava a rir de um dos seus gracejos. Depois percorreu em silêncio a sala cheia de fumo e manchada de cinza até à sala das traseiras do esconderijo.

O lugar que o bando usava para dormir consistia num simples corredor alongado cheio de enxergas. Era apertado e desconfortável, mas era muito melhor do que as vielas frias onde dormira durante os anos em que viajara com Reen.

Vielas a que posso ter de voltar a habituar-me, pensou. Já sobrevivera a elas. Podia fazê-lo de novo.

Foi até à sua enxerga, ouvindo os sons abafados dos homens a rir e a beber na outra sala. Vin ajoelhou-se, olhando para os escassos objetos que possuía. Se alguma coisa acontecesse ao bando, não poderia voltar ao esconderijo. Nunca. Mas não podia levar agora a esteira consigo — dava demasiado nas vistas. Só restava a pequena caixa que continha os seus objetos pessoais: uma pedrinha de cada cidade que visitara, o brinco que Reen dissera que a mãe de Vin lhe dera, e um bocado de obsidiana do tamanho de uma moeda grande. Estava lascado de modo a formar um padrão irregular — Reen usara-o como uma espécie de amuleto de boa sorte. Fora a única coisa que deixara para trás quando se escapulira para longe do bando meio ano antes. Abandonando-a.

Tal como sempre disse que faria, disse severamente Vin a si própria. *Nunca pensei que ele se fosse mesmo embora — e foi precisamente por isso que teve de ir.*

Agarrou no bocado de obsidiana e meteu no bolso as pedrinhas. Quanto ao brinco, pô-lo na orelha — era uma coisinha muito simples. Pouco mais que um espigão, algo que nem valia a pena roubar, motivo pelo qual não temia deixá-lo na sala das traseiras. Apesar disso, Vin

raramente o usara, por temer que o ornamento a fizesse parecer mais feminina.

Não tinha dinheiro, mas Reen ensinara-lhe a pedir e a procurar coisas úteis no lixo. As duas coisas eram difíceis no Império Final, especialmente em Luthadel, mas arranjaria maneira se tivesse de ser.

Vin deixou para trás a caixa e a esteira, voltando a esgueirar-se para a sala de estar. Talvez estivesse a exagerar; talvez nada acontecesse ao bando. Mas se acontecesse... bem, se Reen lhe ensinara alguma coisa, fora como proteger o pescoço. Levar Ulef era boa ideia. Ele tinha contactos em Luthadel. Se algo acontecesse ao bando de Camon, era provável que Ulef conseguisse arranjar trabalho para si e para ela em...

Vin imobilizou-se assim que entrou na sala de estar. Ulef não estava à mesa onde o deixara. Em vez disso, encontrava-se em pé, com ar furtivo, perto da parte dianteira da sala. Perto do balcão. Perto... de Camon.

— Que é isto? — Camon pôs-se em pé, com a cara tão vermelha como a luz do sol. Afastou o banco do caminho, e depois saltou para ela, meio bêbado. — A fugir? A caminho do Ministério para me denunciarem, é?

Vin precipitou-se para a porta das escadas, ziguezagueando desesperadamente entre mesas e membros do bando.

O banco de madeira arremessado por Camon atingiu-a em cheio nas costas, atirando-a ao chão. Dor incendiou-se entre os seus ombros. Vários membros do bando soltaram gritos quando o banco ressaltou nela e foi bater nas tábuas do soalho perto deles.

Vin ficou atordoada. Depois... algo dentro dela — algo que conhecia mas não compreendia — deu-lhe força. A cabeça parou de rodar, a dor transformou-se num foco. Pôs-se desajeitadamente em pé.

Camon estava lá, agarrando-a pela frente da camisa e puxando-a, erguendo o punho. Vin não parou para pensar ou para falar; havia apenas uma coisa a fazer. Gastou toda a sua Sorte num único esforço furioso, empurrando Camon, acalmando a sua fúria.

Camon hesitou. Por um momento, os olhos suavizaram-se-lhe. Baixou-a ligeiramente.

Mas depois a fúria regressou-lhe aos olhos. Dura. Aterrorizadora.

— Maldita rapariga — resmungou Camon, agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a. — Aquele traidor do teu irmão nunca me respeitou, e tu és igual. Fui demasiado brando com vocês os dois. Devia ter...

Vin tentou libertar-se, torcendo o corpo, mas as mãos de Camon eram firmes. Procurou desesperadamente por ajuda vinda dos outros membros do bando — contudo, sabia o que encontraria. Indiferença. Eles afastaram o olhar, com rostos embaraçados mas não preocupados.

Ulef ainda estava em pé perto da mesa de Camon, olhando para baixo com ar culpado.

Na sua mente, julgou ouvir uma voz a sussurrar-lhe, a voz de Reen. *Estúpida! A impiedade é a mais lógica das emoções. Tu não tens amigos no submundo. Nunca terás amigos no submundo!*

Renovou os esforços, mas Camon voltou a bater-lhe, atirando-a ao chão. O golpe atordoou-a, e arquejou, sem fôlego.

É só aguentar, pensou, com a mente turva. *Ele não me vai matar. Precisa de mim.*

Contudo, quando se virou, debilmente, viu Camon a erguer-se acima dela na sala caliginosa, ostentando no rosto uma fúria ébria. Compreendeu que daquela vez seria diferente; não seria um simples espancamento. Ele julgava que ela pretendia denunciá-lo ao Ministério. Não estava sob controlo.

Havia assassínio nos seus olhos.

Por favor!, pensou Vin com desespero, estendendo a mente para a sua Sorte, tentando fazê-la funcionar. Não houve resposta. A Sorte, fosse ela o que fosse, falhara-lhe.

Camon dobrou-se, resmungando de si para si enquanto a agarrava pelo ombro. Ergueu um braço, formando outro punho com a mão carnuda, retesando os músculos, com uma gota furiosa de suor a escorrer e a pingar-lhe do queixo, atingindo-a na cara.

A alguns metros de distância, a porta das escadas abanou e depois abriu-se com estrondo. Camon parou, de braço erguido, enquanto olhava furioso para a porta e para o infeliz membro do bando que escolhera um momento tão inoportuno para regressar ao esconderijo.

Vin aproveitou a distração. Ignorando o recém-chegado, tentou libertar-se das mãos de Camon, mas era demasiado fraca. A cara ardia-lhe onde ele lhe batera, e sentiu o sabor de sangue no lábio. O ombro fora-lhe torcido de forma incômoda e doía-lhe o flanco onde batera ao cair. Esgatanhou a mão de Camon, mas sentiu-se subitamente enfraquecida, sentiu que a força interior lhe falhava tal como a Sorte lhe falhara. As dores pareceram-lhe subitamente maiores, mais desencorajadoras, mais... exigentes.

Virou-se desesperadamente para a porta. Estava perto... dolorosamente perto. Quase escapara. Só um pouco mais...

Então viu o homem calmamente parado à entrada das escadas. Era-lhe desconhecido. Alto e com feições aquilinas, possuía cabelo louro-claro e usava um descontraído fato de nobre, com o manto a pender solto. Teria, talvez, uns trinta e cinco anos. Não usava chapéu, nem trazia uma bengala de duelar.

E parecia muito, muito zangado.

— Que é isto? — perguntou Camon. — Quem sois vós?

Como foi que passaste pelos batedores...?, pensou Vin, lutando por recuperar a presteza de espírito. Dor. Era capaz de lidar com a dor. Os impositores... *será que o enviaram?*

O recém-chegado baixou o olhar para Vin, e a sua expressão suavizou-se um pouco. Depois ergueu-o para Camon e os seus olhos escureceram.

As furiosas perguntas de Camon foram interrompidas quando ele foi atirado para trás como se tivesse sido esmurrado por uma força poderosa. O seu braço foi arrancado do ombro de Vin, e tombou no chão, fazendo tremer o soalho.

A sala silenciou-se.

Tenho de me ir embora, pensou Vin, forçando-se a ficar de joelhos. Camon gemeu de dor a um par de metros de distância, e Vin gatinhou para longe dele, enfiando-se por baixo de uma mesa desocupada. O esconderijo tinha uma saída escondida, um alçapão perto da parede das traseiras. Se conseguisse gatinhar até lá...

De súbito, Vin sentiu uma paz avassaladora. A emoção caiu sobre ela como um peso súbito, silenciando-lhe as emoções com violência, como se fossem esmagadas por uma mão poderosa. O seu medo apagou-se como uma vela, e até a dor pareceu não ter importância.

Abrandou, perguntando a si própria porque estivera tão preocupada. Levantou-se, parando ao ver o alçapão. Respirava pesadamente, ainda algo atordoada.

O Camon acabou de tentar matar-me!, avisava a parte lógica da sua mente. *E há alguém a atacar o esconderijo. Tenho de sair!* Contudo, as suas emoções não combinavam com a lógica. Sentia-se... serena. Despreocupada. E mais do que um pouco curiosa.

Alguém tinha acabado de usar Sorte nela.

Reconheceu-a sem saber como, mesmo apesar de nunca antes a ter sentido em si. Hesitou debaixo da mesa, com uma mão na madeira, e depois virou-se devagar. O recém-chegado ainda estava à soleira da porta das escadas. Estudou-a com olho crítico, e depois sorriu de uma forma desarmante.

Que se está a passar?

O recém-chegado finalmente entrou na sala. O resto do bando de Camon ficou sentado às mesas. Pareciam surpreendidos, mas estranhamente despreocupados.

Ele está a usar Sorte com todos. Mas... como é que é capaz de fazer isso com tantos ao mesmo tempo? Vin nunca conseguira acumular Sorte suficiente para dar mais que um empurrão ocasional e breve.

Quando o recém-chegado entrou na sala, Vin conseguiu finalmente ver que uma segunda pessoa se encontrava na escada atrás dele. Este segundo homem era menos imponente. Era mais baixo, com uma meia barba escura e cabelo liso cortado curto. Também usava um fato de nobre, embora não estivesse tão bem cortado.

Do outro lado da sala, Camon gemeu e sentou-se, levando as mãos à cabeça. Olhou para os recém-chegados.

— Mestre Dockson! Oh, hum, bem, isto é uma surpresa!

— De facto — disse o homem mais baixo... Dockson. Vin franziu o sobrolho, compreendendo que detetava uma ténue familiaridade naqueles homens. Reconhecia-os de agures.

O Cantão das Finanças. Estavam sentados na sala de espera quando eu e o Camon saímos.

Camon pôs-se em pé com dificuldade, estudando o recém-chegado louro. Baixou o olhar para as mãos do homem, que estavam cobertas, ambas, de estranhas cicatrizes sobrepostas.

— Pelo Senhor Soberano — sussurrou Camon. — O Sobrevivente de Hathsini!

Vin franziu o cenho. O título não lhe era familiar. Deveria conhecer aquele homem? Ainda tinha os ferimentos a latejar, apesar da paz que sentia, e a cabeça estava entontecida. Apoiou-se à mesa, mas não se sentou.

Fosse quem fosse aquele recém-chegado, era claro que Camon o achava importante.

— Ora, Mestre Kelsier! — disse Camon entre perdigotos. — Isto é uma honra rara!

O recém-chegado — Kelsier — abanou a cabeça.

— Sabes, não estou propriamente interessado em ouvir-te.

Camon soltou um “urk” de dor quando voltou a ser atirado para trás. Kelsier não fez nenhum gesto óbvio para realizar o feito. No entanto, Camon tombou no chão, como se fosse empurrado por alguma força invisível.

Camon silenciou-se e Kelsier percorreu a sala com os olhos.

— O resto de vocês sabe quem eu sou?

Muitos dos membros do bando acenaram afirmativamente.

— Ótimo. Vim ao vosso esconderijo porque vocês, meus amigos, têm uma grande dívida para comigo.

A sala ficou em silêncio, à parte os gemidos de Camon. Por fim um dos membros do bando falou.

— Nós... temos, Mestre Kelsier?

— De facto têm. Estão a ver, eu e o Mestre Dockson acabámos de

vos salvar as vidas. O muito incompetente chefe do vosso bando saiu do Cantão das Finanças do Ministério há coisa de uma hora, regressando diretamente a este esconderijo. Foi seguido por dois espões do Ministério, um prelão de alto nível e... um único Inquisidor de Aço.

Ninguém falou.

Oh, Senhor... pensou Vin. Tivera razão — só não fora suficientemente rápida. Se houvera um inquisidor...

— Eu tratei do inquisidor — disse Kelsier. Fez uma pausa, deixando as implicações suspensas no ar. Que tipo de pessoa podia afirmar com tal ligeireza ter “tratado” de um inquisidor? Os boatos diziam que as criaturas eram imortais, que conseguiam ver a alma de um homem, e que eram guerreiros sem par.

— Exijo pagamento pelos serviços prestados — disse Kelsier.

Daquela vez, Camon não se levantou; caíra com violência, e estava claramente desorientado. A sala manteve-se em silêncio. Por fim, Milev — o homem de pele escura que era o segundo comandante de Camon — pegou no cofre de caixarcos do Ministério e correu em frente com ele. Ofereceu-o a Kelsier.

— O dinheiro do Ministério que Camon conseguiu — explicou Milev. — Três mil caixarcos.

O Milev está tão ansioso por lhe agradar, pensou Vin. Isto é mais do que simplesmente Sorte — ou isso, ou é alguma espécie de Sorte que eu nunca fui capaz de usar.

Kelsier hesitou, depois aceitou o cofre de moedas.

— E tu és?

— Milev, Mestre Kelsier.

— Bem, chefe de bando Milev, vou considerar este pagamento satisfatório... desde que faças outra coisa por mim.

Milev hesitou.

— E que coisa seria essa?

Kelsier indicou o quase inconsciente Camon com um gesto.

— Trata dele.

— Claro — disse Milev.

— Quero que sobreviva, Milev — disse Kelsier, erguendo um dedo.

— Mas não quero que goste de ter sobrevivido.

Milev acenou afirmativamente.

— Vamos fazer dele um pedinte. O Senhor Soberano desaprova a profissão... O Camon não se vai desenrascar bem com ela aqui em Luthadel.

E o Milev há de ver-se livre dele na mesma assim que lhe pareça que Kelsier não está a prestar atenção.

— Muito bem — disse Kelsier. Depois abriu o cofre de moedas e começou a contar alguns caixarcos de ouro. — És um homem de recursos, Milev. Rápido a pores-te em pé e não tão fácil de intimidar como os outros.

— Já tinha lidado com brumeiros, Mestre Kelsier — disse Milev.

Kelsier acenou com a cabeça.

— Dox — disse, dirigindo-se ao companheiro — onde era que íamos ter a nossa reunião esta noite?

— Eu estava a pensar que devíamos usar a loja do Coxo — disse o segundo homem.

— Isso dificilmente se pode considerar um local neutro — disse Kelsier. — Especialmente se ele decidir não se juntar a nós.

— É verdade.

Kelsier olhou para Milev.

— Estou a planear um serviço nesta zona. Seria útil ter o apoio de alguma gente local. — Estendeu uma pilha do que parecia ser cem caixarcos. — Vamos precisar de usar o vosso esconderijo durante a noite. É possível tratar-se disso?

— Claro — disse Milev, aceitando avidamente as moedas.

— Ótimo — disse Kelsier. — E agora, sai.

— Saio? — perguntou Milev com hesitação.

— Sim — disse Kelsier. — Leva os teus homens, incluindo o teu antigo chefe, e sai. Quero ter uma conversa em privado com a Menina Vin.

A sala voltou a silenciar-se, e Vin compreendeu que não era a única que estava a perguntar a si própria como Kelsier saberia o seu nome.

— Bem, vocês ouviram-no! — gritou Milev. Indicou por gestos a um grupo de bandidos para irem agarrar em Camon, e depois enxotou o resto dos membros do bando pela escada acima. Vin viu-os partir, com uma apreensão crescente. Aquele Kelsier era um homem poderoso, e o instinto dizia-lhe que os homens poderosos eram perigosos. Saberia ele da sua Sorte? Claro que sim; que outro motivo haveria para a ter individualizado?

Como vai este Kelsier tentar usar-me?, pensou, esfregando o braço no local onde batera no chão.

— A propósito, Milev — disse Kelsier despreocupadamente. — Quando eu digo “em privado”, isso significa que não quero ser espiado pelos quatro homens que nos estão a observar através de buracos na parede do fundo. Tem a bondade de os levars para a viela contigo.

Milev empalideceu.

— Claro, Mestre Kelsier.

— Ótimo. E na viela vais encontrar dois espiões do Ministério, mortos. Tem a bondade de te veres livre dos cadáveres por nós.

Milev acenou afirmativamente, virando-se.

— E Milev... — acrescentou Kelsier.

Milev voltou a virar-se para ele.

— Assegura-te de que nenhum dos teus homens nos trai — disse Kelsier numa voz calma. E Vin voltou a senti-la: uma pressão renovada nas suas emoções. — Este bando já está debaixo de olho do Ministério de Aço; não faças também de mim um inimigo.

Milev anuiu com vigor, e de seguida desapareceu na escada, fechando a porta atrás de si. Alguns momentos mais tarde, Vin ouviu passos vindos da sala de vigia; depois tudo ficou em silêncio. Estava sozinha com um homem que era — por algum motivo — tão singularmente impressionante que tinha a capacidade de intimidar uma sala inteira cheia de assassinos e ladrões.

Olhou para a porta secreta. Kelsier estava a observá-la. Que faria ele se ela fugisse?

Ele diz que matou um inquisidor, pensou Vin. E... usou Sorte. Tenho de ficar, nem que seja só o tempo suficiente para descobrir o que sabe.

O sorriso de Kelsier alargou-se, e depois, finalmente, ele riu-se.

— Aquilo foi *muito* mais divertido do que devia ser, Dox.

O outro homem, aquele a que Camon chamara Dockson, soltou uma fungadela e caminhou para a parte dianteira da sala. Vin ficou tensa, mas ele não se dirigiu a ela, aproximando-se em vez disso do balcão.

— Antes já eras suficientemente insuportável, Kell — disse Dockson. — Não sei como vou lidar com esta nova reputação que tens. Pelo menos não sei bem como vou lidar com ela e manter uma cara séria.

— Estás com inveja.

— Pois, é isso — disse Dockson. — Estou com uma inveja terrível da tua capacidade de intimidar pequenos criminosos. Se tens algum interesse no que penso, acho que foste demasiado duro com o Camon.

Kelsier atravessou a sala e instalou-se num banco a uma das mesas. O seu contentamento esmoreceu um pouco quando falou.

— Tu viste o que ele estava a fazer àquela rapariga.

— Na verdade, não vi — disse Dockson secamente, remexendo entre as garrafas atrás do balcão. — Havia alguém que estava a bloquear a porta.

Kelsier encolheu os ombros.

— Olha para ela, Dox. A pobrezinha foi espancada até ficar quase sem sentidos. Não sinto nenhuma simpatia pelo homem.

Vin deixou-se ficar onde estava, mantendo ambos os homens de-

baixo de olho. Quando a tensão do momento começou a enfraquecer, os seus ferimentos recomeçaram a latejar. O golpe entre as espáduas — isso daria uma grande nódoa negra — e a chapada na cara também lhe ardia. Ainda estava um pouco tonta.

Kelsier estava a observá-la. Vin cerrou os dentes. Dor. Ela podia lidar com a dor.

— Precisas de alguma coisa, pequena? — perguntou Dockson. — Um lenço húmido para essa cara, talvez?

Vin não respondeu, permanecendo em vez disso concentrada em Kelsier. *Vá lá. Diz-me o que queres de mim. Faz a tua jogada.*

Dockson acabou por encolher os ombros, após o que voltou a desaparecer atrás do balcão por um momento. A seu tempo, ressurgiu com um par de garrafas na mão.

— Alguma coisa boa? — perguntou Kelsier, virando-se.

— O que é que achas? — perguntou Dockson. — Mesmo entre ladrões, o Camon não é propriamente conhecido pelo refinamento. Tenho meias que valem mais que este vinho.

Kelsier suspirou.

— Dá-me um copo mesmo assim. — Depois voltou a olhar para Vin. — Queres alguma coisa?

Vin não respondeu.

Kelsier sorriu.

— Não te preocupes: nós somos muito menos assustadores do que os teus amigos pensam.

— Não me parece que eles fossem amigos dela, Kell — disse Dockson de trás do balcão.

— Bem visto — concordou Kelsier. — Seja como for, pequena, não tens nada a temer de nós. Além do mau hálito do Dox.

Dockson revirou os olhos.

— Ou as piadas do Kell.

Vin manteve-se em silêncio. Podia fazer de fraca, como fizera com Camon, mas os instintos diziam-lhe que aqueles homens não responderiam bem a essa tática. Portanto permaneceu onde estava, avaliando a situação.

A calma voltou a cair sobre ela. Encorajava-a a estar à vontade, a confiar, a simplesmente fazer o que os homens estavam a sugerir...

Não! Ficou onde estava.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Isto foi inesperado.

— O quê? — perguntou Dockson enquanto servia um copo de vinho.

— Nada — disse Kelsier, estudando Vin.

— Queres uma bebida ou não, rapariga? — perguntou Dockson.

Vin não disse nada. Durante toda a vida, desde que se recordava, tivera a sua Sorte. Tornava-a forte, e dava-lhe uma vantagem sobre os outros ladrões. Era provavelmente o motivo de continuar viva. Mas, durante todo esse tempo, não soubera realmente o que a Sorte era ou por que motivo podia usá-la. A lógica e o instinto diziam-lhe agora a mesma coisa — que tinha de descobrir o que aquele homem sabia.

Fosse como fosse que ele pretendia usá-la, fossem quais fossem os seus planos, ela teria de os aguentar. Tinha de descobrir como ele se tornara tão poderoso.

— Cerveja — disse por fim.

— Cerveja? — perguntou Kelsier. — Só isso?

Vin confirmou com a cabeça, observando-o com cautela.

— Gosto de cerveja.

Kelsier esfregou o queixo.

— Vamos ter de trabalhar isso — disse. — Mas enfim, senta-te.

Hesitante, Vin avançou e sentou-se em frente de Kelsier à pequena mesa. Os seus ferimentos latejavam, mas não se podia dar ao luxo de mostrar fraqueza. A fraqueza matava. Vin tinha de fingir que ignorava a dor. Pelo menos, ali sentada, a sua cabeça clareou.

Dockson juntou-se-lhes um momento mais tarde, dando a Kelsier um copo de vinho e a Vin a sua caneca de cerveja. Ela não bebeu.

— Quem sois vós? — perguntou em voz baixa.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Tu não gostas de rodeios, há?

Vin não respondeu.

Kelsier suspirou.

— Lá se vai o meu intrigante ar de mistério.

Dockson soltou uma leve fungadela.

Kelsier sorriu.

— O meu nome é Kelsier. Sou aquilo a que podes chamar um chefe de bando... mas dirijo um bando diferente de todos os que tu provavelmente conheces. Homens como Camon, bem como o seu bando, gostam de pensar em si próprios como predadores, alimentando-se da nobreza e das várias organizações do Ministério.

Vin abanou a cabeça.

— Predadores não. Necrófagos. — Julgar-se-ia, talvez, que, tão perto do Senhor Soberano, coisas como bandos de ladrões não seriam capazes de existir. Contudo, Reen mostrara-lhe que o inverso era verdade. A nobreza rica e poderosa congregava-se em volta do Senhor Soberano.

E, onde existia o poder e a riqueza, também existia a corrupção... especialmente porque o Senhor Soberano tendia a policiar a sua nobreza muito menos do que os skaa. Isso tinha a ver, aparentemente, com a sua amizade pelos antepassados dos nobres.

Fosse como fosse, os bandos de ladrões como o de Camon eram como as ratazanas que se alimentavam da corrupção da cidade. E, como ratazanas, era impossível exterminá-los por completo — especialmente numa cidade com a população de Luthadel.

— Necrófagos — disse Kelsier, sorrindo; aparentemente, ele fazia muito isso. — Essa é uma descrição apropriada, Vin. Bem, eu e o Dox também somos necrófagos... só que pertencemos a uma categoria mais elevada de necrófago. Talvez pudesses dizer que somos de melhor criação... ou talvez apenas mais ambiciosos.

Ela franziu o sobrolho.

— Sois nobres?

— Senhor, não — disse Dockson.

— Ou, pelo menos — disse Kelsier — não de sangue puro.

— Supostamente não existem mestiços — disse Vin com cautela. — O Ministério persegue-os.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Mestiços como tu?

Vin sentiu um choque. *Como...?*

— Nem o Ministério de Aço é infalível, Vin — disse Kelsier. — Se podem não reparar em ti, então podem não reparar nos outros.

Vin fez uma pausa pensativa.

— O Milev. Ele chamou-vos brumeiros. Isso é uma espécie qualquer de alomantes, certo?

Dockson deitou uma olhadela a Kelsier.

— Ela é observadora — disse o homem mais baixo com um aceno apreciativo.

— Realmente — concordou Kelsier. — O homem chamou-nos brumeiros, Vin... se bem que a designação seja um pouco apressada, visto que nem eu nem Dox somos tecnicamente brumeiros. É verdade, no entanto, que nos relacionamos bastante com eles.

Vin ficou um momento em silêncio, sob o escrutínio dos dois homens. Alomância. O poder místico detido pela nobreza, a ela concedido pelo Senhor Soberano uns dois mil anos antes como recompensa pela sua lealdade. Era doutrina básica do Ministério; até uma skaa como Vin o sabia. A nobreza tinha a alomância e os privilégios por causa dos seus antepassados; os skaa eram punidos pela mesma razão.

Contudo, Vin não sabia realmente o que a alomância era. Sempre

partira do princípio de que tinha algo a ver com luta. Dizia-se que um “Brumeiro”, como lhes chamavam, era suficientemente perigoso para matar uma equipa de ladrões completa. No entanto, os skaa que conhecia falavam do poder num tom sussurrado e inseguro. Antes daquele momento, nunca sequer parara para pensar na possibilidade de se tratar simplesmente da mesma coisa que a sua Sorte.

— Diz-me, Vin — disse Kelsier, inclinando-se para a frente com interesse. — Compreendes o que fizeste àquele impositor no Cantão das Finanças?

— Usei a minha Sorte — disse Vin em voz baixa. — Uso-a para tornar as pessoas menos zangadas.

— Ou menos desconfiadas — disse Kelsier. — Mais fáceis de aldrabar. Vin confirmou com a cabeça.

Kelsier ergueu um dedo.

— Há uma porção de coisas que vais ter de aprender. Técnicas, regras e exercícios. Uma lição, no entanto, não pode esperar. *Nunca* uses alomância emocional num impositor. Eles são todos treinados para reconhecer quando as suas paixões estão a ser manipuladas. Até a alta nobreza está proibida de Empurrar ou Puxar as emoções de um impositor. Foste tu o motivo por que aquele impositor mandou chamar um inquisidor.

— E reza para a criatura nunca mais voltar a achar-te o rasto, moça — disse Dockson em voz baixa, bebericando do vinho.

Vin empalideceu.

— Não matastes o inquisidor?

Kelsier abanou a cabeça.

— Só o distraí durante algum tempo... o que já foi bastante perigoso, a propósito. Não te preocupes. A maior parte dos boatos sobre eles não são verdadeiros. Agora que te perdeu o rasto, não será capaz de te voltar a encontrar.

— Provavelmente — disse Dockson.

Vin deitou uma olhadela apreensiva ao homem mais baixo.

— Provavelmente — concordou Kelsier. — Há montes de coisas que não sabemos sobre os inquisidores... eles não parecem obedecer às regras normais. Aqueles espigões espetados nos olhos, por exemplo, deviam matá-los. Nada do que li sobre a alomância forneceu uma explicação para o modo como aquelas criaturas continuam a viver. Se tivesses tido só um prescrutador brumeiro normal no teu encalço, não precisaríamos de nos preocupar. Mas um inquisidor... bem, vais querer manter os olhos abertos. Claro, já pareces ser bastante boa nisso.

Vin ficou desconfortavelmente imóvel por um momento. Por fim, Kelsier indicou com um gesto a sua caneca de cerveja.

— Não estás a beber.

— Podeis ter despejado qualquer coisa lá para dentro — disse Vin.

— Oh, eu não tinha nenhuma necessidade de te meter seja o que for na bebida — disse Kelsier com um sorriso, tirando um objeto do bolso do casaco do seu fato. — Afinal, tu vais beber este frasco de líquido misterioso muito voluntariamente.

Pousou um pequeno frasco de vidro em cima da mesa. Vin franziu o sobrolho, olhando para o líquido que se encontrava no interior. Havia um resíduo escuro no fundo.

— O que é isso? — perguntou.

— Se eu te dissesse, não seria misterioso — disse Kelsier com um sorriso.

Dockson revirou os olhos.

— O frasco está cheio de uma solução alcoólica e alguns flocos de metal, Vin.

— Metal? — perguntou ela de cenho franzido.

— Dois dos oito metais alomânticos básicos — disse Kelsier. — Temos de fazer alguns testes.

Vin examinou o frasco.

Kelsier encolheu os ombros.

— Vais ter de o beber se quiseres saber mais sobre essa tua Sorte.

— Bebei vós metade primeiro — disse Vin.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Somos um pouco paranoicos, estou a ver.

Vin não respondeu.

Por fim, ele suspirou, pegando no frasco e tirando-lhe a rolha.

— Sacudi-o primeiro — disse Vin. — Para beberdes parte do sedimento.

Kelsier revirou os olhos, mas fez o que lhe foi pedido, sacudindo o frasco e depois engolindo metade do conteúdo. Voltou a pousá-lo na mesa com um estalido.

Vin franziu o sobrolho. Depois examinou Kelsier, o qual sorriu. Ele sabia que a tinha na mão. Mostrara o seu poder, tentara-a com ele. *A única razão para se ser subserviente junto de quem detém poder é poder-se um dia aprender a obter o que eles têm.* Palavras de Reen.

Vin estendeu a mão e pegou no frasco, de seguida engoliu o conteúdo. Ficou parada, esperando alguma transformação mágica ou onda de poder — ou até sinais de veneno. Não sentiu nada.

Que... anticlimático. Franziu o sobrolho, recostando-se na cadeira. Por curiosidade, procurou sentir a sua Sorte.

E sentiu os olhos esbugalharem-se de choque.

Estava lá, como um enorme tesouro dourado. Uma acumulação de poder tão incrível que lhe forçava a compreensão. Antes, precisara sempre de ser avarenta com a sua Sorte, mantendo-a de reserva, usando bocados com frugalidade. Agora sentia-se como uma esfomeada que tivesse sido convidada para um banquete de um alto nobre. Ficou ali, atordoada, a observar a enorme riqueza dentro de si.

— Então — disse Kelsier, espicaçando-a com a voz. — Experimenta. Acalma-me.

Vin estendeu a mente, tocando hesitantemente a sua recém-descoberta massa de Sorte. Pegou num bocado e dirigiu-a para Kelsier.

— Muito bem. — Kelsier inclinou-se avidamente para a frente. — Mas já sabíamos que eras capaz de fazer isso. Agora o verdadeiro teste, Vin. Consegues fazer o inverso? És capaz de me amortecer as emoções, mas serás também capaz de as inflamar?

Vin franziu o sobrolho. Nunca usara a Sorte daquela maneira; nem sequer se apercebera de que o podia fazer. Porque estava ele tão ansioso?

Desconfiada, Vin procurou a sua fonte de Sorte. Ao fazê-lo, reparou em algo interessante. O que a princípio interpretara como uma enorme fonte de poder era na verdade duas fontes diferentes de poder. Havia tipos diferentes de Sorte.

Oito. Ele disse que havia oito. Mas... que fazem os outros?

Kelsier continuava à espera. Vin estendeu a mente para a segunda fonte de Sorte, a que lhe era estranha, fazendo o que fizera antes e dirigindo-a para ele.

O sorriso de Kelsier alargou-se, e ele endireitou-se, olhando para Dockson.

— Então é isso. Ela conseguiu.

Dockson abanou a cabeça.

— Para falar com franqueza, Kell, não sei bem o que pensar. Ter um de vocês por aí já era suficientemente perturbador. Dois...

Vin fitou-os com olhos semicerrados, desconfiados.

— Dois quê?

— Mesmo entre a nobreza, Vin, a alomância é modestamente rara — disse Kelsier. — É verdade que é um talento hereditário, com a maioria das suas linhagens poderosas entre a alta nobreza. No entanto, não basta ser-se de boas famílias para garantir a força alomântica.

» Muitos dos altos nobres só têm acesso a uma única capacidade alomântica. A pessoas assim, as que só são capazes de realizar alomância em um dos seus seis aspetos básicos, chama-se Brumeiros. Por vezes, essas capacidades aparecem em skaa... mas só se esse skaa tiver sangue nobre entre os seus antepassados próximos. Pode-se geralmente encon-

trar um brumeiro entre... oh, uns dez mil skaa mestiços. Quanto melhor, e mais próxima, a ascendência nobre, mais provável se torna que o skaa seja brumeiro.

— Quem eram os teus pais, Vin? — perguntou Dockson. — Lembra-te deles?

— Fui criada pelo meu meio-irmão, Reen — disse Vin em voz baixa, desconfortável. Aquelas não eram coisas que discutisse com outras pessoas.

— Ele falava da tua mãe e do teu pai? — perguntou Dockson.

— Às vezes — admitiu ela. — O Reen dizia que a nossa mãe era uma prostituta. Não por escolha sua, mas o submundo... — Silenciou-se. A mãe tentara matá-la, um dia, quando Vin era muito nova. Lembrava-se vagamente do acontecimento. Reen salvara-a.

— E o teu pai, Vin? — perguntou Dockson.

Vin ergueu o olhar.

— É um alto prelão no Ministério de Aço.

Kelsier assobiou baixinho.

— Ora *isso* é que é uma quebra de dever ligeiramente irónica.

Vin baixou os olhos para a mesa. Por fim, estendeu o braço e bebeu um saudável trago da sua caneca de cerveja.

Kelsier sorriu.

— A maior parte dos impositores eminentes no Ministério são altos nobres. O teu pai deu-te uma dádiva rara nesse teu sangue.

— Então... eu sou uma das brumeiras que mencionastes?

Kelsier abanou a cabeça.

— Na verdade, não. É isso que te tornou interessante para nós, Vin, percebes? Os brumeiros só têm acesso a uma capacidade alomântica. Tu acabaste de provar que tens duas. E, se tens acesso a pelo menos duas das oito, então tens também acesso às outras. É assim que funciona: se és um alomante, ou tens uma capacidade ou tens todas.

Kelsier debruçou-se para a frente.

— Tu, Vin, és aquilo a que geralmente se chama uma Nascida nas Brumas. Mesmo entre a nobreza, são incrivelmente raros. Entre os skaa... bem, digamos apenas que só conheci mais um nascido nas brumas skaa ao longo de toda a minha vida.

De certa forma, a sala pareceu ficar mais silenciosa. Mais parada. Vin fitou a caneca com olhos distraídos e desconfortáveis. *Nascida nas Brumas*. Ouvira as histórias, claro. As lendas.

Kelsier e Dockson ficaram em silêncio, deixando-a pensar. Por fim ela falou.

— Então... que quer tudo isto dizer?

Kelsier sorriu.

— Quer dizer que tu, Vin, és uma pessoa muito especial. Tens um poder que a maioria dos altos nobres invejam. É um poder que, se tives-
ses nascido aristocrata, te tornaria uma das pessoas mais mortíferas e
influentes em todo o Império Final.

Kelsier voltou a debruçar-se para a frente.

— Mas não nasceste aristocrata. Não és nobre, Vin. Não tens de jo-
gar pelas regras deles... e isso torna-te ainda *mais* poderosa.

*Aparentemente, a fase seguinte da minha demanda vai levar-nos a subir
às terras altas de Terris. Diz-se que o sítio é frio e implacável — uma terra
onde as próprias montanhas são feitas de gelo.*

*Os nossos empregados normais não servirão para uma tal viagem.
Provavelmente deveremos contratar alguns carregadores de Terris para
transportar as nossas coisas.*



4

— **OUVIRAM O QUE ELE DISSE!** Está a planear um serviço. — Os
olhos de Ulef brilhavam de entusiasmo. — Gostava de saber qual das
Grandes Casas vai atacar.

— Há de ser uma das mais poderosas — disse Disten, um dos prin-
cipais sinaleiros de Camon. Faltava-lhe uma mão, mas os seus olhos e
ouvidos contavam-se entre os mais penetrantes do bando. — O Kelsier
nunca se incomoda com servicinhos de nada.

Vin mantinha-se em silêncio, com a caneca de cerveja — a mesma
que Kelsier lhe dera — ainda praticamente cheia em cima da mesa. A
sua mesa estava cheia de gente; Kelsier deixara os ladrões regressar à
sua base durante algum tempo antes de a reunião começar. Vin, contu-
do, teria preferido permanecer sozinha. A vida com Reen habituara-a à
solidão... se deixamos alguém aproximar-se demasiado, isso só lhe dará
melhores oportunidades para nos trair.

Mesmo após o desaparecimento de Reen, Vin mantivera-se reser-
vada. Não estivera disposta a partir; contudo, também não sentira a ne-
cessidade de travar amizade com os outros membros do bando. Estes,
por seu turno, tinham-se mostrado perfeitamente dispostos a deixá-la
em paz. A posição de Vin fora precária e juntarem-se a ela podia tê-los

manchado por associação. Só Ulef fizera algum esforço para se tornar seu amigo.

Se deixas alguém aproximar-se de ti, isso só magoará mais quando te trair, parecia Reen sussurrar na sua mente.

Teria Ulef realmente sido seu amigo? Vendera-a bem depressa, com certeza. Além disso, os membros do bando tinham reagido com toda a calma tanto ao espancamento de Vin como ao seu súbito salvamento, sem nunca mencionarem a sua traição ou recusa em ajudá-la. Só tinham feito o que deles se esperava.

— O Sobrevivente não se incomodou com *nenhum* serviço nos últimos tempos — disse Harmon, um ladrão com uma certa idade e uma barba mal cuidada. — Mal foi visto em Luthadel uma mancha de vezes durante os últimos anos. Na verdade, ele não se mete num serviço desde que...

— Este é o primeiro? — perguntou avidamente Ulef. — O primeiro desde que fugiu dos Poços? Então tem de ser qualquer coisa de espetacular!

— Ele disse alguma coisa sobre o serviço, Vin? — perguntou Disten. — Vin? — Abanou um braço mutilado na sua direção, chamando-lhe a atenção.

— Quê? — perguntou ela, erguendo o olhar. Limpou-se um pouco desde o espancamento às mãos de Camon, aceitando finalmente um lenço de Dockson para limpar o sangue da cara. No entanto, pouco podia fazer pelas nódoas negras. Essas ainda latejavam. Esperava que nada estivesse partido.

— O Kelsier — repetiu Disten. — Ele disse alguma coisa sobre o serviço que está a planear?

Vin abanou a cabeça. Baixou o olhar para o lenço ensanguentado. Kelsier e Dockson tinham saído pouco tempo antes, prometendo regressar depois de ela ter algum tempo para pensar nas coisas que lhe tinham dito. Havia, no entanto, uma implicação nas suas palavras — uma oferta. Fosse qual fosse o serviço que estavam a planear, ela fora convidada a participar.

— De resto, porque foi que ele te escolheu para ser a liga dele, Vin? — perguntou Ulef. — Disse alguma coisa sobre isso?

Era isso que o bando pensava — que Kelsier a escolhera para ser o seu contacto com o bando de Camon... de Milev.

Havia duas faces no submundo de Luthadel. Havia os bandos normais, como o de Camon. E depois havia... os *especiais*. Grupos compostos pelos extremamente habilidosos, os extremamente audaciosos ou os extremamente talentosos. Alomantes.

Os dois lados do submundo não se misturavam; os ladrões normais deixavam em paz os seus superiores. Contudo, acontecia por vezes um desses bandos de brumeiros contratar uma equipa normal para executar algum do seu trabalho mais corriqueiro, e escolhiam um liga — um intermediário — para trabalhar com ambos os bandos. Daí a suposição de Ulef sobre Vin.

Os membros do bando de Milev repararam na sua falta de resposta e viraram-se para outro assunto: brumeiros. Falaram da alomância com vozes hesitantes e sussurradas, e ela escutou, desconfortável. Como poderia ela estar ligada a algo que os deixava num tal assombro? A sua Sorte... a sua alomância... era algo de pequeno, algo que usava para sobreviver, mas algo, na verdade, bem pouco importante.

Mas, um tal poder... pensou, olhando para a sua reserva de Sorte.

— Pergunto a mim mesmo o que tem Kelsier andado a fazer nos últimos anos — disse Ulef. Parecera um pouco desconfortável com ela no início da conversa, mas isso passara depressa. Traíra-a, mas aquilo era o submundo. Não havia amigos.

Entre Kelsier e Dockson não parecia ser assim. Eles pareciam confiar um no outro. Uma fachada? Ou seriam simplesmente uma daquelas raras equipas que não se preocupavam mesmo com as traições uns dos outros?

A coisa mais perturbadora em Kelsier e Dockson fora a sua abertura com ela. Pareciam dispostos a confiar em Vin, até a aceitá-la, após um tempo relativamente curto. Não podia ser genuíno — ninguém conseguia sobreviver no submundo seguindo tais táticas. Ainda assim, a sua simpatia fora desconcertante.

— Dois anos... — disse Hrud, um rufião calado de cara achatada. — Ele deve ter passado o tempo todo a fazer planos para este serviço.

— Deve ser realmente um serviço e peras... — disse Ulef.

— Falem-me dele — disse Vin em voz baixa.

— De Kelsier? — perguntou Disten.

Vin confirmou com a cabeça.

— Não falavam de Kelsier lá no Sul?

Vin abanou a cabeça.

— Ele era o melhor chefe de bando em Luthadel — explicou Ulef. — Uma lenda, mesmo entre os brumeiros. Assaltou algumas das mais ricas Grandes Casas da cidade.

— E? — perguntou Vin.

— Alguém o traiu — disse Harmon em voz baixa.

Claro, pensou Vin.

— Foi o próprio Senhor Soberano que apanhou Kelsier — disse

Ulef. — Mandou Kelsier e a mulher para os Poços de Hathsin. Mas *ele fugiu*. Fugiu dos Poços, Vin! É a única pessoa que alguma vez fugiu.

— E a mulher? — perguntou Vin.

Ulef deitou uma olhadela a Harmon, o qual abanou a cabeça.

— Ela não se safou.

Então ele também perdeu alguém. Como pode rir tanto? Tão honestamente?

— Foi aí que arranjou aquelas cicatrizes, sabes? — disse Disten. — As que tem nos braços. Arranjou-as nos Poços, por causa das pedras numa parede vertical que teve de trepar para escapar.

Harmon soltou uma fungadela.

— Não foi assim que as arranjou. Matou um inquisidor enquanto fugia... foi aí que arranjou as cicatrizes.

— Eu ouvi dizer que as tinha arranjado a combater um dos monstros que guardam os Poços — disse Ulef. — Que lhe enfiou os braços na boca e o estrangulou *pela parte de dentro*. Os dentes arranharam-lhe os braços.

Disten franziu o sobrolho.

— Como é que se estrangula alguém pela parte de dentro?

Ulef encolheu os ombros.

— Foi o que eu ouvi dizer.

— O homem não é natural — resmungou Hrud. — Aconteceu-lhe qualquer coisa nos Poços, qualquer coisa má. Ele antes não era alomante, sabem? Entrou nos Poços como um skaa normal, e agora... Bem, é com toda a certeza um brumeiro... se é que ainda é humano. Tem andado muito pelas brumas, esse. Há quem diga que o verdadeiro Kelsier está morto, que a coisa que usa a cara dele é... outra coisa.

Harmon abanou a cabeça.

— Ora. Isso são só tolices dos skaa das plantações. Todos nós saímos para as brumas.

— Não para as brumas fora da cidade — insistiu Hrud. — Os espíritos das brumas andam lá por fora. Eles agarram um homem e tiram-lhe a cara, juro pelo Senhor Soberano.

Harmon revirou os olhos.

— O Hrud tem razão numa coisa — disse Disten. — Aquele homem não é humano. Pode não ser um espírito das brumas, mas também não é skaa. Ouvi falar de coisas que ele fez, coisas que só *eles* conseguem fazer. Aqueles que saem à noite. Vocês viram o que fez ao Camon.

— Nascidos nas brumas — murmurou Harmon.

Nascidos nas brumas. Vin já antes ouvira o termo. Kelsier mencionara-o na conversa com ela, claro. Mas quem não ouvira? Contudo, os boatos sobre os nascidos nas brumas faziam as histórias sobre inquisidores e

brumeiros parecer racionais. Dizia-se que os nascidos nas brumas eram arautos das próprias brumas, dotados de grandes poderes pelo Senhor Soberano. Só altos nobres podiam ser nascidos nas brumas; dizia-se que eram a seita secreta de assassinos que o servia, e que só saíam à noite. Reen sempre lhe ensinara que eram um mito, e Vin partira do princípio de que ele tivera razão.

E Kelsier diz que eu — tal como ele próprio — sou uma deles. Como podia ela ser o que ele dissera? Filha de uma prostituta, Vin não era ninguém. Não era nada.

Nunca confies num homem que te dê boas notícias, sempre dissera Reen. É a maneira mais antiga, mas mais fácil, de aldrabar alguém.

E no entanto, ela tinha a sua Sorte. A sua alomância. Ainda conseguia detetar as reservas que o frasco de Kelsier lhe dera, e testara os seus poderes nos membros do bando. Já não limitada a um pouco apenas de Sorte por dia, descobrira que conseguia produzir efeitos muito mais notáveis.

Vin estava a começar a aperceber-se de que o seu antigo objetivo na vida — simplesmente permanecer viva — era desinspirado. Podia estar a fazer tantas coisas mais. Fora escrava de Reen; fora escrava de Camon. Seria também escrava daquele Kelsier, se isso acabasse por levá-la à liberdade.

À sua mesa, Milev olhou para o relógio de bolso, e de seguida levantou-se.

— Muito bem, toda a gente para a rua.

A sala começou a esvaziar-se em preparação para a reunião de Kelsier. Vin permaneceu onde estava; Kelsier deixara muito claro junto dos outros que ela estava convidada. Ficou sentada em silêncio por um bocado, sentindo-se bem mais confortável na sala, agora que estava vazia. Os amigos de Kelsier começaram a chegar pouco depois.

O primeiro homem a descer as escadas tinha a constituição de um soldado. Usava uma camisa larga e sem mangas que expunha um par de braços bem torneados. Era impressionantemente musculoso, mas não maciço, e tinha cabelo cortado curto que se projetava ligeiramente da sua cabeça.

O companheiro do soldado era um homem bem vestido num fato de nobre — colete cor de ameixa, botões dourados, sobretudo negro — completo com um chapéu de abas curtas e bengala de duelar. Era mais velho que o soldado, e um pouco corpulento. Tirou o chapéu ao entrar na sala, revelando uma cabeça cheia de cabelo negro bem penteado. Os dois homens vinham a conversar amigavelmente enquanto caminhavam, mas calaram-se quando viram a sala vazia.

— Ah, esta deve ser a nossa liga — disse o homem de fato. — O Kelsier já chegou, querida? — Falava com uma familiaridade simples, como se ele e ela fossem amigos de longa data. De súbito, a contragosto, Vin deu por si a gostar daquele homem bem vestido e eloquente.

— Não — disse em voz baixa. Apesar de sempre se ter sentido bem enfiada num macacão e numa camisa de trabalho, deu por si a desejar possuir algo melhor. O porte daquele homem parecia exigir uma atmosfera mais formal.

— Já devia saber que o Kell ia chegar atrasado à sua própria reunião — disse o soldado, sentando-se a uma das mesas perto do centro da sala.

— Realmente — disse o homem de fato. — Suponho que o seu atraso nos abra a possibilidade de beber algo. Gostaria tanto de uma bebida...

— Deixai que eu vos arranjo qualquer coisa — disse rapidamente Vin, pondo-se em pé de um salto.

— Que gentileza a tua — disse o homem de fato, selecionando uma cadeira próxima da do soldado. Sentou-se com as pernas cruzadas e segurando a bengala de duelar a seu lado, com a ponta no chão e uma mão pousada no punho.

Vin foi até ao balcão e pôs-se a vasculhar em busca de bebidas.

— Brisa... — disse o soldado em tom de aviso enquanto Vin escolhia uma garrafa do vinho mais caro de Camon e começava a servir um copo.

— Hmm...? — disse o homem do fato, erguendo uma sobrancelha. O soldado indicou Vin com a cabeça.

— Oh, muito bem — disse o homem do fato com um suspiro.

Vin parou, com o copo meio servido, e franziu ligeiramente o sobrolho. *Que estou eu a fazer?*

— Juro, Ham — disse o homem do fato. — És terrivelmente rígido, às vezes.

— Lá por seres capaz de Empurrar as pessoas, não quer dizer que o devas fazer, Brisa.

Vin ficou pasmada. *Ele... usou Sorte em mim.* Quando Kelsier tentara manipulá-la, sentira o toque dele e fora capaz de resistir. Mas desta vez nem sequer se apercebera do que estava a fazer.

Ergueu o olhar para o homem, estreitando os olhos.

— Nascido nas brumas.

O homem do fato, Brisa, soltou uma gargalhadinha.

— Nem por isso. O único nascido nas brumas skaa que é provável que encontres na vida é o Kelsier, querida... e reza para nunca estares numa situação em que encontres um nobre. Não, eu sou apenas um normalíssimo e humilde brumeiro.

— Humilde? — perguntou Ham.

Brisa encolheu os ombros.

Vin baixou o olhar para o copo meio cheio de vinho.

— Puxastes as minhas emoções. Com... alomância, quero eu dizer.

— Na verdade, Empurrei-as — disse Brisa. — Puxar torna uma pessoa menos confiante e mais determinada. Empurrar emoções, acalmando-as, torna uma pessoa mais confiante.

— Seja como for, controlastes-me — disse Vin. — Obrigastes-me a vir-vos buscar uma bebida.

— Oh, eu não diria que te *obriguei* a fazer isso — disse Brisa. — Só te alterei ligeiramente as emoções, pondo-te num estado de espírito em que seria mais provável fazeres o que eu desejava.

Ham esfregou o queixo.

— Não sei, Brisa. É uma questão interessante. Influenciando as emoções dela, ter-lhe-ás roubado a capacidade de escolha? Se, por exemplo, ela matasse ou roubasse enquanto estivesse sob o teu controlo, o crime seria dela ou teu?

Brisa revirou os olhos.

— Não há na verdade questão alguma. Não devias pensar nessas coisas, Hammond: vais magoar o cérebro. Eu ofereci-lhe encorajamento. Limitei-me a fazê-lo por meios irregulares.

— Mas...

— Não vou discutir isto contigo, Ham.

O homem musculoso suspirou, parecendo algo abandonado.

— Vais trazer-me a bebida...? — perguntou Brisa num tom esperançoso, olhando para Vin. — Quer dizer, já estás levantada, e de qualquer maneira vais ter de voltar nesta direção para chegares ao teu lugar...

Vin examinou as suas emoções. Sentir-se-ia irregularmente inclinada a fazer o que o homem pedira? Estaria ele de novo a manipulá-la? Por fim, limitou-se a afastar-se do balcão, deixando a bebida onde estava.

Brisa suspirou. Mas não se levantou para ir buscar a bebida.

Vin dirigiu-se hesitantemente para a mesa dos dois homens. Estava habituada a sombras e cantos — suficientemente próxima para escutar o que se dizia, mas longe o suficiente para escapar. Contudo, não se podia esconder daqueles homens, pelo menos enquanto a sala estivesse tão vazia. Portanto escolheu uma cadeira a uma mesa ao lado daquela que os dois homens estavam a usar, e sentou-se com cautela. Precisava de informação — enquanto fosse ignorante, ia estar em séria desvantagem naquele novo mundo de bandos de brumeiros.

Brisa soltou uma gargalhadinha.

— És uma coisinha nervosa, não és?

Vin ignorou o comentário.

— Vós — disse Vin, indicando Ham com um aceno. — Também sois um... um brumeiro?

Ham confirmou com a cabeça.

— Sou um brigão.

Vin franziu o sobrolho, confusa.

— Queimo peltre — disse Ham.

De novo, Vin fitou-o interrogativamente.

— Ele consegue tornar-se mais forte, querida — disse Brisa. — Bate em coisas, em especial outras pessoas, que tentam interferir com o que o resto de nós está a fazer.

— É tão mais do que isso — disse Ham. — Eu dirijo a segurança dos serviços, fornecendo ao meu chefe de bando mão de obra e guerreiros, partindo do princípio de que são necessários.

— E tenta aborrecer-te com ataques de filosofia quando não são — acrescentou Brisa.

Ham suspirou.

— Brisa, a sério, às vezes não sei porque é que eu... — Ham calou-se quando a porta voltou a abrir-se, deixando entrar outro homem.

O recém-chegado trazia um pesado sobretudo castanho-claro, um par de calças castanhas e uma simples camisa branca. No entanto, a sua cara era muito mais distintiva do que a roupa. Era nodosa e rugosa, como um bocado retorcido de madeira, e os seus olhos brilhavam com o nível de insatisfação desaprovadora que só os idosos eram capazes de exibir. Vin não conseguia calcular com alguma segurança a sua idade — era suficientemente jovem para ainda não estar recurvado, mas suficientemente idoso para fazer com que a meia-idade de Brisa parecesse juvenil.

O recém-chegado examinou Vin e os outros, bufou de desdém, e depois dirigiu-se a uma mesa na outra ponta da sala e sentou-se. Os seus passos eram caracterizados por um claro coxeio.

Brisa suspirou.

— Vou sentir a falta do Trap.

— Vamos todos — disse Ham em voz baixa. — Mas o Coxo é muito bom. Já trabalhei com ele.

Brisa estudou o recém-chegado.

— Pergunto a mim próprio se seria capaz de fazer com que *ele* me traga a bebida...

Ham soltou uma gargalhadinha.

— Eu pagaria para te ver tentar.

— Tenho a certeza que sim — disse Brisa.

Vin olhou para o recém-chegado, que parecia inteiramente satisfeito por ignorá-la e aos outros dois homens.

— Ele é o quê?

— O Coxo? — perguntou Brisa. — Ele, querida, é um fumador. É aquilo que evitará que o resto de nós sejamos descobertos por um inquisidor.

Vin mordeu o lábio, digerindo a nova informação enquanto estudava o Coxo. O homem deitou-lhe um olhar furibundo, e ela afastou o seu. Quando se virou, reparou que Ham estava a fitá-la.

— Gosto de ti, miúda — disse. — Os outros ligas com que trabalhei ou estavam demasiado intimidados para falar connosco, ou então tinham inveja de nós por entrarmos no seu território.

— Realmente — disse Brisa. — Não és como a maior parte dos migalhas. Claro, eu gostaria muito mais de ti se fosses buscar-me aquele copo de vinho...

Vin ignorou-o, olhando para Ham.

— Migalhas?

— Isso é o que alguns dos membros mais presunçosos da nossa sociedade chamam aos ladrões de menor nível — disse Ham. — Chamam-vos migalhas porque vocês tendem a envolver-se em... projetos menos importantes.

— Sem ofensa, claro — disse Brisa.

— Oh, eu nunca me ofenderia por... — Vin calou-se, sentindo um desejo anormal de agradar ao homem bem vestido. Fitou Brisa, furiosa. — Paraí com isso!

— Estás a ver? — disse Brisa, deitando um olhar a Ham. — Ela ainda mantém a capacidade de escolha.

— Não tens emenda.

Eles partem do princípio de que eu sou uma liga, pensou Vin. *Quer dizer que o Kelsier não lhes disse o que sou. Porquê?* Limitações de tempo? Ou seria o segredo demasiado valioso para o divulgar? Quão dignos de confiança seriam aqueles homens? E, se a tomavam por uma simples “migalha,” porque estavam a ser tão simpáticos com ela?

— Estamos à espera de mais quem? — perguntou Brisa, olhando para a porta. — Além do Kell e do Dox, quero eu dizer.

— Do Yeden — disse Ham.

Brisa franziu o sobrolho com uma expressão amarga.

— Ah, pois.

— Concordo — disse Ham. — Mas era capaz de apostar que ele sente o mesmo por nós.

— Nem sequer percebo porque foi ele convidado — disse Brisa.

Ham encolheu os ombros.

— Qualquer coisa a ver com o plano do Kell, obviamente.

— Ah, o famigerado “plano” — disse Brisa num tom pensativo. — Que serviço poderá ser, realmente...?

Ham abanou a cabeça.

— O Kell e o seu maldito dramatismo.

— Realmente.

A porta abriu-se alguns momentos mais tarde, e o homem de quem tinham falado, Yeden, entrou. Revelou ser um homem modesto, e Vin teve dificuldade em entender por que motivo os outros dois estavam tão descontentes com a sua presença. Baixo, com cabelo encaracolado cortado curto, Yeden usava roupas simples de skaa, cinzentas, e um casaco de trabalho castanho, remendado e manchado de fuligem. Examinou as redondezas com uma expressão de desaprovação, mas não se mostrou nem por sombras tão hostil como o Coxo, que continuava sentado na outra ponta da sala, franzindo o cenho a qualquer pessoa que olhasse na sua direção.

Não é um bando muito grande, pensou Vin. *Com Kelsier e Dockson, soma seis*. Claro, Ham dissera que liderava um grupo de “brigões.” Seriam os homens presentes naquela reunião apenas representantes? Os líderes de grupos mais pequenos e mais especializados? Alguns bandos funcionavam dessa forma.

Brisa verificou o relógio de pulso mais três vezes até Kelsier finalmente chegar. O chefe de bando nascido nas brumas entrou porta dentro com o seu alegre entusiasmo, seguido por um descontraído Dockson. Ham pôs-se imediatamente em pé, com um largo sorriso, e apertou a mão de Kelsier. Brisa também se levantou e, embora o seu cumprimento tenha sido um pouco mais reservado, Vin teve de admitir que nunca vira nenhum chefe de bando ser acolhido de forma tão alegre pelos seus homens.

— Ah — disse Kelsier, olhando para o outro lado da sala. — O Coxo e o Yeden também. Então está cá toda a gente. Ótimo... abomino abolutamente ser obrigado a esperar.

Brisa ergueu uma sobranceira e ele e Ham voltaram a instalar-se nas respetivas cadeiras, tendo-se Dockson sentado à mesma mesa.

— Vamos receber uma explicação pela tua chegada tardia?

— Eu e o Dockson fomos visitar o meu irmão — explicou Kelsier, dirigindo-se à parte dianteira do esconderijo. Virou-se e encostou-se ao balcão, percorrendo a sala com os olhos. Quando estes caíram sobre Vin, piscou-lhe o olho.

— O teu irmão? — disse Ham. — O Marsh vem à reunião?

Kelsier e Dockson trocaram um olhar.

— Esta noite não — disse Kelsier. — Mas acabará por se juntar ao bando.

Vin estudou os outros. Estavam céticos. *Tensão entre Kelsier e o irmão, talvez?*

Brisa ergueu a bengala de duelar, virando a ponta para Kelsier.

— Muito bem, Kelsier, já manténs este “serviço” em segredo há oito meses. Sabemos que é grande, sabemos que estás entusiasmado, e estamos todos devidamente aborrecidos contigo por guardares tanto segredo. Portanto, porque é que não nos contas simplesmente o que é?

Kelsier sorriu. Depois endireitou-se, indicando com um gesto de mão o sujo e simples Yeden.

— Senhores, eis o vosso novo patrão.

Aquela era, aparentemente, uma declaração bastante chocante.

— *Ele?* — perguntou Ham.

— Ele — disse Kelsier com um aceno.

— Que foi? — perguntou Yeden, falando pela primeira vez. — Têm algum problema em trabalhar com alguém que tenha moral?

— Não é isso, meu caro — disse Brisa, pousando a bengala de duelar em cima das coxas. — É só que, bem, eu tinha a estranha impressão de que não *gostavas* lá muito de gente como nós.

— E não gosto — disse Yeden, sem rodeios. — São egoístas, indisciplinados e viraram as costas ao resto dos skaa. Vestem-se bem, mas por dentro são tão porcos como a cinza.

Ham soltou uma fungadela.

— Já consigo ver que este serviço vai ser *bestial* para o moral do bando.

Vin observou em silêncio, mordendo o lábio. Yeden era obviamente um trabalhador skaa, provavelmente membro de uma forja ou de uma fábrica têxtil. Que ligação teria ele com o submundo? E... como poderia ser capaz de pagar os serviços de um bando de ladrões, em especial de um bando aparentemente tão especializado como o de Kelsier?

Este talvez tenha reparado na sua confusão, pois Vin descobriu-o a olhar para ela enquanto os outros continuavam a falar.

— Ainda estou um pouco confuso — disse Ham. — Yeden, estamos todos conscientes da opinião que tens sobre os ladrões. Portanto... porquê contratar-nos?

Yeden contorceu-se um pouco.

— Porque — disse por fim — toda a gente sabe como são eficazes.

Brisa soltou uma gargalhadinha.

— Desaprovar a nossa moral não te deixa sem vontade de dar uso às

nossas aptidões, segundo vejo. Nesse caso, qual é o serviço? Que quer de nós a rebelião skaa?

Rebelião skaa?, pensou Vin, sentindo que uma peça da conversa se encaixava no lugar. O submundo tinha dois lados. A porção maior, de longe, era composta por ladrões, bandos, prostitutas e pedintes que tentavam sobreviver fora da corrente principal da cultura skaa.

E depois havia os rebeldes. As pessoas que agiam contra o Império Final. Reen sempre lhes chamara parvos — sentimento partilhado pela maior parte das pessoas que Vin conhecera, tanto as do submundo como os skaa normais.

Todos os olhos se viraram lentamente para Kelsier, o qual estava de novo encostado ao balcão.

— A rebelião skaa, por intermédio do seu líder, Yeden, contratou-nos para executar algo de muito específico.

— O quê? — perguntou Ham. — Roubo? Assassínio?

— Um pouco das duas coisas — disse Kelsier — e, ao mesmo tempo, nem uma nem a outra. Senhores, este não vai ser um serviço normal. Vai ser diferente de tudo o que qualquer bando alguma vez tentou levar a cabo. Vamos ajudar Yeden a derrubar o Império Final.

Silêncio.

— Desculpa? — disse Ham.

— Ouviste-me bem, Ham — disse Kelsier. — É esse o serviço que tenho andado a planear: a destruição do Império Final. Ou, pelo menos, do seu centro de governo. O Yeden contratou-nos para lhe fornecermos um exército, e depois lhe oferecermos uma oportunidade favorável para tomar o controlo desta cidade.

Ham recostou-se, depois trocou um olhar com Brisa. Ambos os homens se viraram para Dockson, o qual acenou solenemente com a cabeça. A sala permaneceu em silêncio mais um momento; depois o silêncio foi interrompido quando Yeden desatou a rir lugubremente de si para si.

— Eu nunca devia ter concordado com isto — disse Yeden, abanando a cabeça. — Agora que o dizes, vejo quão ridículo tudo isto soa.

— Confia no que te digo, Yeden — disse Kelsier. — Estes homens tornaram habitual conseguirem executar planos que parecem ridículos à primeira vista.

— Isso até pode ser verdade, Kell — disse Brisa. — Mas, neste caso, dou por mim a concordar aqui com o nosso desaprovador amigo. Derrubar o Império Final... isso é algo para que os rebeldes skaa têm vindo a trabalhar há mil anos! Que te leva a crer que somos capazes de conseguir algo quando esses homens falharam?

Kelsier sorriu.

— Nós teremos sucesso porque temos visão, Brisa. Isso é algo que sempre faltou à rebelião.

— Desculpa? — disse Yeden, indignado.

— É verdade, infelizmente — retorquiu Kelsier. — A rebelião condena gente como nós por causa da nossa cobiça, mas apesar de toda a sua elevada moralidade, a qual, diga-se de passagem, eu respeito, nunca consegue fazer nada. Yeden, os teus homens escondem-se em florestas e em montes, planeando como um dia se irão erguer e liderar uma gloriosa guerra contra o Império Final. Mas a tua gente não faz a mínima ideia de como desenvolver e executar um plano como deve ser.

A expressão de Yeden ensombrou-se.

— E *tu* não fazes a mínima ideia do que estás a falar.

— Ah não? — disse Kelsier com ligeireza. — Diz-me, que conseguiu a tua rebelião durante os seus mil anos de luta? Onde estão os vossos sucessos e as vossas vitórias? O Massacre de Tougier há três séculos, em que sete mil rebeldes skaa foram chacinados? O ataque ocasional a um barco de canal em viagem ou o rapto de um pequeno funcionário nobre?

Yeden corou.

— Isso é o melhor que conseguimos com as pessoas que temos! Não culpes os meus homens pelos seus falhanços... culpa o resto dos skaa. Nem sequer conseguimos levá-los a ajudar. Foram rebaixados à pancada durante um milénio; não lhes resta nenhuma coragem. Já é difícil quanto baste conseguir que um em mil nos dê ouvidos, quanto mais rebelar-se!

— Paz, Yeden — disse Kelsier, erguendo uma mão. — Não estou a tentar insultar a vossa coragem. Estamos do mesmo lado, lembra-te? Vieste especificamente ter comigo porque estavas a ter problemas em recrutar gente para o teu exército.

— E cada vez me arrependo mais dessa decisão, ladrão — disse Yeden.

— Bem, já nos pagaste — disse Kelsier. — Portanto é um pouco tarde para recuar agora. Mas nós arranjamos-te esse exército, Yeden. Os homens nesta sala são os mais capazes, os mais espertos e os mais talentosos alomantes da cidade. Verás.

A sala voltou a ficar silenciosa. Vin manteve-se sentada à mesa, observando a troca de palavras de cenho franzido. *Que jogo estás a jogar, Kelsier?* As palavras dele sobre o derrube do Império Final eram claramente uma fachada. Parecia-lhe mais provável que pretendesse vigiar a rebelião skaa. Mas... se já tinha sido pago, para quê prosseguir com o logro?

Kelsier virou-se para Brisa e Ham.

— Muito bem, senhores. Que pensam vocês?

Os dois homens trocaram um olhar. Por fim, Brisa falou.

— O Senhor Soberano sabe que eu nunca fui homem para recusar um desafio. Mas, Kell, questiono o teu raciocínio. Tens a certeza que conseguimos fazer isto?

— Absoluta — disse Kelsier. — Tentativas anteriores de derrubar o Senhor Soberano falharam porque lhes faltava a devida organização e planeamento. Somos ladrões, senhores... e somos ladrões extraordinariamente bons. Somos capazes de roubar o que não é roubável e de enganar quem não é enganável. Sabemos como pegar numa tarefa incrivelmente grande, decompô-la em bocados manejáveis, e depois lidar com cada um desses bocados. Sabemos como obter o que queremos. Estas coisas tornam-nos perfeitos para esta tarefa em particular.

Brisa franziu o sobrolho.

— E... quanto estamos a ser pagos para conseguir o impossível?

— Trinta mil caixarcos — disse Yeden. — Metade agora, metade quando entregarem o exército.

— Trinta mil? — disse Ham. — Por uma operação tão grande como esta? Isso mal vai cobrir as despesas. Vamos precisar de um espião entre a nobreza para estar atento a boatos, vamos precisar de um par de esconderijos, já para não falar de um lugar suficientemente grande para esconder e treinar um exército inteiro...

— Não vale a pena regatear agora, ladrão — cortou Yeden. — Trinta mil pode não parecer muito para gente da *tua* laia, mas é o resultado de décadas de poupanças da nossa parte. Não vos podemos pagar mais porque não temos mais nada.

— O trabalho é bom, senhores — comentou Dockson, juntando-se à conversa pela primeira vez.

— Sim, bem, isso é maravilhoso — disse Brisa. — Tenho-me na conta de um indivíduo bastante simpático. Mas... isto parece-me um pouco altruísta em demasia. Já para não falar de estúpido.

— Bem... — disse Kelsier. — Pode haver um pouco mais para nós em tudo isto...

Vin espetou as orelhas, e Brisa sorriu.

— O tesouro do Senhor Soberano — disse Kelsier. — O plano, tal como está agora, é fornecer a Yeden um exército e uma oportunidade para tomar a cidade. Uma vez que ele capture o palácio, capturará o tesouro e usará os seus fundos para manter o poder. E, no âmago desse tesouro...

— Está o átio do Senhor Soberano — disse Brisa.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— O nosso acordo com Yeden promete-nos metade das reservas

de átio que encontrarmos no palácio, por mais vastas que elas possam ser.

Átio. Vin ouvira falar do metal, mas nunca chegara mesmo a ver nenhum. Era incrivelmente raro, supostamente usado apenas por nobres.

Ham estava a sorrir.

— Bem, isso agora — disse lentamente — é quase um prémio suficientemente grande para se tornar tentador.

— Essa reserva de átio deve ser enorme — disse Kelsier. — O Senhor Soberano só vende o metal em bocados pequenos, exigindo somas escandalosas à nobreza. Ele *tem* de ter uma reserva enorme do metal para se assegurar de que controla o mercado, e para garantir que tem riqueza suficiente para emergências.

— É verdade... — disse Brisa. — Mas tens a certeza que queres tentar algo como isto tão pouco tempo depois de... do que aconteceu da última vez que tentámos entrar no palácio?

— Desta vez vamos fazer as coisas de outra maneira — disse Kelsier. — Senhores, vou ser franco convosco. Isto não vai ser um serviço fácil, mas *pode* resultar. O plano é simples. Vamos arranjar maneira de neutralizar a Guarnição de Luthadel... deixando a zona sem uma força policial. Depois, vamos mergulhar a cidade no caos.

— Temos um par de opções sobre como fazê-lo — disse Dockson. — Mas podemos falar disso mais tarde.

Kelsier concordou com a cabeça.

— Depois, nesse caos, o Yeden entrará em Luthadel com o seu exército e capturará o palácio, fazendo o Senhor Soberano prisioneiro. Enquanto Yeden toma o controlo da cidade, nós surripiamos o átio. Damos-lhe metade, e depois desaparecemos com a outra metade. Depois disso, a tarefa de conservar o que agarrou é dele.

— Soa um bocado perigoso para ti, Yeden — comentou Ham, deitando uma olhadela ao líder rebelde.

Este encolheu os ombros.

— Talvez. Mas se conseguirmos, por algum milagre, acabar com o palácio sob controlo, teremos pelo menos feito algo que nenhuma rebelião skaa conseguiu fazer antes. Para os meus homens, isto não é só uma questão de riquezas... nem sequer é sobre sobrevivência. É uma questão de fazer algo de grandioso, algo de maravilhoso, para dar esperança aos skaa. Mas não espero que vocês compreendam coisas como esta.

Kelsier deitou um olhar tranquilizador a Yeden, e o homem soltou uma fungadela e voltou a sentar-se. *Terá ele usado alomância?*, perguntou Vin a si própria. Já tinha visto relações entre patrões e bandos, e parecia que Yeden estava muito mais no bolso de Kelsier do que o contrário.

Kelsier voltou a virar-se para Ham e Brisa.

— Há mais em tudo isto do que simplesmente uma exibição de ousadia. Se conseguirmos roubar o átio, será um grande golpe nas fundações financeiras do Senhor Soberano. Ele depende do dinheiro que o átio fornece; sem ele, pode perfeitamente ficar sem meios para pagar os seus exércitos.

» E mesmo se ele escapar à nossa armadilha, ou se nós decidirmos tomar a cidade quando ele andar por fora para minimizar a necessidade de ter de lidar com ele, ficará financeiramente arruinado. Não conseguirá fazer avançar soldados para recuperar a cidade das mãos de Yeden. Se isto resultar bem, ficaremos de qualquer modo com a cidade num caos, e a nobreza estará demasiado fraca para reagir contra as forças dos rebeldes. O Senhor Soberano ficará confundido e incapaz de organizar um exército de bom tamanho.

— E os colossos? — perguntou Ham em voz baixa.

Kelsier fez uma pausa.

— Se ele fizer avançar essas criaturas contra a sua própria capital, a destruição que causaria podia ser ainda mais perigosa do que a instabilidade financeira. No caos, os nobres provinciais rebelar-se-ão e far-se-ão proclamar reis, e o Senhor Soberano não terá as tropas necessárias para os pôr outra vez na linha. Os rebeldes de Yeden conseguirão manter o controlo de Luthadel, e nós, meus amigos, ficaremos muito, muito ricos. Toda a gente obtém o que deseja.

— Estão a esquecer-se do Ministério de Aço — cortou o Coxo, quase esquecido ao fundo da sala. — Aqueles inquisidores não vão simplesmente deixar-nos mergulhar a sua linda teocracia no caos.

Kelsier fez uma pausa, virando-se para o homem nodoso.

— Vamos ter de arranjar alguma maneira de lidar com o Ministério... eu tenho alguns planos para isso. Seja como for, problemas como esse são aquilo que nós, enquanto bando, teremos de resolver. Temos de nos ver livres da Guarnição de Luthadel; não há maneira de conseguirmos fazer alguma coisa com eles a policiar as ruas. Teremos de arranjar uma forma apropriada de mergulhar a cidade no caos, e teremos de arranjar maneira de manter os impositores longe do nosso rasto.

» Mas, se fizermos bem as nossas jogadas, talvez consigamos forçar o Senhor Soberano a enviar a guarda do palácio, e talvez mesmo os inquisidores, para a cidade para restaurar a ordem. Isso deixará exposto o palácio propriamente dito, dando a Yeden uma oportunidade perfeita para atacar. Depois disso, o que acontecer com o Ministério ou a Guarnição não irá importar: o Senhor Soberano não terá o dinheiro necessário para manter o controlo do seu império.

— Não sei, Kell — disse Brisa, abanando a cabeça. A sua superficialidade estava atenuada; ele parecia estar a refletir honestamente no plano. — O Senhor Soberano arranjou esse átio algures. E se for simplesmente minar mais algum?

Ham concordou com a cabeça.

— Ninguém sequer sabe onde fica a mina de átio.

— Eu não diria *ninguém* — disse Kelsier com um sorriso.

Brisa e Ham trocaram um olhar.

— Tu sabes? — perguntou Ham.

— Claro — disse Kelsier. — Passei um ano da minha vida a trabalhar lá.

— Os Poços? — perguntou Ham com surpresa.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— É por isso que o Senhor Soberano se assegura de que ninguém sobrevive a trabalhar lá: não se pode dar ao luxo de permitir que o segredo se espalhe. Aquilo não é só uma colónia penal, não é só um buraco infernal para onde os skaa são enviados para morrer. É uma mina.

— Claro... — disse Brisa.

Kelsier endireitou-se, afastando-se do balcão e dirigindo-se para a mesa de Ham e Brisa.

— Temos aqui uma hipótese, senhores. Uma hipótese de fazer algo de grandioso... algo que nenhum outro bando de ladrões alguma vez fez. Vamos assaltar o próprio Senhor Soberano!

» Mas há mais. Os Poços quase me mataram, e vejo as coisas... de forma diferente desde que fugi. Vejo os skaa a trabalhar sem esperança. Vejo os bandos de ladrões a tentar sobreviver dos restos dos aristocratas, fazendo-se frequentemente matar, e a outros skaa, no processo. Vejo a rebelião skaa a fazer tão grande esforço para resistir ao Senhor Soberano, mas a nunca fazer nenhuns progressos.

» A rebelião falha porque é muito pesada e está demasiado espalhada. Sempre que uma das suas muitas parcelas ganha ímpeto, o Ministério de Aço esmaga-a. Não é assim que se derrota o Império Final, senhores. Mas uma equipa pequena, especializada e altamente hábil tem esperança. Podemos trabalhar sem corrermos grande risco de sermos expostos. Sabemos como evitar as ramificações do Ministério de Aço. Compreendemos como a alta nobreza pensa, e como explorar os seus membros. Somos capazes de fazer isto!

Calou-se ao lado da mesa de Brisa e Ham.

— Não sei, Kell — disse Ham. — Não é que esteja a discordar dos teus motivos. É só que... bem, isto parece um bocado temerário.

Kelsier sorriu.

— Eu sei que parece. Mas vais alinhar na mesma, não vais?

Ham hesitou, depois confirmou com a cabeça.

— Sabes que me juntaria ao teu bando fosse qual fosse o serviço. Isto parece uma maluquice, mas a maior parte dos teus planos também parecem. Só... diz-me só isto: estás a falar a sério sobre derrubar o Senhor Soberano?

Kelsier acenou afirmativamente. Por algum motivo, Vin sentiu-se quase tentada a acreditar nele.

Ham acenou com firmeza.

— Então está bem. Alinho.

— Brisa? — perguntou Kelsier.

O homem bem vestido abanou a cabeça.

— Não tenho a certeza, Kell. Isto é um pouco extremo, mesmo para ti.

— Precisamos de ti, Brisa — disse Kell. — Ninguém consegue Acalmar uma multidão como tu. Se queremos recrutar um exército, vamos precisar dos teus alomantes... e dos teus poderes.

— Bem, lá isso é verdade — disse Brisa. — Mas, mesmo assim...

Kelsier sorriu, depois pôs qualquer coisa na mesa — o copo de vinho que Vin enchera para Brisa. Nem sequer reparara que Kelsier o tirara de cima do balcão.

— Pensa no desafio, Brisa — disse Kelsier.

Brisa deitou uma olhadela ao copo, depois ergueu o olhar para Kelsier. Por fim, riu-se, estendendo a mão para o vinho.

— Está bem. Alinho.

— É impossível — disse uma voz áspera do fundo da sala. O Coxo estava sentado de braços cruzados, olhando para Kelsier de cenho carregado. — Que é que estás mesmo a planear, Kelsier?

— Estou a ser honesto — respondeu Kelsier. — Planeio roubar o átio do Senhor Soberano e derrubar o seu império.

— Não consegues — disse o homem. — É uma idiotice. Os inquisidores vão pendurar-nos a todos por ganchos enfiados nas gargantas.

— Talvez — disse Kelsier. — Mas pensa na recompensa se tivermos sucesso. Riqueza, poder, e uma terra onde os skaa podem viver como homens, não como escravos.

O Coxo soltou uma sonora fungadela. Depois pôs-se em pé, fazendo cair a cadeira atrás de si.

— Nenhuma recompensa seria suficiente. O Senhor Soberano tentou fazer com que morresses uma vez... vejo que não ficarás satisfeito até que ele consiga acertar. — E com aquilo, o mais velho dos presentes virou-se e saiu a passos largos e coxos da sala, batendo com força a porta atrás de si.

O esconderijo silenciou-se.

— Bem, suponho que vamos precisar de outro fumador — disse Dockson.

— Vamos simplesmente deixá-lo ir? — perguntou Yeden. — Ele sabe tudo!

Brisa soltou uma gargalhadinha.

— Não devias ser tu o homem de moral neste grupinho?

— A moral não tem nada a ver com isto — disse Yeden. — Deixar alguém ir desta maneira é uma palermice! Ele pode fazer com que os inquisidores nos apanhem em minutos.

Vin concordou com a cabeça, mas Kelsier abanou a sua negativamente.

— Eu não trabalho assim, Yeden. Convidei o Coxo para uma reunião onde delineei um plano perigoso... um plano a que alguns até chamariam estúpido. Não vou mandar assassiná-lo porque ele decidiu que o plano era demasiado perigoso. Se fizeres coisas dessas, bem depressa ninguém virá ouvir os teus planos.

— E além disso — disse Dockson — nós não convidaríamos alguém para uma destas reuniões, a menos que confiássemos que não nos trairia.

Impossível, pensou Vin, franzindo o sobrolho. Ele tinha de estar a mentir para manter o moral do bando elevado; ninguém era tão confiante. Afinal, não tinham os outros dito que o falhanço de Kelsier alguns anos antes — o acontecimento que o enviara para os Poços de Hathsin — ocorrera devido a uma traição? Ele teria provavelmente assassinado a seguir o Coxo naquele preciso momento, observando-o para se assegurarem de que não iria ter com as autoridades.

— Muito bem, Yeden — disse Kelsier, voltando ao assunto. — Eles aceitaram. O plano vai adiante. Ainda queres fazer parte dele?

— Vais devolver o dinheiro da rebelião se eu disser que não? — perguntou Yeden.

A única resposta àquilo foi uma rápida gargalhadinha soltada por Ham. A expressão de Yeden ensombrou-se, mas ele limitou-se a abanar a cabeça.

— Se eu tivesse alguma alternativa...

— Oh, para com as queixas — disse Kelsier. — Fazes agora oficialmente parte de um bando de ladrões, portanto podes perfeitamente vir para aqui sentar-te connosco.

Yeden hesitou por um momento, após o que suspirou e se foi sentar à mesa de Brisa, Ham e Dockson, ao lado da qual Kelsier continuava em pé. Vin ainda se mantinha sentada na mesa do lado.

Kelsier virou-se, olhando para Vin.

— Então e tu, Vin?

Ela hesitou. *Porque está ele a perguntar? Já sabe que tem poder sobre mim. O serviço não importa, desde que eu aprenda o que ele sabe.*

Kelsier esperava com um ar expectante.

— Eu entro — disse Vin, partindo do princípio de que era isso que ele queria ouvir.

Devia ter adivinhado corretamente, pois Kelsier sorriu, e depois indicou com um gesto de cabeça a última cadeira à mesa.

Vin suspirou, mas fez o que ele indicara, levantando-se e indo ocupar o último lugar.

— Quem é a miúda? — perguntou Yeden.

— Liga — disse Brisa.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, a Vin é algo de semelhante a uma nova recruta. O meu irmão apanhou-a a acalmar-lhe as emoções há alguns meses.

— Calmante, hã? — perguntou Ham. — Suponho que mais uma dessas é sempre útil.

— Na verdade — comentou Kelsier — parece que ela também é capaz de inflamar as emoções das pessoas.

Brisa sobressaltou-se.

— A sério? — perguntou Ham.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Eu e o Dox testámo-la há umas horas.

Brisa soltou uma gargalhadinha.

— E eu que lhe disse que ela provavelmente nunca conheceria outro nascido nas brumas além de ti.

— Um segundo nascido nas brumas na equipa... — disse Ham em tom de apreço. — Bem, isso melhora um bocadinho as nossas hipóteses.

— Que estão vocês a dizer? — cuspiu Yeden. — Os skaa não podem ser nascidos nas brumas. Nem sequer tenho a certeza de existirem nascidos nas brumas! *Eu* certamente nunca conheci nenhum.

Brisa ergueu uma sobrancelha, e depois pousou uma mão no ombro de Yeden.

— Devias tentar não falar tanto, amigo — sugeriu. — Assim parecerias muito menos estúpido.

Yeden sacudiu a mão de Brisa, e Ham soltou uma gargalhada. Vin, contudo, manteve-se calada, analisando as implicações do que Kelsier dissera. A parte sobre roubar as reservas de átio era tentadora, mas capturar a cidade para o fazer? Seriam aqueles homens realmente tão temerários?

Kelsier puxou uma cadeira para a mesa e sentou-se nela ao contrário, apoiando os braços nas costas da cadeira.

— Muito bem — disse. — Temos bando. Vamos planejar os detalhes na próxima reunião, mas quero que todos pensem sobre o serviço. Eu tenho alguns planos, mas quero mentes frescas a examinar a nossa tarefa. Vamos ter de discutir maneiras de levar a Guarnição de Luthadel a sair da cidade, e maneiras de mergulhar este sítio num caos tão grande que as Grandes Casas não sejam capazes de mobilizar as suas forças para se oporem ao exército de Yeden quando este atacar.

Os membros do grupo, exceto Yeden, concordaram acenando.

— Mas antes de darmos a noite por concluída — prosseguiu Kelsier — há mais uma parte do plano sobre a qual vos quero avisar.

— Mais? — perguntou Brisa com um risinho. — Roubar a fortuna do Senhor Soberano e derrubar o seu império não é suficiente?

— Não — disse Kelsier. — Se puder, vou também matá-lo.

Silêncio.

— Kelsier — disse lentamente Ham. — O Senhor Soberano é a Lascas do Infinito. É um bocado do Próprio Deus. Não podes matá-lo. Até *capturá-lo* vai provavelmente revelar-se impossível.

Kelsier não respondeu. Os seus olhos, contudo, estavam determinados.

É isso, pensou Vin. Ele tem de ser louco.

— Eu e o Senhor Soberano — disse Kelsier em voz baixa — temos uma dívida por pagar. Ele roubou-me Mare, e quase me roubou a minha própria sanidade. Admito que parte dos meus motivos para este plano é obter vingança contra ele. Vamos tirar-lhe o governo, a casa e a fortuna.

» No entanto, para isso resultar, vamos ter de nos livrar dele. Talvez aprisioná-lo nas suas próprias masmorras... ou, no mínimo, teremos de o tirar da cidade. No entanto, eu consigo pensar em algo muito melhor do que qualquer uma dessas opções. Naqueles Poços para onde ele me enviou, eu Estoirei e os meus poderes alomânticos despertaram. Agora, pretendo usá-los para o matar.

Kelsier enfiou a mão no bolso do seu fato e tirou algo de lá. Pousou o objeto na mesa.

— No Norte, têm uma lenda — disse Kelsier. — A lenda ensina que o Senhor Soberano não é imortal... não por completo. Dizem que ele pode ser morto com o metal certo. O Décimo Primeiro Metal. Esse metal.

Olhos viraram-se para o objeto sobre a mesa. Era uma estreita barra de metal, talvez com o comprimento e largura do mindinho de Vin, com lados retos. Tinha uma cor branca-prateada.

— O Décimo Primeiro Metal? — perguntou Brisa com incerteza. — Não ouvi falar de nenhuma lenda semelhante.

— O Senhor Soberano suprimiu-a — disse Kelsier. — Mas ainda

pode ser encontrada, se souberes onde procurar. A teoria alomântica fala de dez metais: os oito metais básicos, e os dois metais superiores. Mas há mais um, desconhecido da maioria. Um muito mais poderoso, até, do que os outros dez.

Brisa franziu o sobrolho com ceticismo.

Yeden, contudo, parecia intrigado.

— E este metal é de alguma forma capaz de matar o Senhor Soberano?

Kelsier acenou afirmativamente.

— É a fraqueza dele. O Ministério de Aço quer que acreditemos que ele é imortal, mas até ele pode ser morto... por um alomante a queimar isto.

Ham estendeu a mão, pegando na fina barra de metal.

— Onde foi que o arranjaste?

— No Norte — disse Kelsier. — Numa terra próxima da Península Distante, uma terra onde as pessoas ainda se lembram de como se chamava o seu antigo reino nos dias anteriores à Ascensão.

— E como funciona? — perguntou Brisa.

— Não sei bem — disse Kelsier com franqueza. — Mas tenciono descobrir.

Ham olhou para o metal cor de porcelana, virando-o entre os dedos.

Matar o Senhor Soberano?, pensou Vin. O Senhor Soberano era uma força, como os ventos ou as brumas. Coisas dessas não se matavam. Elas não viviam, realmente. Simplesmente *eram*.

— Seja como for — disse Kelsier, recuperando o metal das mãos de Ham. — Vocês não têm de se preocupar com isto. Matar o Senhor Soberano é tarefa minha. Se se revelar impossível, contentar-nos-emos em levá-lo a sair da cidade e depois roubá-lo de fio a pavio. Só achei que deviam saber o que eu estou a planear.

Liguei-me a um louco, pensou Vin com resignação. Mas isso não tinha importância — desde que ele lhe ensinasse alomância.

Nem sequer compreendo o que esperam que eu faça. Os filósofos de Terris afirmam que saberei qual é o meu dever quando o momento chegar, mas isso pouco me reconforta.

A Profundez tem de ser destruída, e aparentemente eu sou o único que o pode fazer. Ela devasta o mundo neste momento. Se não lhe puser travão em breve, nada restará nesta terra além de ossos e poeira.



— **AHA!** — **A TRIUNFANTE** figura de Kelsier saltou de trás do balcão de Camon, com uma expressão de satisfação no rosto. Ergueu o braço e pousou com estrondo uma garrafa poeirenta de vinho no balcão.

Dockson ergueu o olhar com divertimento.

— Onde foi que a encontraste?

— Uma das gavetas secretas — disse Kelsier, limpando o pó à garrafa.

— Julgava que as tinha achado todas — disse Dockson.

— E achaste. Uma delas tinha um fundo falso.

Dockson soltou uma gargalhadinha.

— Esperto.

Kelsier levantou-se, tirando a rolha à garrafa e servindo três copos.

— O truque é nunca parar de procurar. Há *sempre* outro segredo. — Agarrou nos três copos e foi juntar-se a Vin e a Dockson à mesa.

Vin aceitou o copo com uma mão hesitante. A reunião terminara pouco tempo antes, e Brisa, Ham e Yeden haviam-se ido embora para refletir nas coisas que Kelsier lhes dissera. Vin sentia que também devia ter ido, mas não tinha para onde ir. Dockson e Kelsier pareciam partir do princípio de que ela permaneceria com eles.

Kelsier bebeu um longo trago do vinho rubicundo, depois sorriu.

— Ah, isto é *muito* melhor.

Dockson concordou com a cabeça, mas Vin não provou a sua bebida.

— Vamos precisar de outro fumador — comentou Dockson.

Kelsier acenou afirmativamente.

— Mas os outros pareceram acolher bem a ideia.

— O Brisa ainda está hesitante — disse Dockson.

— Ele não vai recuar. Brisa gosta de desafios, e nunca encontrará um desafio maior do que este. — Kelsier sorriu. — Além disso, dava em doido se soubesse que estávamos a executar um serviço em que não participasse.

— Mesmo assim, ele tem razão em estar apreensivo — disse Dockson. — Eu próprio estou um pouco preocupado.

Kelsier concordou com a cabeça e Vin franziu o sobrolho. *Quer dizer que o plano é a sério? Ou será isto ainda uma representação por minha causa?* Os dois homens pareciam tão competentes. Mas derrubar o Império Final? Mais depressa impediriam as brumas de fluir ou o sol de nascer.

— Quando é que os teus outros amigos chegam? — perguntou Dockson.

— Dentro de um par de dias — disse Kelsier. — Precisamos de ter outro fumador por essa altura. E eu também vou precisar de mais algum átio.

Dockson franziu o sobrolho.

— Já?

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Gastei a maior parte a comprar o Contrato de OreSeur, e depois usei o resto na plantação de Tresting.

Tresting. O nobre que fora morto no seu solar na semana anterior. *Como esteve Kelsier envolvido? E o que dissera Kelsier antes sobre o átio?* Afirmara que o Senhor Soberano mantinha a alta nobreza sob controlo conservando o monopólio sobre o metal.

Dockson esfregou o queixo barbudo.

— Não é fácil arranjar átio, Kell. Precisámos de quase oito meses de planeamento para roubar aquele último bocado para ti.

— Isso foi porque tiveste de ser delicado — disse Kelsier com um sorriso retorcido.

Dockson olhou para Kelsier com uma expressão de ligeira apreensão. Kelsier limitou-se a alargar mais o sorriso, e por fim Dockson revirou os olhos, suspirando. Depois olhou para Vin.

— Não tocaste na tua bebida.

Vin abanou a cabeça.

Dockson esperou uma explicação, e Vin acabou por ser forçada a responder.

— Não gosto de beber nada que não seja eu a preparar.

Kelsier soltou uma gargalhada.

— Ela faz-me lembrar o Vent.

— O Vent? — disse Dockson com uma fungadela. — A moça é um bocado paranoica, mas não é assim tão má. Juro, aquele homem era tão assustadico que o bater do próprio coração o fazia dar um salto.

Os dois homens partilharam uma gargalhada. Vin, contudo, só ficou mais desconfortável pelo ar amigável. *Que esperam eles de mim? Vou ser alguma espécie de aprendiz?*

— Muito bem — disse Dockson. — Vais dizer-me como planeias arranjar algum átio para ti?

Kelsier abriu a boca para responder, mas as escadas ressoaram com o som de alguém a descer. Kelsier e Dockson viraram-se; Vin, claro, sentara-se de forma a poder ver ambas as entradas da sala sem ter de se mover.

Vin esperava que o recém-chegado fosse um dos membros do bando de Camon, enviado para ver se Kelsier já fizera o que tinha a fazer no esconderijo. Por conseguinte, foi completamente apanhada de surpresa quando a porta se abriu de repente para revelar a cara carrancuda e nodosa do homem chamado Coxo.

Kelsier sorriu, com os olhos a cintilar.

Ele não está surpreendido. Contento, talvez, mas não surpreendido.

— Coxo — disse Kelsier.

O Coxo parou à soleira da porta, dirigindo aos três um olhar impressionantemente desaprovador. Por fim, mancou para dentro da sala. Um adolescente magro, com um ar desajeitado, seguiu-o.

O rapaz foi buscar uma cadeira para o Coxo e pô-la perto da mesa de Kelsier. O Coxo instalou-se, resmungando ligeiramente com os seus botões. Por fim, olhou para Kelsier pelo canto do olho, enrugando o nariz.

— O calmante foi-se embora?

— O Brisa? — disse Kelsier. — Sim, ele saiu.

O Coxo soltou um grunhido. Depois olhou para a garrafa de vinho.

— Serve-te — disse Kelsier.

O Coxo indicou por gestos ao rapaz para lhe ir buscar um copo ao balcão, e depois voltou a virar-se para Kelsier.

— Eu tinha de ter a certeza — disse. — Nunca podemos confiar em nós quando anda um calmante por perto... especialmente um como aquele.

— Tu és um fumador, Coxo — disse Kelsier. — Ele não conseguiria fazer-te grande coisa, se tu não quisesses.

O Coxo encolheu os ombros.

— Não gosto de calmantes. Não é só a alomância... homens como aquele... bem, não se pode confiar em não se estar a ser manipulado quando eles estão por perto. Com cobre ou sem cobre.

— Eu não dependeria de algo assim para obter a tua lealdade — disse Kelsier.

— Foi o que ouvi dizer — disse o Coxo enquanto o rapaz lhe servia um copo de vinho. — Mas tinha de ter a certeza. Tinha de pensar nas coisas sem aquele Brisa por perto. — Franziu o sobrolho, embora Vin tivesse dificuldade em determinar porquê, depois pegou no copo e emborcou metade do conteúdo num único trago.

— Bom vinho — disse ele com um grunhido. Depois olhou para Kelsier. — Então, os Poços deixaram-te mesmo doido, hã?

— Completamente — disse Kelsier sem sorrir.

O Coxo sorriu, embora na sua cara a expressão tivesse um aspeto decididamente retorcido.

— Então tencionas ir em frente com isto? Este teu dito serviço?

Kelsier anuiu solenemente.

O Coxo emborcou o resto do vinho.

— Então arranjaste um fumador. Mas não é pelo dinheiro. Se realmente és sério quanto a derrubar o governo, então eu entro.

Kelsier sorriu.

— E não me sorrias — cortou o Coxo. — Detesto isso.

— Não me atreveria.

— Bem — disse Dockson, servindo outra bebida para si — isto resolve o problema do fumador.

— Não há de ter grande importância — disse o Coxo. — Vocês vão falhar. Passei a vida a tentar esconder brumeiros do Senhor Soberano e dos seus impositores. Mesmo assim, acaba por apanhar todos.

— Então para que te dás ao trabalho de nos ajudar? — perguntou Dockson.

— Porque — disse o Coxo, pondo-se em pé — o Senhor me vai apanhar mais cedo ou mais tarde. Pelo menos assim, poderei cuspir-lhe na cara enquanto me vou. Derrubar o Império Final... — Sorriu. — Tem estilo. Vamos embora, miúdo. Temos de preparar a loja para visitantes.

Vin ficou a vê-los ir, o Coxo a coxear até à porta, e o rapaz a fechá-la atrás de ambos. Depois olhou para Kelsier.

— Sabíeis que ele ia voltar.

Kelsier encolheu os ombros, levantando-se e espreguiçando-se.

— Tinha esperança. As pessoas sentem-se atraídas pela visão. O serviço que estou a propor... bem, simplesmente não é o tipo de coisa a que se vira costas... pelo menos se se é um velho aborrecido que está em geral zangado com a vida. Bom, Vin, suponho que o teu bando é dono de todo este edifício?

Vin confirmou com a cabeça.

— A loja lá de cima é uma fachada.

— Ótimo — disse Kelsier, consultando o relógio de bolso, e de seguida entregando-o a Dockson. — Diz aos teus amigos que podem recuperar o esconderijo; é provável que as brumas já estejam a sair.

— E nós? — perguntou Dockson.

Kelsier sorriu.

— Nós vamos para o telhado. Como te disse, tenho de ir buscar um pouco de átio.

De dia, Luthadel era uma cidade enegrecida, causticada pela fuligem e pela luz vermelha do sol. Era dura, nítida e opressiva.

De noite, contudo, as brumas vinham desfocar e obscurecer. As fortalezas da alta nobreza tornavam-se silhuetas fantasmagóricas e vagas. As ruas pareciam tornar-se mais estreitas no nevoeiro, transformando-se cada estrada numa viela solitária e perigosa. Sair à noite tornava até os nobres e os ladrões apreensivos — era necessário um coração forte para enfrentar o silêncio agoirento e brumoso. A cidade escura à noite era lugar para os desesperados e os temerários; era uma terra de turbilhonante mistério e estranhas criaturas.

Estranhas criaturas como eu, pensou Kelsier. Estava em pé no parapeito que rodeava a borda do telhado plano do esconderijo. Edifícios mergulhados nas sombras erguiam-se na noite à sua volta, e as brumas faziam com que tudo parecesse deslocar-se e mover-se na escuridão. Luzes fracas espreitavam de janelas ocasionais, mas as minúsculas contas de iluminação eram coisas fechadas em si próprias, assustadas.

Uma brisa fresca deslizou pelo telhado, fazendo mover a neblina, roçando na face humedecida pela névoa como uma exalação. Em dias passados — antes de tudo ter dado errado — sempre procurara um telhado na noite que precedia um serviço, desejoso de observar a cidade. Só se apercebeu de que estava a repetir esse velho costume naquela noite quando olhou para o lado, esperando que Mare ali estivesse a seu lado, como sempre acontecera.

Em vez dela, encontrou apenas o ar vazio. Solitário. Silencioso. As brumas que a substituíam. Mal.

Suspirou e virou-se. Vin e Dockson estavam atrás dele no telhado. Ambos pareciam apreensivos por estar no exterior, entre as brumas, mas lidavam com os seus medos. Não se chegava longe no submundo sem se aprender a aguentar as brumas.

Kelsier aprendera a fazer muito mais do que “aguentá-las”. Saíra para as brumas com tal frequência durante os últimos anos que estava a começar a sentir-se mais confortável à noite, no seio do abraço ocultador das brumas, do que durante o dia.

— Kell — disse Dockson. — *Tens* de te pôr na borda dessa maneira? Os nossos planos podem ser um bocado malucos, mas eu preferia que não acabassem contigo espalhado pelas pedras da calçada, lá em baixo.

Kelsier sorriu. *Ele ainda não pensa em mim como um nascido nas brumas*, pensou. *Todos vão precisar de alguma habituação.*

Anos antes, tornara-se o mais famigerado chefe de bando de Luthadel, e fizera-o sem mesmo ser um alomante. Mare fora uma vista-de-estanho, mas ele e Dockson... eram apenas homens normais. Um, um mestiço sem poderes, o outro, um skaa de plantação foragido. Juntos,

tinham posto Grandes Casas de joelhos, roubando ousadamente os homens mais poderosos do Império Final.

Agora Kelsier era mais, era tanto mais. Em tempos sonhara com a alomância, desejando um poder como o de Mare. Ela morrera antes de ele Estoirar, obtendo os seus poderes. Nunca veria o que Kelsier ia fazer com eles.

Antes, a alta nobreza temera-o. Fora necessária uma armadilha montada pelo próprio Senhor Soberano para capturar Kelsier. Agora... o próprio Império Final tremeria antes de lhe fazer tudo o que ia fazer.

Percorreu uma vez mais a cidade com o olhar, inspirando a névoa, depois saltou do parapeito e foi a passos largos juntar-se a Dockson e a Vin. Não transportavam luzes; a luz ambiente, proveniente das estrelas e espalhada pelas brumas, era suficiente para ver, na maioria dos casos.

Kelsier despiu o casaco e o colete, entregando-os a Dockson, e de seguida tirou a camisa de dentro das calças, deixando a longa peça de vestuário solta. O tecido era suficientemente escuro para não o denunciar na noite.

— Muito bem — disse Kelsier. — Devo experimentar quem?

Dockson franziu o sobrolho.

— Tens a certeza que queres fazer isto?

Kelsier sorriu.

Dockson suspirou.

— As Casas Urbain e Tenier foram atingidas recentemente, embora não por causa do átio.

— Qual das casas é a mais forte neste momento? — perguntou Kelsier, acorando-se e desatando os nós da trouxa que estava no telhado junto aos pés de Dockson. — Quem é que ninguém pensaria atingir?

Dockson hesitou.

— Os Venture — disse por fim. — Têm estado no topo nos últimos anos. Mantêm uma força permanente de várias centenas de homens, e a nobreza local da casa inclui um bom par de dúzias de brumeiros.

Kelsier acenou com a cabeça.

— Bem, nesse caso é para aí que vou. Com certeza terão algum átio. — Abriu a trouxa e depois tirou para fora um manto cinzento-escuro. Grande e envolvente, o manto não era construído a partir de uma única peça de tecido... antes, era feito de centenas de longas faixas semelhantes a fitas. Estavam cosidas nos ombros e em volta do peito, mas na sua maior parte pendiam separadamente umas das outras, como flâmulas sobrepostas.

Kelsier vestiu a peça, fazendo as faixas de tecido torcer-se e enrolar-se, quase como as próprias brumas.

Dockson exalou suavemente.

— Nunca tinha estado tão perto de alguém que trouxesse uma coisa dessas vestida.

— O que é? — perguntou Vin, com a sua voz baixa quase fantasmagórica nas brumas noturnas.

— Um manto de nascido nas brumas — disse Dockson. — Todos eles usam estas coisas... é uma espécie de... sinal de pertença ao clube.

— Está colorido e foi feito para te esconder na bruma — disse Kelsier. — E avisa os guardas urbanos e os outros nascidos nas brumas para não te incomodarem. — Rodopiou, fazendo o manto expandir-se dramaticamente. — Acho que me fica bem.

Dockson revirou os olhos.

— Muito bem — disse Kelsier, baixando-se e tirando da trouxa um cinto de pano. — A Casa Venture. Há alguma coisa que eu tenha de saber?

— Diz-se que o Lorde Venture tem um cofre no seu gabinete de trabalho — disse Dockson. — Será provavelmente aí que guarda as reservas de átio. Vais encontrar o gabinete no terceiro andar, três salas para o interior do edifício, a contar da varanda superior sul. Tem cuidado. A Casa Venture tem cerca de uma dúzia de brumicidas, além das tropas regulares e dos brumeiros.

Kelsier anuiu, atando o cinto — não tinha fivela, mas continha duas pequenas bainhas. Tirou um par de adagas de vidro do saco, verificou-as em busca de lascas e enfiou-as nas bainhas. Descalçou os sapatos com sacudidelas dos pés e descalçou também as meias, ficando descalço nas pedras gélidas. Com os sapatos também se desfez do último bocado de metal que tivera no corpo, à exceção da bolsa de moedas e dos três frascos de metais que levava ao cinto. Escolheu o maior dos frascos, emborcou o seu conteúdo, e depois entregou o frasco vazio a Dockson.

— É tudo? — perguntou Kelsier.

Dockson confirmou com a cabeça.

— Boa sorte.

A seu lado, a rapariga, Vin, estudava os preparativos de Kelsier com intensa curiosidade. Era uma coisinha calada e pequena, mas escondia uma intensidade que ele achou impressionante. Era paranoica, é certo, mas não tímida.

Vais ter a tua hipótese, miúda, pensou. Mas não esta noite.

— Bem — disse, tirando uma moeda da bolsa e atirando-a para a rua. — Suponho que vou andando. Encontramo-nos na loja do Covo daqui a bocado.

Dockson concordou com a cabeça.

Kelsier virou-se e voltou a dirigir-se para o parapeito do terraço. Depois saltou do edifício.

Bruma enrolou-se no ar à sua volta. Queimou aço, o segundo dos metais alomânticos básicos. Linhas azuis translúcidas surgiram à sua volta, visíveis apenas aos seus olhos. Cada uma ligava o centro do seu peito a uma fonte de metal próxima. As linhas eram todas relativamente ténues — sinal de que apontavam para fontes de metal pequenas: maçanetas de portas, pregos e outros fragmentos. O tipo de fonte de metal não importava. Queimar ferro ou aço apontava linhas azuis a todos os tipos de metal, desde que estivessem suficientemente próximos e fossem suficientemente grandes para serem perceptíveis.

Kelsier escolheu a linha que apontava diretamente para baixo, para a sua moeda. Queimando aço, Empurrou a moeda.

A sua descida parou imediatamente, e ele foi atirado para o ar na direção oposta ao longo da linha azul. Estendeu a mente para o lado, selecionou o fecho de uma janela que por ele passava e Empurrou-a, desviando-se para o lado. O empurrão cuidadoso fê-lo subir e ultrapassar a borda do edifício do outro lado da rua, diretamente em frente do esconderijo de Vin.

Kelsier aterrou dando um pequeno passo, caindo de cócoras e correndo pelo telhado em bico do edifício. Parou nas trevas, do outro lado, espreitando através do ar rodopiante. Queimou estanho e sentiu-o ganhar vida no seu peito, intensificando-lhe os sentidos. De súbito, as brumas pareceram menos profundas. Não era que a noite à sua volta se tivesse tornado mais clara; a sua capacidade de captação simplesmente aumentara. À distância, para norte, conseguiu distinguir com dificuldade uma grande edificação. A Fortaleza Venture.

Kelsier deixou o estanho arder — ardia lentamente, e provavelmente não teria de se preocupar com o seu esgotamento. Quando se pôs em pé, as brumas enrolaram-se ligeiramente em volta do seu corpo. Torciam-se e rodopiavam, correndo numa ligeira corrente, mal perceptível, a seu lado. As brumas conheciam-no; chamavam-no seu. Conseguiram detetar a alomância.

Kelsier saltou, empurrando uma chaminé metálica atrás de si, atirando-se a um grande pulo horizontal. Atirou uma moeda enquanto saltava, fazendo cintilar o bocadinho de metal entre a escuridão e o nevoeiro. Empurrou a moeda antes de esta atingir o chão, empurrando-a para baixo com a força do seu peso, num rápido movimento. Assim que a moeda atingiu o empedrado, o Empurrão de Kelsier forçou-o a subir, transformando a segunda metade do seu salto num arco gracioso.

Kelsier aterrou noutro telhado bicudo de madeira. Os empur-

rões-de-aço e os puxões-de-ferro tinham sido as primeiras coisas que Gemmel lhe ensinara. *Quando Empurras qualquer coisa, é como atirares contra ela o teu peso*, dissera o velho lunático. *E não podes alterar quanto pesas — és um alomante, não um místico nortenho qualquer. Não Puxes nada que pese menos que tu, a não ser que queiras que isso venha a voar contra ti, e não Empurres nada mais pesado do que tu, a menos que queiras ser atirado na direção oposta.*

Kelsier coçou as cicatrizes, após o que se aconchegou bem ao manto de brumas enquanto se agachava no telhado, sentindo o grão da madeira a morder-lhe os dedos dos pés descalços. Desejava com frequência que queimar estanho não lhe intensificasse todos os sentidos — ou pelo menos não todos ao mesmo tempo. Precisava da visão melhorada para ver nas trevas, e também dava bom uso à audição melhorada. Contudo, queimar estanho fazia a noite parecer mais gélida à sua pele extraordinariamente sensível, e os pés tomavam nota de cada pedrinha e ondulação de madeira em que tocavam.

A Fortaleza Venture ergueu-se na sua frente. Comparada com a cidade lúgubre, a fortaleza parecia um incêndio de luz. A alta nobreza vivia segundo um horário diferente do das pessoas comuns; a possibilidade de pagar, e até malbaratar, óleo para lâmpadas e velas significava que os ricos não tinham de se vergar perante os caprichos das estações ou do sol.

A fortaleza era majestosa — isso era visível logo na arquitetura. Embora incluísse uma muralha defensiva em volta dos jardins, a fortaleza propriamente dita era mais construção artística do que fortificação. Robustos botaréis arqueavam-se a partir dos flancos, abrindo espaço para intrincadas janelas e delicados coruchéus. Brilhantes janelas de vitral estendiam-se para cima ao longo dos lados do edifício retangular e brilhavam de luz vinda do interior, emprestando às brumas circunvizinhas um brilho variegado.

Kelsier queimou ferro, inflamando-o com força e perscrutando a noite em busca de fontes de metal de grandes dimensões. Estava demasiado distante da fortaleza para usar objetos pequenos, como moedas ou dobradiças. Precisaria de uma âncora maior para cobrir aquela distância.

A maior parte das linhas azuis eram ténues. Kelsier tomou nota de um par delas a mover-se num padrão lento mais à frente — provavelmente um par de guardas em cima do telhado. Kelsier devia estar a detetar os seus peitorais e as suas armas. Apesar de terem de levar em conta a alomância, a maior parte dos nobres ainda armavam os seus soldados com metal. Brumeiros capazes de Puxar ou Empurrar metais eram incomuns, e nascidos nas brumas ainda o eram mais. Muitos nobres julgavam pouco prático deixar os soldados e os guardas

relativamente indefesos a fim de se oporem a um segmento tão pequeno da população.

Não, a maior parte da alta nobreza confiava noutros meios para lidar com alomantes. Kelsier sorriu. Dockson dissera que o Lorde Venture tinha um esquadrão de brumicidas; se isso era verdade, Kelsier iria provavelmente encontrá-los antes de a noite chegar ao fim. Ignorou os soldados, para já, preferindo concentrar-se numa sólida linha azul que apontava para o altaneiro topo da fortaleza. Provavelmente teria folha de bronze ou de cobre no telhado. Kelsier inflamou o seu ferro, respirou fundo, e Puxou pela linha.

Com um súbito sacão, foi atirado para o ar.

Kelsier continuou a queimar ferro, Puxando-se na direção da fortaleza a uma tremenda velocidade. Alguns boatos afirmavam que os nascidos das brumas eram capazes de voar, mas isso era um exagero fruto do desejo. Puxar e Empurrar metais parecia-se normalmente menos com voar do que com cair — só que na direção errada. Um alomante tinha de Puxar com força para conseguir o impulso necessário, e isso fazia-o precipitar-se na direção da sua âncora a velocidades assustadoras.

Kelsier disparou na direção da fortaleza, com as brumas a rodopiar à sua volta. Ultrapassou facilmente a muralha protetora que rodeava o terreno da fortaleza, mas o seu corpo foi caindo ligeiramente na direção do chão enquanto se deslocava. Era de novo o seu maldito peso; puxava-o para baixo. Até a mais rápida das setas curvava ligeiramente para o chão enquanto voava.

A resistência do peso significava que em vez de disparar diretamente na direção do telhado, descreveu um arco. Aproximou-se da parede da fortaleza vários metros abaixo do topo do telhado, ainda a viajar a uma velocidade tremenda.

Respirando fundo, Kelsier queimou peltre, usando-o para intensificar a sua força física, à semelhança do modo como o estanho lhe intensificava os sentidos. Virou-se no ar, atingindo a parede de pedra com os pés. Mesmo fortalecidos, os seus músculos protestaram contra o tratamento, mas conseguiu parar sem partir nenhum osso. Solto imediatamente o telhado, deixando cair uma moeda e Empurrando-a enquanto começava a cair. Estendeu a mente, escolhendo uma fonte de metal acima de si — um dos suportes de arame de um vitral — e Puxou por ele.

A moeda atingiu o chão e tornou-se subitamente capaz de lhe suportar o peso. Kelsier lançou-se para cima, Empurrando a moeda e Puxando a janela ao mesmo tempo. Depois, extinguindo ambos os metais, deixou-se levar pela inércia os últimos metros através das brumas escuras. Com o manto a esvoaçar em silêncio, ultrapassou a borda do passa-

diço de serviço superior da fortaleza, volteou sobre o parapeito de pedra e aterrou silenciosamente na plataforma.

Um surpreendido guarda encontrava-se nem a três passos de distância. Kelsier caiu sobre o homem num segundo, saltando no ar, Puxando ligeiramente pelo peitoral de aço do guarda e desequilibrando o homem. Kelsier desembainhou uma das adagas de vidro, deixando que a força do seu puxão-de-ferro o levasse na direção do guarda. Aterrou com ambos os pés no peito do homem, depois acorcorou-se e golpeou-o com um movimento intensificado por peltre.

O guarda caiu com uma garganta cortada. Kelsier aterrou agilmente a seu lado, esforçando os ouvidos na noite, à escuta de sons de alarme. Não houve nenhum.

Kelsier abandonou o guarda ao seu destino gorgolejante. O homem era provavelmente um pequeno nobre. O inimigo. Se em vez disso fosse um soldado skaa — levado a trair o seu povo em troca de algumas moedas... Bem, nesse caso Kelsier ficava ainda mais contente por enviar tais homens para a eternidade.

Empurrou o peitoral do moribundo, saltando do passadiço de pedra para o telhado propriamente dito. O telhado de bronze estava gelado e escorregadio debaixo dos seus pés. Correu rapidamente por ele, dirigindo-se à parte sul do edifício, em busca da varanda que Dockson mencionara. Não estava muito preocupado com a possibilidade de ser localizado; um dos objetivos daquela noite era roubar algum átio, o décimo e o mais poderoso dos metais alomânticos de conhecimento geral. O outro objetivo, contudo, era causar rebuliço.

Descobriu a varanda com facilidade. Longa e larga, era provavelmente uma varanda de estar, usada para receber pequenos grupos. De momento, contudo, estava calma — vazia, à exceção de dois guardas. Kelsier agachou-se silenciosamente nas brumas noturnas por cima da varanda, oculto pelas dobras do manto cinzento, com os dedos dos pés enrolados em volta da borda metálica do telhado. Os dois guardas tagarelavam lá em baixo, alheios à sua presença.

Está na altura de fazer algum ruído.

Deixou-se cair na plataforma diretamente entre os guardas. Queimando peltre para fortalecer o corpo, estendeu a mente e deu um feroz empurrão-de-aço aos dois homens ao mesmo tempo. Apoiado, como estava, no centro, o Empurrão atirou os guardas para longe em direções opostas. Os homens gritaram de surpresa quando a súbita força os atirou para trás, fazendo-os ultrapassar o parapeito e cair na escuridão para lá dele.

Os guardas foram gritando enquanto caíam. Kelsier abriu com vio-

lência as portas da varanda, deixando uma muralha de bruma cair para dentro à sua volta, desfazendo-se em fios que rastejavam em frente para reclamar para si a sala escurecida.

Terceira sala para o interior, pensou Kelsier, avançando em corrida, dobrado sobre si próprio. A segunda sala era uma divisão sossegada semelhante a uma estufa. Canteiros baixos contendo arbustos e pequenas árvores percorriam a sala, e uma parede era feita de enormes janelas, do chão ao teto, destinadas a fornecer luz solar às plantas. Embora estivesse escuro, Kelsier sabia que as plantas seriam todas de cores ligeiramente diferentes do típico castanho — algumas seriam brancas, outras avermelhadas, e talvez mesmo umas quantas amarelas-claras. Plantas não castanhas eram uma raridade cultivada e conservada pela nobreza.

Kelsier avançou rapidamente pela estufa. Parou na porta seguinte, reparando no seu contorno iluminado. Extinguiu o estanho, para que os seus olhos intensificados não ficassem cegos quando entrasse na sala iluminada, e abriu a porta com violência.

Enfiou-se na sala, acorocado, obrigado pela luz a pestanejar, com uma adaga de vidro em cada mão. A sala, contudo, estava vazia. Era claramente um gabinete de trabalho; uma lanterna ardia em cada parede ao lado de estantes, e havia uma secretária ao canto.

Kelsier embainhou as facas, queimando aço e procurando fontes de metal. Havia um grande cofre no canto da sala, mas era demasiado evidente. E realmente, outra forte fonte de metal brilhou dentro da parede oriental. Kelsier aproximou-se, percorrendo o estuque com os dedos. Tal como muitas paredes em fortalezas nobres, aquela estava pintada com um suave mural. Estranhas criaturas vagueavam sob um sol vermelho. A secção falsa da parede formava um quadrado com cerca de meio metro de lado, e fora posicionada de tal forma que as fendas ficassem ocultas pelo mural.

Há sempre outro segredo, pensou Kelsier. Não perdeu tempo a tentar descobrir como abrir a engenhoca. Limitou-se a queimar aço, a estender a mente para dentro da parede e a Puxar a fonte fraca de metal que julgou ser o mecanismo que trancava a porta. Este a princípio resistiu, puxando-o para a parede, mas Kelsier queimou peltre e Puxou com mais força. A tranca partiu-se e o painel abriu-se, revelando um pequeno cofre embutido na parede.

Kelsier sorriu. Parecia suficientemente pequeno para ser transportado por um homem fortalecido a peltre, partindo do princípio de que o conseguiria arrancar da parede.

Saltou, dando um puxão-de-ferro ao cofre, e aterrou com os pés na parede, um de cada lado do painel aberto. Continuou a Puxar, mantem-

do-se no lugar, e inflamou peltre. A força inundou-lhe as pernas, e ele inflamou também ferro, Puxando o cofre.

Kelsier retesou-se, soltando um ligeiro grunhido de esforço. Era um teste para ver o que cederia primeiro — o cofre ou as suas pernas.

O cofre moveu-se no encaixe. Kelsier Puxou com mais força, sentindo os músculos a protestar. Durante um momento prolongado nada aconteceu. Depois, o cofre abanou e libertou-se da parede. Kelsier caiu para trás, queimando aço e Empurrando o cofre para lhe sair do caminho. Aterrou desajeitadamente, com o suor a pingar-lhe da testa, enquanto o cofre atingia o chão de madeira, fazendo voar lascas.

Um par de guardas sobressaltados entrou de rompante na sala.

— Já não era sem tempo — comentou Kelsier, erguendo uma mão e Puxando uma das espadas dos soldados. Esta saltou da bainha, girando no ar e precipitando-se na direção de Kelsier com a ponta para a frente. Kelsier apagou o aço, dando um passo para o lado e apanhando a espada pelo cabo no momento em que a inércia a fazia passar por ele.

— Nascido nas brumas! — gritou o guarda.

Kelsier sorriu e deu um salto para a frente.

O guarda puxou por um punhal. Kelsier Empurrou-o, arrancando a arma da mão do homem, e depois brandiu a espada, separando a cabeça do guarda do seu corpo. O segundo guarda praguejou, desprendendo o atilho que lhe prendia o peitoral.

Kelsier Empurrou a sua espada ainda antes de acabar de a brandir. A espada saltou-lhe dos dedos e silvou diretamente na direção do segundo guarda. A armadura do homem soltou-se — impedindo Kelsier de a Empurrar — no momento em que o corpo do primeiro guarda caía ao chão. Um momento depois, a espada de Kelsier plantou-se no peito agora desprotegido do segundo guarda. O homem tropeçou em silêncio, e de seguida caiu.

Kelsier virou as costas aos cadáveres, com o manto a rumorejar. A sua ira era calma, não tão feroz como fora na noite em que matara o Lorde Tresting. Mas ainda a sentia, sentia-a na comichão que as cicatrizes lhe davam e nos gritos recordados da mulher que amara. No que tocava a Kelsier, qualquer homem que apoiasse o Império Final também abdicava do seu direito a viver.

Inflamou peltre, fortalecendo o corpo, após o que se acorrou e ergueu o cofre. Cambaleou por um segundo sob o seu peso, mas depois reequilibrizou-se e começou a arrastar os pés na direção da varanda. O cofre talvez contivesse átio; talvez não contivesse. Contudo, não tinha tempo para procurar outras opções.

Já atravessara meia estufa quando ouviu passos vindos de trás. Vi-

rou-se para ver o gabinete de trabalho a ser inundado de vultos. Eram oito, usando todos túnicas soltas e cinzentas e trazendo uma bengala de duelar e um escudo em vez de uma espada. Brumicidas.

Kelsier deixou o cofre cair ao chão. Os brumicidas não eram alo-
mantes, mas estavam treinados para combater brumeiros e nascidos nas
brumas. Não haveria um único bocado de metal nos seus corpos, e esta-
riam prontos para os seus truques.

Kelsier deu um passo atrás, espreguiçando-se e sorrindo. Os oito
homens entraram no gabinete em semicírculo, movendo-se com calma
precisão.

Isto deve ser interessante.

Os brumicidas atacaram, precipitando-se dois a dois para dentro
da estufa. Kelsier puxou das adagas, esquivando-se ao primeiro ataque,
baixando-se, e atirando um golpe contra o peito de um homem. Porém,
o brumicida saltou para trás e forçou Kelsier a afastar-se com um movi-
mento da sua bengala.

Kelsier inflamou peltre, deixando que pernas fortalecidas o atiras-
sem para trás num salto poderoso. Com uma mão, pegou numa man-
cheia de moedas e Empurrou-as contra os seus oponentes. Os discos de
metal dispararam para diante, sibilando pelo ar, mas os inimigos esta-
vam prontos para aquilo: ergueram os escudos e as moedas ressaltaram
na madeira, fazendo voar lascas mas deixando os homens incólumes.

Kelsier olhou para os outros brumicidas que enchiam a sala, avan-
çando contra ele. Não podiam esperar combatê-lo numa batalha prolon-
gada — a sua tática consistiria em arremeter contra ele todos em simul-
tâneo, esperando pôr rapidamente fim à luta, ou pelo menos retardá-lo
até haver tempo de despertar alomantes e trazê-los para o combate. Dei-
tou uma olhadela ao cofre enquanto aterrava.

Não podia ir-se embora sem ele. Também precisava de pôr rapi-
damente fim à luta. Inflamando peltre, saltou para diante, testando um
golpe experimental com a adaga, mas não conseguiu penetrar na defesa
do oponente. Kelsier mal conseguiu esquivar-se a tempo de evitar ser
atingido na cabeça pela ponta de uma bengala.

Três dos brumicidas precipitaram-se para trás dele, cortando-lhe a
retirada para a sala da varanda. *Bestial*, pensou Kelsier, tentando man-
ter todos os oito homens debaixo de olho ao mesmo tempo. Avançaram
para ele com uma precisão cautelosa, funcionando em equipa.

Fazendo ranger os dentes, Kelsier voltou a inflamar peltre; reparou
que o metal começava a escassear. O peltre era o que mais depressa ardia
entre os oito metais básicos.

Não há agora tempo para me preocupar com isso. Os homens atrás

dele atacaram e Kelsier saltou para fora do seu caminho — Puxando o cofre para se rebocar na direção do centro da sala. Empurrou assim que atingiu o chão perto do cofre, lançando-se angularmente para o ar. Encolheu-se, girando por cima das cabeças de dois atacantes, e aterrou no chão ao lado de um canteiro de árvores bem cultivado. Rodopiou, inflamando o peltre e erguendo o braço numa defesa contra o golpe que sabia que viria.

A bengala de duelar atingiu-lhe o braço. Uma explosão de dor percorreu-lhe o antebraço, mas o seu osso fortalecido a peltre aguentou. Kelsier manteve-se em movimento, atirando a outra mão para a frente e espetando uma adaga no peito do oponente.

O homem tropeçou para trás, surpreso, arrancando a adaga a Kelsier com o movimento. Um segundo brumicida atacou, mas Kelsier esquivou-se, após o que baixou a mão livre, soltando do cinto a bolsa das moedas. O brumicida preparou-se para bloquear a adaga que restava na mão de Kelsier, mas Kelsier ergueu a outra mão, batendo com a bolsa das moedas no escudo do homem.

E depois Empurrou as moedas que estavam lá dentro.

O brumicida gritou, atirado para trás pela força do intenso empurrão-de-aço. Kelsier inflamou aço, Empurrando com tanta força que também se atirou a si para trás — para longe do par de homens que tentavam atacá-lo. Kelsier e o seu inimigo voaram para longe um do outro, atirados em direções opostas. Kelsier colidiu com a parede mais distante, mas continuou a Empurrar, esmagando o oponente — com bolsa, escudo e tudo — contra uma das enormes janelas da estufa.

Vidro estilhaçou-se, com centelhas de luz de lanterna vinda do gabinete de trabalho a brincar nos seus estilhaços. A cara desesperada do brumicida desapareceu nas trevas do exterior e névoa — silenciosa, mas agoiresenta — começou a entrar pela janela estilhaçada.

Os outros seis homens avançaram implacavelmente, e Kelsier foi forçado a ignorar a dor no braço ao esquivar-se a duas bengaladas. Girou para fora do caminho, roçando por uma pequena árvore, mas um terceiro brumicida atacou, batendo com a bengala no flanco de Kelsier.

O ataque atirou Kelsier para o canteiro. Tropeçou, depois caiu perto da entrada do gabinete iluminado, deixando cair a adaga. Arquejou de dor, rolando para se pôr de joelhos, agarrado ao flanco. O golpe teria quebrado as costelas de outro homem. Até Kelsier ficaria com um enorme hematoma.

Os seis homens avançaram, espalhando-se para voltarem a rodeá-lo. Kelsier pôs-se cambaleantemente em pé, com a visão a ficar turva devido à dor e à exaustão. Cerrou os dentes, baixando a mão e pegando num

dos frascos de metais que lhe restavam. Emborcou o conteúdo num único trago, reabastecendo-se de peltre, e depois queimou estanho. A luz quase o cegou, e a dor no braço e no flanco pareceram subitamente mais agudas, mas a explosão de sentidos intensificados limpou-lhe a cabeça.

Os seis brumicidas avançaram num ataque súbito e coordenado.

Kelsier estendeu a mão para o lado, queimando ferro e procurando metal. A fonte mais próxima era um pesado pisa-papéis prateado pousado numa secretária logo após a porta do gabinete. Kelsier agarrou-o, depois virou-se, de braço erguido contra os homens que avançavam, pondo-se numa pose defensiva.

— Está bem — rosnou.

Kelsier queimou aço com uma explosão de força. O lingote retangular foi-lhe arrancado da mão, zunindo pelo ar. O brumicida mais próximo ergueu o escudo, mas foi demasiado lento. O lingote atingiu o ombro do homem com um ruído de esmagamento, e ele caiu, gritando.

Kelsier deu meia-volta, esquivando-se a uma bengala que caía e pondo um brumicida entre si e o homem caído. Queimou ferro, Puxando o lingote para si. O metal precipitou-se pelo ar, atingindo o segundo brumicida na têmpora. O homem caiu, enquanto o lingote rodopiava pelo ar.

Um dos homens que continuavam em pé praguejou, correndo em frente para atacar. Kelsier Empurrou o lingote que continuava no ar, atirando-o para longe de si — e para longe do brumicida atacante, que tinha o escudo erguido. Kelsier ouviu o lingote atingir o chão atrás de si, estendeu a mão — queimando peltre — e apanhou a bengala do brumicida a meio de um golpe.

O brumicida soltou um grunhido, lutando com a força intensificada de Kelsier. Este não perdeu tempo a tentar libertar a arma; em vez disso Puxou com força o lingote que estava atrás de si, trazendo-o contra as suas costas a uma velocidade mortífera. Torceu-se no último momento, usando o seu impulso para obrigar o brumicida a girar com ele... mesmo para a trajetória do lingote.

O homem caiu.

Kelsier inflamou peltre, preparando-se para ataques. E realmente uma bengala atingiu-o violentamente nos ombros. Caiu de joelhos enquanto a madeira estalava, mas o estanho inflamado manteve-o consciente. A dor e a lucidez atravessaram-lhe a mente como dois relâmpagos. Puxou pelo lingote — arrancando-o das costas do moribundo — e desviou-se para o lado, deixando a arma improvisada passar por ele a voar.

Os dois brumicidas mais próximos dele agacharam-se cautelosa-

mente. O lingote atingiu com força um dos escudos dos homens, mas Kelsier não continuou a Empurrar, para não se desequilibrar. Em vez disso queimou ferro, voltando a precipitar o lingote para si. Baixou-se, apagando o ferro e sentindo o lingote zunir pelo ar por cima de si. Ouviu-se um estalo quando o metal colidiu com o homem que tinha vindo a aproximar-se sorrateiramente por trás dele.

Kelsier girou, queimando ferro e depois aço para fazer o lingote voar na direção dos dois últimos homens. Estes saíram do caminho, mas Kelsier Puxou pelo lingote, fazendo-o cair ao chão diretamente na frente deles. Os homens fitaram-no com prudência, distraídos, enquanto Kelsier corria e saltava, dando um empurrão-de-aço ao lingote e rodopiando por cima das cabeças dos homens. Os brumicidas praguejaram, rodopiando. Quando Kelsier aterrou, voltou a Puxar pelo lingote, fazendo-o esmagar-se contra a parte de trás do crânio de um homem.

O brumicida caiu em silêncio. O lingote rodopiou algumas vezes nas trevas, e Kelsier apanhou-o no ar, sentindo-lhe a superfície fria escorregadia de sangue. Névoa vinda da janela estilhaçada fluía junto aos seus pés, enrolando-se para cima em volta das suas pernas. Baixou a mão, apontando-a diretamente para o último brumicida que restava.

Algures na sala, um homem caído gemeu.

O último brumicida deu um passo atrás, após o que deixou cair a arma e fugiu a toda a velocidade. Kelsier sorriu, baixando a mão.

De súbito, o lingote foi-lhe Puxado dos dedos. Precipitou-se pela sala fora, indo colidir com outra janela. Kelsier praguejou, rodopiando para ver outro grupo de homens, mais numeroso, a jorrar para dentro do gabinete de trabalho. Usavam roupa de nobre. Alomantes.

Vários deles ergueram mãos, e uma saraivada de moedas disparou na direção de Kelsier. Este inflamou aço, Empurrando as moedas para longe. Janelas estilhaçaram-se e madeira lascou quando a sala foi borrifada com moedas. Kelsier sentiu um puxão no cinto quando o seu último frasco de metais lhe foi arrancado, Puxado na direção da outra sala. Vários homens corpulentos correram em frente curvados sobre si próprios, mantendo-se abaixo das moedas disparadas. Brigões — brumeiros que, tal como Ham, eram capazes de queimar peltre.

Está na altura de me ir embora, pensou Kelsier, afastando outra vaga de moedas, cerrando os dentes contra a dor que sentia no flanco e no braço. Deitou uma olhadela para trás de si; tinha alguns momentos, mas nunca conseguiria voltar para a varanda. Enquanto mais brumeiros avançavam, Kelsier respirou fundo e correu para uma das janelas partidas que iam do chão ao teto. Saltou para as brumas, virando-se no ar ao cair, e estendeu a mente para Puxar firmemente o cofre caído.

Sentiu uma sacudidela em pleno ar, desviando-se para o lado do edifício como se estivesse amarrado ao cofre por uma corda. Sentiu o cofre a deslizar para diante, rangendo no chão da estufa enquanto era puxado pelo peso de Kelsier. Colidiu com o lado do edifício, mas continuou a Puxar, apoiando-se na parte superior do caixilho de uma janela. Redobrou de esforços, em pé de cabeça para baixo no vão da janela, Puxando o cofre.

O cofre apareceu na borda do piso superior. Oscilou, após o que caiu da janela e começou a tombar diretamente na direção de Kelsier. Este sorriu, extinguindo o ferro e empurrando-se para longe do edifício com as pernas, atirando-se para as névoas como um mergulhador enlouquecido. Caiu para trás pelas trevas, mal conseguindo vislumbrar uma cara zangada que se projetava da janela partida mais acima.

Kelsier Empurrou cuidadosamente o cofre, deslocando-se no ar. Névoas enrolaram-se à sua volta, obscurecendo-lhe a visão, fazendo-o sentir que não estava a cair... mas sim suspenso no meio do nada.

Chegou ao cofre, após o que se torceu no ar e o Empurrou, atirando-se para cima.

O cofre esmagou-se no empedrado logo em baixo. Kelsier Empurrou-o ligeiramente, abrandando a sua queda até acabar por parar no ar, com uma sacudidela, só pouco mais de um metro acima do chão. Pairou nas névoas durante um momento, com fitas do seu manto a enrolar-se e a esvoaçar ao vento, e depois deixou-se cair ao chão ao lado do cofre.

A caixa-forte fora estilhaçada pela queda. Kelsier abriu a sua parte dianteira retalhada, com ouvidos intensificados por estanho à escuta de gritos de alarme vindos do edifício, lá em cima. Dentro do cofre, encontrou uma pequena bolsa cheia de pedras preciosas e um par de cartas de crédito de dez mil caixarcos, que meteu ao bolso. Tateou o interior, de súbito preocupado com a possibilidade de o trabalho da noite ter sido em vão. Mas então os dedos encontraram-na — uma pequena bolsa mesmo no fundo do cofre.

Abriu-a, revelando um grupo de bocados escuros de metal, semelhantes a contas. Átio. As suas cicatrizes inflamaram-se, e memórias dos tempos passados nos Poços vieram-lhe à mente.

Fechou bem a bolsa e pôs-se em pé. Com divertimento, reparou numa forma retorcida que jazia no empedrado a uma pequena distância — os restos desfeitos do brumicida que atirara pela janela. Kelsier foi ter com ele e recuperou a sua bolsa de moedas com um breve puxão-de-ferro.

Não, esta noite não foi um desperdício. Mesmo se não tivesse encontrado o átio, qualquer noite que terminasse com um grupo de nobres mortos era uma noite de sucesso, na opinião de Kelsier.

Pegou na bolsa com uma mão e no saco de átio com a outra. Manteve o peltre a arder — sem a força que o metal lhe emprestava ao corpo, provavelmente sucumbiria à dor dos ferimentos — e mergulhou na noite, dirigindo-se para a loja do Coxo.

Nunca desejei isto, é verdade. Mas alguém tem de parar a Profundeza. E, aparentemente, Terris é o único lugar onde isso pode ser feito.

Sobre este facto, contudo, não tenho de aceitar a palavra dos filósofos. Consigo agora sentir o nosso objetivo, consigo detetá-lo, embora os outros não consigam. Ele... palpita, na minha mente, lá longe nas montanhas.



6

VIN DESPERTOU NUM QUARTO sossegado, com a luz vermelha do sol matinal a espreitar através de fendas nas persianas. Ficou na cama por um momento, perturbada. Algo parecia errado. Não era que estivesse a despertar num lugar que não lhe era familiar — viajar com Reen habituara-a a um estilo de vida nómada. Precisou de um momento para se aperceber da fonte do seu desconforto.

O quarto estava vazio.

Não só estava vazio, como era espaço aberto. Não atulhado. E era... confortável. Estava deitada num colchão propriamente dito, erguido sobre as pernas de uma cama, com lençóis e uma colcha sumptuosa. O quarto estava decorado com um robusto armário de madeira, e até possuía um tapete circular. Talvez outra pessoa tivesse achado o quarto acanhado e espartano, mas a Vin ele parecia luxuoso.

Sentou-se na cama, franzindo o sobrolho. Parecia errado ter um quarto só para si. Sempre dormira apertada em acanhados dormitórios cheios de membros dos bandos. Mesmo enquanto viajava, sempre dormia em vielas de pedintes ou grutas de rebeldes, e Reen estivera lá consigo. Sempre fora forçada a lutar para arranjar privacidade. Recebê-la tão facilmente parecia desvalorizar os anos que passara a obter prazer dos seus breves momentos de solidão.

Saiu da cama, sem perder tempo a abrir as persianas. A luz do sol era ténue, o que significava que ainda se estava no início da manhã, mas já conseguia ouvir gente a percorrer o corredor. Avançou para a porta sem fazer ruído, entreabriu-a e espreitou para fora.

Depois de deixar Kelsier na noite anterior, Dockson levava Vin para a loja do Coxo. Devido à hora tardia, o Coxo levava-os imediatamente para os respectivos quartos separados. Vin, contudo, não fora imediatamente para a cama. Esperara até estarem todos a dormir, e depois esgueirara-se para fora do quarto, a fim de inspecionar as redondezas.

A residência era quase mais estalagem do que loja. Embora tivesse uma sala de exposições lá em baixo e uma grande oficina nas traseiras, o segundo andar do edifício era dominado por vários corredores compridos cheios de portas de quartos de hóspedes. Havia um terceiro andar, e as portas eram aí mais espaçadas, implicando quartos maiores. Não batera nas paredes em busca de alçapões ou portas falsas — o ruído podia ter acordado alguém — mas a experiência dizia-lhe que aquilo não seria um esconderijo como deve ser se não tivesse pelo menos uma cave secreta e uns quantos refúgios.

No geral, ficara impressionada. O equipamento de carpintaria e os projetos semiconcluídos lá em baixo indicavam uma fachada reputada e funcional. O esconderijo era seguro, bem abastecido e bem conservado. Observando pela fenda entreaberta na porta, Vin distinguiu um grupo de uns seis jovens pouco firmes nas pernas a sair de um corredor na frente do seu. Usavam roupa simples, e desceram a escada da oficina.

Carpinteiros aprendizes, pensou Vin. *É essa a fachada do Coxo — ele é um artesão skaa*. A maior parte dos skaa viviam vidas de escravatura nas plantações; mesmo aqueles que viviam numa cidade eram em geral forçados a fazer trabalhos servis. Contudo, a alguns talentosos era permitido exercer uma arte. Continuavam a ser skaa; eram mal pagos e estavam sempre sujeitos aos caprichos da nobreza. No entanto, possuíam alguma liberdade que a maior parte dos skaa só invejaria.

O Coxo era provavelmente mestre carpinteiro. O que poderia seduzir um tal homem — um homem que tinha, pelos padrões dos skaa, uma vida espantosa — a arriscar juntar-se ao submundo?

Ele é um brumeiro, pensou Vin. *Kelsier e Dockson chamaram-lhe “Fumador”*. Provavelmente teria de descobrir sozinha o que isso queria dizer; a experiência dizia-lhe que um homem poderoso como Kelsier evitaria transmitir-lhe o conhecimento enquanto pudesse, mantendo-a em suspenso com informações ocasionais. Era o seu conhecimento que a ligava a ele — seria insensato entregar demasiado, depressa de mais.

Soaram passos lá fora, e Vin continuou a espreitar pela fenda.

— Vais querer despachar-te, Vin — disse Dockson quando passou pela sua porta. Usava uma camisa de cerimónia de nobre e calças largas, e já parecia bem desperto e composto. Parou, prosseguindo: — Há um banho acabado de preparar para ti na sala ao fim do corredor, e eu

mandei o Coxo pedinchar para ti umas quantas mudas de roupa. Devem servir suficientemente bem até te arranjarmos qualquer coisa mais apropriada. Demora-te o tempo que quiseres no banho: o Kell planeou uma reunião para esta tarde, mas não podemos começar até que o Brisa e o Ham cheguem.

Dockson sorriu, fitando-a através da porta entreaberta, após o que continuou a percorrer o corredor. Vin corou por ter sido apanhada. *Estes homens são observadores. Vou ter de me lembrar disso.*

O corredor sossegou. Vin esgueirou-se para fora da sua porta e avançou silenciosamente até à sala que lhe fora indicada, sentindo-se algo surpreendida por descobrir que realmente havia um banho quente à sua espera. Franziu o sobrolho, estudando o aposento forrado de azulejos e a banheira de metal. A água cheirava a perfume, à maneira das damas nobres.

Estes homens são mais parecidos com nobres do que com skaa, pensou Vin. Não sabia bem o que pensar a esse respeito. Contudo, era claro que esperavam que ela agisse como eles, portanto fechou e trancou a porta, despiu-se e enfiou-se na banheira.

Tinha um cheiro esquisito.

Mesmo apesar de o odor ser ténue, Vin ainda captava ocasionalmente baforadas de si própria. Era o cheiro de uma nobre de passagem, o cheiro de uma gaveta perfumada aberta pelos dedos gatunos do seu irmão. O cheiro foi-se notando menos à medida que a manhã progredia, mas ainda a preocupava. Distingui-la-ia dos outros skaa. Se aquele bando esperava que ela tomasse daqueles banhos com regularidade, teria de pedir para os perfumes serem removidos.

A refeição da manhã correspondera melhor às suas expetativas. Várias mulheres skaa de várias idades trabalhavam na cozinha da loja, preparando crepes — rolos de pão fino e plano, recheados com cevada e legumes cozidos. Vin parou à porta da cozinha, observando o trabalho das mulheres. Nenhuma delas cheirava como ela, embora estivessem muito mais asseadas e arranjadas do que os skaa normais.

De facto, havia uma estranha sensação de limpeza em todo o edifício. Não reparara na noite anterior, devido à escuridão, mas o chão estava lavado. Todos os trabalhadores — mulheres da cozinha ou aprendizes — tinham caras e mãos limpas. Isso a Vin parecia estranho. Estava habituada a ter os dedos negros de cinza; com Reen, se alguma vez lavasse a cara, depressa a voltava a esfregar com cinza. Uma cara limpa destacava-se nas ruas.

Nada de cinza nos cantos, pensou, olhando para o chão. *A sala é mantida varrida*. Nunca antes vivera num tal sítio. Era quase como viver na casa de um nobre qualquer.

Voltou a olhar para as mulheres da cozinha. Usavam vestidos simples, brancos e cinzentos, com as cabeças cobertas por lenços e cabelos compridos a pender atrás das costas. Vin levou os dedos ao cabelo. Mantinha-o curto, como o de um rapaz — o corte que usava de momento fora-lhe dado por um dos outros membros do bando. Não era como aquelas mulheres — nunca fora. Por ordens de Reen, Vin vivera de forma a que os outros membros do bando pensassem nela primeiro como ladra e só depois como rapariga.

Mas que sou eu agora? Perfumada pelo banho, mas usando as calças castanhas-claras e a camisa com botões de um aprendiz de artesão, sentia-se francamente deslocada. E isso era mau — se se sentia desajeitada, então sem dúvida também parecia desajeitada. Mais uma coisa para a fazer destacar-se.

Vin virou-se, observando a oficina. Os aprendizes já estavam a executar os seus afazeres matinais, trabalhando em várias peças de mobiliário. Ficavam nas traseiras enquanto o Coxo trabalhava na sala de exposições principal, acrescentando acabamentos detalhados às peças.

A porta das traseiras da cozinha abriu-se de repente com estrondo. Vin desviou-se por reflexo para o lado, colando as costas a uma parede e espreitando em volta desta para a cozinha.

Ham estava parado na soleira da porta da cozinha, delineado pela luz vermelha do sol. Usava uma camisa larga e um colete, ambos sem mangas, e trazia vários grandes embrulhos. Não estava sujo de fuligem — nenhum dos membros do bando o estivera, das poucas vezes que Vin os vira.

Ham atravessou a cozinha e entrou na oficina.

— Então — disse ele, deixando cair os embrulhos. — Alguém sabe qual dos quartos é meu?

— Eu pergunto ao Mestre Cladent — disse um dos aprendizes, entrando na sala da frente.

Ham sorriu, espreguiçando-se, depois virou-se para Vin.

— Bom-dia, Vin. Sabes? Não tens de te esconder de mim. Estamos na mesma equipa.

Vin descontraiu-se, mas permaneceu onde estava, atrás de uma fila de cadeiras quase acabadas.

— Também ides viver aqui?

— É sempre bom ficar perto do fumador — disse Ham, virando-se e voltando a desaparecer na cozinha. Regressou um momento mais tarde

com uma pilha de quatro grandes crepes. — Alguém sabe onde está o Kell?

— A dormir — disse Vin. — Chegou tarde ontem à noite, e ainda não se levantou.

Ham soltou um grunhido, dando uma dentada num crepe.

— O Dox?

— No quarto dele no terceiro andar — disse Vin. — Levantou-se cedo, desceu para arranjar qualquer coisa para comer, e voltou a subir. — Não acrescentou que sabia, por ter espreitado pelo buraco da fechadura, que estava sentado à secretária a escrever nuns papéis.

Ham ergueu uma sobrancelha.

— Estás sempre a par de onde toda a gente está dessa maneira?

— Sim.

Ham hesitou, depois soltou uma gargalhada.

— És uma miúda estranha, Vin. — Pegou nos embrulhos quando o aprendiz regressou, e os dois subiram a escada. Vin ficou no mesmo sítio, à escuta dos passos de ambos. Pararam mais ou menos a meio do primeiro corredor, talvez a poucas portas do seu quarto.

O cheiro a cevada cozida estava a chamá-la. Vin olhou para a cozinha. Ham entrara e pegara em comida. Estaria ela autorizada a fazer o mesmo?

Tentando parecer confiante, Vin entrou na cozinha a passos largos. Havia uma pilha de crepes numa bandeja, provavelmente para ser entregue aos aprendizes enquanto trabalhavam. Vin pegou em dois. Nenhuma das mulheres levantou objeções; na verdade, algumas delas acenaram respeitosamente na sua direção.

Agora sou uma pessoa importante, pensou com algum desconforto. Saberiam as mulheres que ela era... nascida nas brumas? Ou seria simplesmente tratada com respeito por ser uma hóspede?

Vin acabou por pegar num terceiro crepe e por fugir para o seu quarto. Era mais comida do que teria possibilidade de comer; contudo, tencionava raspar a cevada e guardar o pão, que se conservaria bem para o caso de precisar dele mais tarde.

Soou uma batida na sua porta. Vin respondeu-lhe, abrindo a porta com um movimento cauteloso. Era um jovem que estava lá fora — o rapaz que estivera com o Coxo no esconderijo de Camon na noite anterior.

Magro, alto, e com um ar desajeitado, estava vestido com roupa cinzenta. Teria provavelmente uns catorze anos, embora a altura talvez o fizesse parecer mais velho do que era. Parecia nervoso, por algum motivo.

— Sim? — perguntou Vin.

— Hm...

Vin franziu o sobrolho.

— Que é?

— Esperam-na — disse ele, com um forte sotaque oriental. — Lá no cima no onde topo de faz. Com o Mestre Saltos para o terceiro andar. Hm, tenho de ir. — O rapaz corou, depois virou-se e afastou-se à pressa, correndo pela escada acima.

Vin ficou à porta do quarto, assarapantada. *Aquilo era para fazer algum sentido?*, perguntou a si própria.

Espreitou o corredor. O rapaz parecia esperar que o seguisse. Por fim, decidiu fazê-lo, subindo cautelosamente a escada.

Vinham vozes de uma porta aberta no fim do corredor. Vin aproximou-se e espreitou pelo canto, indo descobrir uma sala bem decorada, com um tapete de boa qualidade e cadeiras com um ar confortável. Uma lareira estava acesa a um lado da sala, e as cadeiras estavam dispostas por forma a apontar para um grande quadro claro para escrever a carvão, assente num cavalete.

Kelsier estava em pé, com um cotovelo assente na lareira de tijolo e um copo de vinho na mão. Inclinando-se ligeiramente, Vin conseguiu ver que ele estava a conversar com Brisa. O calmante chegara bem depois do meio-dia e apropriara-se de metade dos aprendizes do Coxo para descarregar as suas posses. Vin observara da sua janela os aprendizes a transportar a bagagem — disfarçada de caixas de sobras de madeira — para o quarto de Brisa. O próprio Brisa não se dignara a ajudá-los.

Ham estava presente, bem como Dockson, e o Coxo estava a instalar-se na grande cadeira demasiado estofada, colocada o mais longe possível de Brisa. O rapaz que fora buscar Vin sentava-se num banco ao lado do Coxo, e estava claramente a fazer questão de tentar não olhar para ela. A última cadeira ocupada continha o homem chamado Yeden, vestido — tal como antes — com roupa de trabalho skaa normal. Sentava-se na cadeira sem se encostar ao espaldar, como se desaprovasse a sua fofura. O seu rosto estava escurecido por fuligem, como Vin esperaria de um trabalhador skaa.

Havia duas cadeiras vazias. Kelsier viu Vin em pé à porta, e dirigiu-lhe um dos seus sorrisos convidativos.

— Ora aí está ela. Entra.

Vin percorreu a sala com os olhos. Havia uma janela, embora as persianas estivessem corridas contra a escuridão que se aproximava. As únicas cadeiras eram as do semicírculo de Kelsier. Resignada, avançou e

ocupou a cadeira vazia ao lado de Dockson. Era demasiado grande para ela, e Vin instalou-se com as pernas dobradas debaixo do corpo.

— E estamos todos — disse Kelsier.

— Para quem é a última cadeira? — perguntou Ham.

Kelsier sorriu, piscou o olho, mas ignorou a pergunta.

— Muito bem, conversemos. Temos uma tarefa e peras à nossa frente, e quanto mais depressa começarmos a delinear um plano, melhor.

— Julgava que tinhas um plano — disse Yeden com desconforto.

— Tenho um esqueleto de plano — disse Kelsier. — Sei o que tem de acontecer, e tenho algumas ideias sobre como fazê-lo. Mas não se reúne um grupo como este e se lhe diz simplesmente o que fazer. Temos de trabalhar isto em conjunto, começando por uma lista de problemas com que temos de lidar se quisermos que o plano resulte.

— Bom — disse Ham. — Deixa-me primeiro entender bem o esqueleto. O plano é arranjar um exército para o Yeden, causar caos em Luthadel, ocupar o palácio, roubar o átio do Senhor Soberano, e depois deixar o governo ruir?

— Essencialmente — disse Kelsier.

— Então — disse Ham — o nosso problema principal é a Guarnição. Se queremos caos em Luthadel, não podemos ter vinte mil soldados aqui para manter a paz. Já para não falar de as tropas de Yeden nunca serem capazes de tomar a cidade enquanto houver esse tipo de resistência armada nas muralhas.

Kelsier concordou com a cabeça. Pegando num bocado de carvão, escreveu no quadro *Guarnição de Luthadel*.

— Que mais?

— Vamos precisar de uma forma de criar o tal caos em Luthadel — disse Brisa, gesticulando com um copo de vinho. — Os teus instintos estão certos, meu caro. É nesta cidade que o Ministério tem a sua sede e as Grandes Casas gerem os seus impérios mercantis. Vamos ter de fazer cair Luthadel se quisermos destruir a capacidade do Senhor Soberano para governar.

— Falar da nobreza traz à baila outra questão — acrescentou Dockson. — Todas as Grandes Casas têm forças de guardas na cidade, já para não falar dos alomantes. Se vamos entregar a cidade a Yeden, teremos de lidar com esses nobres.

Kelsier acenou com a cabeça, escrevendo no quadro *Caos e Grandes Casas* ao lado de *Guarnição de Luthadel*.

— O Ministério — disse o Coxo, tão recostado na sua cadeira estofada que Vin quase não lhe conseguia ver a cara mal-humorada. — Não

haverá nenhuma mudança de governo enquanto os Inquisidores de Aço tiverem algo a dizer a esse respeito.

Kelsier acrescentou *Ministério* ao quadro.

— Que mais?

— Átio — disse Ham. — Já agora também o podes escrever aí: vamos ter de tomar o palácio depressa, depois de começar a confusão geral, para termos a certeza que mais ninguém aproveita a oportunidade para se esgueirar para dentro do tesouro.

Kelsier concordou com a cabeça, escrevendo no quadro *Átio: Capturar Tesouro*.

— Vamos ter de arranjar maneira de recrutar os soldados do Yeden — acrescentou Brisa. — Vamos ter de ser discretos, mas rápidos, e de os treinar em algum lugar em que o Senhor Soberano não os encontre.

— Também podemos querer assegurar-nos de que a rebelião skaa esteja pronta para tomar o controlo de Luthadel — acrescentou Dockson. — Capturar o palácio e defendê-lo dá uma história espetacular, mas seria bom se o Yeden e a sua gente estivessem realmente prontos para governar, depois de tudo isto acabar.

Soldados e Rebelião Skaa foram acrescentados ao quadro.

— E — disse Kelsier — eu vou acrescentar “Senhor Soberano.” Vamos pelo menos querer um plano para o tirar da cidade, para o caso de as outras opções falharem. — Depois de escrever *Senhor Soberano* na lista, virou-se para o grupo. — Esqueci-me de alguma coisa?

— Bem — disse secamente Yeden. — Se estamos a listar problemas que teremos de ultrapassar, devias escrever aí que somos todos doidos varridos... embora eu duvide de sermos capazes de dar remédio a esse facto.

O grupo soltou risinhos, e Kelsier escreveu no quadro *A Má Atitude de Yeden*. Depois deu um passo atrás, examinando a lista.

— Quando se decompõe o problema desta forma, não parece tão mau, pois não?

Vin franziu o sobrolho, tentando decidir se Kelsier estava a tentar fazer humor ou não. A lista não era apenas intimidante — era perturbadora. Vinte mil soldados imperiais? As forças e poder reunidos da alta nobreza? O Ministério? Dizia-se que um Inquisidor de Aço era mais poderoso do que mil soldados.

Mais inquietante, contudo, era a forma prática com que eles encaravam as dificuldades. Como poderiam sequer pensar em resistir ao Senhor Soberano? Ele era... bem, ele era o *Senhor*. Governava o mundo inteiro. Era o criador, protetor e castigador da humanidade. Salvava-a da

Profundeza, e depois trouxera a cinza e as brumas como punição pela falta de fé das pessoas. Vin não era particularmente religiosa — os ladrões inteligentes sabiam que deviam evitar o Ministério de Aço — mas até ela conhecia as lendas.

E no entanto, o grupo olhava para a sua lista de “problemas” com determinação. Havia neles uma alegria sombria — como se compreendessem que tinham mais possibilidades de obrigar o sol a nascer à noite do que de derrubar o Império Final. Mas iam tentar na mesma.

— Pelo Senhor Soberano — sussurrou Vin. — Falais a *sério*. Pretendeis mesmo fazer isto.

— Não uses o nome dele como imprecação, Vin — disse Kelsier. — Até a blasfémia o honra: quando praguejas com o nome daquela criatura, estás a reconhecê-la como teu deus.

Vin silenciou-se, voltando a sentar-se na cadeira, algo atordoada.

— Enfim — disse Kelsier, sorrindo com ligeireza. — Alguém tem alguma ideia sobre como ultrapassar estes problemas? À parte a atitude do Yeden, claro: todos sabemos que ele não tem emenda.

A sala ficou silenciosa e pensativa.

— Ideias? — perguntou Kelsier. — Abordagens? Impressões?

Brisa abanou a cabeça.

— Agora que está tudo aí em cima, não consigo evitar perguntar a mim próprio se a miúda não terá razão. Isto é uma tarefa intimidante.

— Mas *pode* ser levada a cabo — disse Kelsier. — Começemos por falar de como quebrar a cidade. Que podemos nós fazer que seja tão ameaçador que ponha a nobreza no caos, ou até talvez faça a guarda do palácio sair da cidade, deixando-os expostos às nossas tropas? Algo que distraia o Ministério e o próprio Senhor Soberano, enquanto nós trazemos as nossas tropas para atacar?

— Bem, uma revolução generalizada entre a população vem-me à mente — disse Ham.

— Não resultará — disse Yeden com firmeza.

— Porque não? — perguntou Ham. — Sabes como as pessoas são tratadas. Vivem em bairros de lata, trabalham em forjas e fábricas o dia inteiro, e *mesmo assim* metade passa fome.

Yeden abanou a cabeça.

— Não entendes? A rebelião tenta há *mil* anos levar os skaa desta cidade a revoltar-se. Nunca resulta. Estão demasiado desalentados; não têm nem a força de vontade nem a esperança para resistir. Foi por isso que tive de vir ter convosco para arranjar um exército.

A sala silenciou-se. Vin, contudo, concordou lentamente com a cabeça. Vira-o... *sentira-o*. Não se combatia o Senhor Soberano. Mesmo

vivendo como ladra, à socapa nas bordas da sociedade, ela sabia-o. Não haveria qualquer rebelião.

— Temo bem que ele tenha razão — disse Kelsier. — Os skaa não se revoltarão, pelo menos no seu estado atual. Se vamos derrubar este governo, teremos de o fazer sem a ajuda das massas. É provável que consigamos recrutar os nossos soldados de entre eles, mas não podemos contar com a população geral.

— Poderíamos provocar alguma espécie de desastre? — perguntou Ham. — Um incêndio, talvez?

Kelsier abanou a cabeça.

— Um incêndio poderia interromper o comércio durante algum tempo, mas duvido que tivesse os efeitos que nós queremos. E além disso, o custo em vidas skaa seria demasiado alto. Seriam os bairros de lata que arderiam, não um punhado de fortalezas de nobres.

Brisa suspirou.

— Então o que queres tu que nós façamos?

Kelsier sorriu, com os olhos a cintilar.

— E se virássemos as Grandes Casas umas contra as outras?

Brisa hesitou.

— Uma guerra de casas... — disse, bebendo um gole pensativo de vinho. — Já se passou algum tempo desde que a cidade teve uma coisa dessas.

— O que quer dizer que as tensões tiveram bastante tempo para amadurecer — disse Kelsier. — A alta nobreza está a tornar-se crescentemente poderosa... o Senhor Soberano já mal a mantém sob controlo, motivo pelo qual temos uma hipótese de destruir o que resta. As Grandes Casas de Luthadel são a chave: controlam o comércio imperial, já para não falar de escravizarem a grande maioria dos skaa.

Kelsier apontou para o quadro, movendo o dedo entre a linha que dizia *Caos* e a linha que dizia *Grandes Casas*.

— Se conseguirmos virar as casas em Luthadel umas contra as outras, podemos derrubar a cidade. Nascidos nas brumas começarão a assassinar líderes de casas. Fortunas ficarão em escombros. Não demorará muito para haver guerra aberta nas ruas. Parte do nosso contrato com Yeden diz que lhe daremos uma oportunidade para capturar a cidade para si. Conseguem imaginar oportunidade melhor do que essa?

Brisa acenou com um sorriso.

— Tem estilo... e eu gosto da ideia de pôr os nobres a matar-se uns aos outros.

— Tu gostas *sempre* mais quando são outros a fazer o trabalho, Brisa — comentou Ham.

— Meu caro amigo — respondeu Brisa. — O objetivo da vida resume-se a encontrar outros para fazerem por ti o teu trabalho. Não sabes nada sobre economia básica?

Ham ergueu uma sobrancelha.

— Na verdade, eu...

— Foi uma pergunta de retórica, Ham — disse Kelsier. — Concentra-te na nossa tarefa. Que achas da minha sugestão?

— Pode resultar — disse Ham, voltando a recostar-se. — Mas não estou a ver o Senhor Soberano a deixar as coisas chegarem tão longe.

— Cabe a nós assegurarmo-nos de que não tem alternativa — disse Kelsier. — Ele é conhecido por deixar a nobreza querelar, provavelmente para os manter inseguros. Nós espezitamos essas tensões, depois arranjamos maneira de forçar a Guarnição a retirar. Quando as casas começarem a lutar a sério, o Senhor Soberano não conseguirá fazer nada para as impedir... exceto, talvez, enviar para as ruas a guarda palaciana, o que é precisamente o que queremos que ele faça.

— Também pode enviar um exército de colossos — fez notar Ham.

— É verdade — disse Kelsier. — Mas eles estão estacionados a uma distância moderada da cidade. É uma falha que temos de explorar. Os colossos dão magníficos soldados de infantaria, mas têm de se manter afastados de cidades civilizadas. O próprio centro do Império Final está exposto, mas o Senhor Soberano está confiante na sua força... e porque não haveria de estar? Não enfrenta uma ameaça séria há séculos. A maioria das cidades só precisa de pequenas forças policiais.

— Vinte mil homens dificilmente será um número “pequeno” — retorquiu Brisa.

— À escala nacional, é — disse Kelsier, erguendo um dedo. — O Senhor Soberano mantém a maioria das suas tropas nos limites do império, onde a ameaça de rebelião é mais forte. É por isso que o vamos atacar aqui, na própria Luthadel... e é por isso que vamos ser bem-sucedidos.

— Partindo do princípio de que conseguimos lidar com a Guarnição — fez notar Dockson.

Kelsier concordou com a cabeça, virando-se para escrever *Guerra de Casas* por baixo de *Grandes Casas e Caos*.

— Então muito bem. Falemos da Guarnição. Que vamos fazer a respeito dela?

— Bem — disse Ham com um ar pensativo. — Historicamente, a melhor forma de lidar com uma grande força de soldados é ter a nossa própria grande força de soldados. Vamos recrutar um exército para Yeden... porque não deixá-los atacar a Guarnição? Não é mais ou menos esse o objetivo de recrutar um exército, para começar?

— Isso não resultará, Hammond — disse Brisa. Olhou para o copo de vinho vazio, depois ergueu-o na direção do rapaz que estava sentado ao lado do Coxo, o qual correu imediatamente a enchê-lo.

— Se quiséssemos derrotar a Guarnição — prosseguiu Brisa — precisaríamos de ter uma força nossa *pelo menos* das mesmas dimensões. Provavelmente quereríamos ter uma muito maior, uma vez que os nossos homens estariam treinados de fresco. Podemos conseguir recrutar um exército para o Yeden, podemos até ser capazes de lhe arranjar um suficientemente grande para defender a cidade durante algum tempo. Mas arranjar-lhe um suficientemente grande para enfrentar a Guarnição dentro das suas fortificações? Se esse é o nosso plano, mais vale desistirmos já.

O grupo silenciou-se. Vin mexeu-se na cadeira, olhando para um homem de cada vez. As palavras de Brisa tinham tido um profundo efeito. Ham abriu a boca para falar, depois voltou a fechá-la, voltando a recostar-se para refletir.

— Está bem — disse finalmente Kelsier. — Voltaremos à Guarnição daqui a bocado. Olhemos para o nosso exército. Como conseguiremos recrutar um de um tamanho substancial e escondê-lo do Senhor Soberano?

— Uma vez mais, isso vai ser difícil — disse Brisa. — Há um motivo muito bom para o Senhor Soberano se sentir seguro no Domínio Central. Há patrulhas constantes nas estradas e canais, e mal se consegue passar um dia a viajar sem se encontrar uma aldeia ou plantação. Esta não é a espécie de lugar em que se possa recrutar um exército sem atrair atenções.

— A rebelião tem aquelas grutas a norte — disse Dockson. — Talvez sejamos capazes de esconder lá alguns homens.

Yeden empalideceu.

— Vocês *sabem* das cavernas Arguais?

Kelsier revirou os olhos.

— Até o Senhor Soberano sabe, Yeden. Os rebeldes que lá estão simplesmente não são ainda suficientemente perigosos para o incomodarem.

— Quantas pessoas têm vocês, Yeden? — perguntou Ham. — Em Luthadel e nos arredores, incluindo as grutas? Que temos nós para começar?

Yeden encolheu os ombros.

— Talvez uns trezentos... incluindo mulheres e crianças.

— E quantas achas que essas grutas conseguiam esconder? — perguntou Ham.

Yeden voltou a encolher os ombros.

— As grutas conseguiam aguentar um grupo maior, com certeza — disse Kelsier. — Talvez uns dez mil. Eu já lá estive: a rebelião esconde lá gente há anos, e o Senhor Soberano nunca achou que valesse a pena destruí-las.

— Consigo imaginar porquê — disse Ham. — O combate em grutas é uma coisa desagradável, especialmente para o agressor. O Senhor Soberano gosta de ter o mínimo possível de derrotas; vaidade não lhe falta. Enfim, dez mil. É um número decente. Consequia defender facilmente o lugar... até conseguiria defender a cidade, se tivesse o controlo das muralhas.

Dockson virou-se para Yeden.

— Quando pediste um exército, que tamanho tinhas em mente?

— Dez mil parece um bom número, suponho — disse Yeden. — Na verdade... é um pouco maior do que o que eu tinha em mente.

Brisa inclinou ligeiramente o copo, fazendo rodopiar o vinho.

— Detesto parecer outra vez teimoso, isso normalmente cabe ao Hammond, mas tenho de regressar ao nosso problema anterior. Dez mil homens. Isso nem irá *assustar* a Guarnição. Estamos a falar de vinte mil soldados bem armados e bem treinados.

— Ele tem razão neste ponto, Kell — disse Dockson. Encontrara algures um livrinho, e pusera-se a tomar notas sobre a reunião.

Kelsier franziu o sobrolho.

Ham concordou com a cabeça.

— Olhemos a questão como olharmos, Kell, aquela Guarnição vai ser um osso duro de roer. Talvez devêssemos concentrar-nos só na nobreza. Talvez consigamos provocar tanto caos que nem a Guarnição seja capaz de o conter.

Kelsier abanou a cabeça.

— É duvidoso. O dever principal da Guarnição é manter a ordem na cidade. Se não conseguirmos lidar com essas tropas, nunca conseguiremos fazer isto. — Fez uma pausa, depois olhou para Vin. — Que é que tu achas, Vin? Alguma sugestão?

Vin paralisou. Camon nunca lhe pedira a opinião. Que queria Kelsier dela? Recolheu-se ligeiramente na cadeira ao aperceber-se de que os outros membros do bando se tinham virado, olhando para ela.

— Eu... — disse lentamente Vin.

— Oh, não intimides a pobrezinha, Kelsier — disse Brisa, acenando com a mão.

Vin acenou com a cabeça, mas Kelsier não afastou os olhos dela.

— Não, a sério. Diz-me o que estás a pensar, Vin. Tens um inimigo muito maior a ameaçar-te. O que fazes?

— Bem — disse ela, devagar. — Não o combate, com toda a certeza. Mesmo se conseguisse arranjar maneira de ganhar, ficava tão ferido e quebrado que não conseguia repelir mais ninguém.

— Faz sentido — disse Dockson. — Mas podemos não ter alternativa. Temos de nos ver livres daquele exército, seja lá como for.

— E se ele simplesmente saísse da cidade? — perguntou ela. — Isso também resultava? Se eu tivesse de lidar com alguém grande, tentava distraí-lo primeiro, levá-lo a deixar-me em paz.

Ham soltou um risinho.

— Boa sorte a fazeres a Guarnição sair de Luthadel. O Senhor Soberano envia às vezes esquadrões em patrulha, mas a única altura em que eu sei que toda a Guarnição saiu foi quando aquela rebelião skaa rebentou em Courteline, há meio século.

Dockson abanou a cabeça.

— A ideia de Vin é demasiado boa para a ignorarmos tão facilmente, parece-me. É verdade que não podemos combater a Guarnição... pelo menos enquanto eles estiverem entrincheirados. Portanto, temos de arranjar maneira de os fazer sair da cidade.

— Sim — disse Brisa — mas seria preciso uma crise especial para exigir o envolvimento da Guarnição. Se o problema não for suficientemente ameaçador, o Senhor Soberano não enviará a Guarnição inteira. Se for demasiado perigoso, ele encolhe-se e manda buscar os colossos.

— Uma rebelião numa das cidades vizinhas? — sugeriu Ham.

— Isso deixa-nos com o mesmo problema que tínhamos antes — disse Kelsier, abanando a cabeça. — Se não conseguimos levar os skaa daqui a rebelar-se, nunca conseguiremos levar os de fora da cidade a fazê-lo.

— Então e alguma espécie de simulação? — perguntou Ham. — Estamos a partir do princípio de que conseguiremos recrutar um grupo de soldados de bom tamanho. Se eles fingirem atacar algum lugar próximo, talvez o Senhor Soberano envie a Guarnição para ajudar.

— Duvido que os envie em proteção de outra cidade — disse Brisa. — Em especial se isso o deixar exposto em Luthadel.

O grupo caiu no silêncio, de novo a refletir. Vin olhou em volta, depois descobriu os olhos de Kelsier postos nela.

— O que é? — perguntou ele.

Ela remexeu-se um pouco, olhando para baixo.

— A que distância ficam os Poços de Hathsins? — perguntou por fim.

O bando ficou em silêncio.

Por fim, Brisa soltou uma gargalhada.

— Oh, *isso sim*, é tortuoso. A nobreza não sabe que os Poços produzem átio, portanto o Senhor Soberano não pode fazer grande espalhamento... pelo menos sem revelar que há algo de muito especial naqueles Poços. Isso quer dizer que nada de colossos.

— De qualquer forma, não chegariam a tempo — disse Ham. — Os Poços ficam só a um par de dias de distância. Se forem ameaçados, o Senhor Soberano terá de responder rapidamente. A Guarnição seria a única força dentro de alcance.

Kelsier sorriu, de olhos iluminados.

— E além disso, não seria necessário um grande exército para ameaçar os Poços. Mil homens conseguiriam fazê-lo. Enviamo-los para atacar e depois, quando a Guarnição partir, fazemos marchar para cá a nossa segunda força, mais numerosa, e tomamos a própria Luthadel. Quando a Guarnição se aperceber de que foi enganada, não será capaz de regressar a tempo para nos impedir de tomar as muralhas da cidade.

— Mas conseguiremos defendê-las? — perguntou Yeden com apreensão.

Ham anuiu com determinação.

— Com dez mil skaa, eu era capaz de defender esta cidade contra a Guarnição. O Senhor Soberano teria de enviar para cá os colossos.

— E por essa altura, nós teremos o átio — disse Kelsier. — E as Grandes Casas não estarão em posição para nos obrigarem a parar: estarão enfraquecidas e frágeis por causa das lutas internas.

Dockson estava a escrevinhar furiosamente no bloco de apontamentos.

— Então vamos ter de usar as grutas do Yeden. Elas estão ao alcance de ambos os nossos alvos, e ficam mais perto de Luthadel do que os Poços. Se o nosso exército partir de lá, pode chegar cá antes de a Guarnição ter tempo de regressar dos Poços.

Kelsier concordou com a cabeça.

Dockson continuou a escrevinhar.

— Vou ter de começar a armazenar abastecimentos naquelas grutas, talvez de fazer uma viagem para avaliar as condições que lá têm.

— E como vamos fazer os soldados chegar lá? — perguntou Yeden. — É uma semana fora da cidade... e os skaa não são autorizados a viajar sozinhos.

— Já tenho alguém que nos pode ajudar nisso — disse Kelsier, escrevendo no seu quadro *Atacar Poços de Hathsin* por baixo de *Guarnição de Luthadel*. — Tenho um amigo que nos pode fornecer uma fachada para levar barcos de canal para o Norte.

— Partindo do princípio — disse Yeden — de que conseguem cum-

prir a vossa promessa inicial e principal. Paguei-vos para me arranjam um exército. Dez mil homens são um grande número, mas ainda não vi uma explicação adequada de como vão recrutá-los. Já vos disse que tipo de problemas tivemos a tentar recrutar em Luthadel.

— Não precisamos do apoio da população geral — disse Kelsier. — Só de uma pequena percentagem... há quase um milhão de trabalhadores em Luthadel e nos arredores. Na verdade, essa deve ser a parte mais simples do plano, visto estarmos na presença de um dos maiores calmanantes do mundo. Brisa, estou a contar contigo e com os teus alomantes para nos arranjares à força uma boa seleção de recrutas.

Brisa bebericou do vinho.

— Kelsier, meu bom homem. Gostaria que não usasses expressões como “à força” quando te referes aos meus talentos. Eu limito-me a encorajar as pessoas.

— Bem, podes encorajar-nos um exército? — perguntou Dockson.

— Quanto tempo tenho? — perguntou Brisa.

— Um ano — disse Kelsier. — Vamos planear isto para se desencadear no próximo outono. Partindo do princípio de que o Senhor Soberano reúne as suas forças para atacar o Yeden depois de ocuparmos a cidade, já agora podemos obrigá-lo a fazê-lo no inverno.

— Dez mil homens — disse Brisa com um sorriso — recrutados em menos de um ano entre uma população renitente. Vai certamente ser um desafio.

Kelsier soltou um risinho.

— Isso, vindo de ti, vale tanto como um sim. Começa em Luthadel, depois passa às cidades dos arredores. Precisamos de pessoas que estejam suficientemente próximas para as reunirmos nas grutas.

Brisa acenou com a cabeça.

— E também vamos precisar de armas e provisões — disse Ham. — E vamos ter de treinar os homens.

— Já tenho um plano para arranjar armas — disse Kelsier. — Consegues encontrar alguns homens para darem a instrução?

Ham fez uma pausa, pensativo.

— Provavelmente. Conheço alguns soldados skaa que combateram numa das Campanhas de Supressão do Senhor Soberano.

Yeden empalideceu.

— Traidores!

Ham encolheu os ombros.

— A maioria não se sente orgulhosa do que fez — disse. — Mas a maioria também gosta de comer. O mundo é duro, Yeden.

— A minha gente nunca trabalhará com tais homens — disse Yeden.

— Terão de trabalhar — disse Kelsier com severidade. — Uma grande quantidade de rebeliões skaa falham porque os seus homens estão mal treinados. Vamos dar-te um exército de homens bem equipados e bem alimentados... e macacos me mordam se vou deixar que os leves a ser massacrados porque nunca lhes ensinaram em que lado da espada se pega.

Kelsier fez uma pausa, depois olhou para Ham.

— No entanto, sugiro que encontres homens que se mostrem amargos para com o Império Final por aquilo que os forçou a fazer. Não confio em homens cuja lealdade só chegue aos caixarcos que têm nos bolsos.

Ham concordou com a cabeça, e Yeden acalmou-se. Kelsier virou-se, escrevendo no quadro *Ham: Treino e Brisa: Recrutamento* por baixo de *Soldados*.

— Tenho interesse no teu plano para arranjar armas — disse Brisa. — Como, ao certo, tencionas armar dez mil homens sem deixares o Senhor Soberano desconfiado? Ele mantém um olho *muito* cauteloso nos fluxos de armamentos.

— Podíamos fazer as armas — disse o Coxo. — Tenho sobras de madeira suficientes para conseguirmos produzir um ou dois bastões de batalha por dia. Provavelmente também vos conseguia arranjar algumas setas.

— Agradeço a oferta, Coxo — disse Kelsier. — E acho que é boa ideia. No entanto, vamos precisar de mais do que bastões. Vamos precisar de espadas, escudos e armaduras... e vamos precisar delas suficientemente depressa para darmos início aos treinos.

— Então como é que vais conseguir arranjá-las? — perguntou Brisa.

— As Grandes Casas conseguem obter armas — disse Kelsier. — Não têm nenhum problema em armar os seus séquitos pessoais.

— Queres que os assaltemos?

Kelsier abanou a cabeça.

— Não, para variar vamos fazer as coisas de uma forma razoavelmente legal... vamos comprar as nossas armas. Ou, melhor, vamos ter um nobre favorável à causa a comprá-las por nós.

O Coxo soltou uma gargalhada franca.

— Um nobre favorável aos skaa? Nunca acontecerá.

— Bem, nesse caso o “nunca” aconteceu há algum tempo — disse Kelsier com ligeireza. — Porque já arranjei alguém para nos ajudar.

A sala caiu no silêncio, à exceção do crepitar da lareira. Vin remexeu-se ligeiramente na cadeira, olhando para os outros. Pareciam chocados.

— Quem? — perguntou Ham.

— O nome dele é Lorde Renoux — disse Kelsier. — Chegou à zona há alguns dias. Está instalado em Fellise; não tem influência suficiente para se estabelecer em Luthadel. Além disso, julgo que é prudente manter as atividades de Renoux algo distantes do Senhor Soberano.

Vin ergueu a cabeça. Fellise era uma pequena cidade, em estilo de subúrbio, a uma hora de Luthadel; ela e Reen tinham trabalhado lá antes de se mudarem para a capital. Como recrutara Kelsier aquele Lorde Renoux? Teria subornado o homem, ou seria aquilo alguma espécie de vigarice?

— Eu já ouvi falar do Renoux — disse lentamente Brisa. — É um nobre ocidental; tem bastante poder no Domínio Distante.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— O Lorde Renoux decidiu recentemente tentar elevar a família ao estatuto de alta nobreza. A história oficial é que veio para sul a fim de expandir as suas atividades mercantis. Espera que, ao embarcar para o Norte boas armas do Sul, consiga ganhar dinheiro suficiente, e fazer suficientes ligações, para construir para si uma fortaleza em Luthadel até ao fim da década.

A sala ficou em silêncio.

— Mas — disse Ham devagar — em vez disso essas armas vêm para nós.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Vamos ter de falsificar as guias de transporte, para não correremos riscos.

— Isso é... uma fachada bastante ambiciosa, Kell — disse Ham. — Uma família nobre a trabalhar do nosso lado.

— Mas — disse Brisa, parecendo confuso. — Kelsier, tu *odeias* nobres.

— Este é diferente — disse Kelsier com um sorriso matreiro.

O bando estudou Kelsier. Não gostavam de trabalhar com um nobre; Vin conseguia perceber isso facilmente. E Renoux ser tão poderoso provavelmente não ajudava.

De súbito, Brisa riu-se. Recostou-se na cadeira, emborcando o resto do vinho.

— Abençoado louco! Mataste-o, não mataste? Ao Renoux... mataste-o e substituíste-o por um impostor.

O sorriso de Kelsier alargou-se.

Yeden praguejou, mas Ham limitou-se a sorrir.

— Ah. *Isso* já faz sentido. Ou pelo menos faz sentido quando se é Kelsier, o Temerário.

— O Renoux vai tomar residência permanente em Fellise — disse

Kelsier. — Será a nossa fachada se precisarmos de fazer alguma coisa oficialmente. Vou usá-lo para comprar armamentos e provisões, por exemplo.

Brisa acenou pensativamente com a cabeça.

— Eficiente.

— Eficiente? — perguntou Yeden. — Mataste um nobre! Um nobre muito importante.

— Estás a planear derrubar o império inteiro, Yeden — fez notar Kelsier. — O Renoux não vai ser a última baixa aristocrática neste pequeno empreendimento.

— Sim, mas alguém fazer-se passar por ele? — perguntou Yeden. — Isso parece-me algo arriscado.

— Contrataste-nos porque querias resultados extraordinários, meu caro — disse Brisa, erguendo o copo. — Na nossa atividade, resultados extraordinários geralmente exigem riscos extraordinários.

— Minimizamo-los o melhor possível, Yeden — disse Kelsier. — O meu ator é *muito* bom. No entanto, isto é o tipo de coisa que vamos fazer neste serviço.

— E se eu vos ordenar para pararem algumas delas? — perguntou Yeden.

— Podes pôr fim ao serviço em qualquer momento — disse Dockson, sem erguer os olhos dos seus registos. — Mas enquanto ele estiver em movimento, o Kelsier tem a palavra final nos planos, objetivos e procedimentos. É assim que trabalhamos; sabias disso quando nos contrataste.

Yeden abanou tristemente a cabeça.

— Então? — perguntou Kelsier. — Continuamos ou não? A decisão é tua, Yeden.

— Está à vontade para pôr fim a isto, amigo — disse Brisa com uma voz prestativa. — Não tenhas receio de nos ofender. Eu, pelo menos, encaro favoravelmente dinheiro grátis.

Vin viu Yeden empalidecer ligeiramente. Segundo a avaliação de Vin, ele tinha sorte por Kelsier não ter simplesmente recebido o dinheiro e espetado um punhal no seu peito. Mas estava a ficar cada vez mais convencida de que não era assim que as coisas funcionavam por ali.

— Isto é uma loucura — disse Yeden.

— Tentar derrubar o Senhor Soberano? — perguntou Brisa. — Bem, sim, por acaso é mesmo.

— Está bem — disse Yeden, suspirando. — Continuamos.

— Ótimo — disse Kelsier, escrevendo *Kelsier: Equipamento* por baixo de *Soldados*. — A fachada Renoux também nos dará uma “entrada”

na alta sociedade de Luthadel. Esta será uma vantagem muito importante: vamos ter de seguir cuidadosamente a política das Grandes Casas se queremos dar início a uma guerra.

— Essa guerra de casas pode não ser tão fácil de conseguir como pensas, Kelsier — avisou Brisa. — O bando atual de altos nobres é gente criteriosa e cuidadosa.

Kelsier sorriu.

— Então é bom estarmos cá para ajudar, Brisa. És especialista em levares as pessoas a fazer o que queres... juntos, tu e eu planearemos como levar a alta nobreza a virar-se contra si própria. Grandes guerras de casas parecem acontecer a intervalos de um par de séculos, mais coisa, menos coisa. A competência do grupo atual só os tornará mais perigosos, portanto deixá-los nervosos não deve ser assim *tão* difícil. De facto, já dei início ao processo...

Brisa ergueu uma sobancelha, e depois deitou uma olhadela a Ham. O brigão resmungou um pouco, tirando do bolso uma moeda dourada de dez caixarcos e atirando-a a um Brisa satisfeito consigo próprio.

— Que foi isto agora? — perguntou Dockson.

— Tínhamos uma aposta — disse Brisa — sobre Kelsier ter estado ou não envolvido no distúrbio de ontem à noite.

— Distúrbio? — perguntou Yeden. — Que distúrbio?

— Alguém atacou a Casa Venture — disse Ham. — Os boatos dizem que três nascidos nas brumas foram enviados para assassinar o próprio Straff Venture.

Kelsier soltou uma fungadela.

— Três? O Straff tem-se mesmo em muito alta conta. Eu nem sequer me aproximei de Sua Senhoria. Fui lá por causa do átio... e para me certificar de ser visto.

— O Venture não sabe bem quem culpar — disse Brisa. — Mas, uma vez que havia nascidos nas brumas envolvidos, toda a gente parte do princípio de que foi uma das Grandes Casas.

— A ideia era essa — disse Kelsier, contente. — A alta nobreza encara os ataques de nascidos nas brumas muito seriamente... têm um acordo implícito de que não usarão nascidos nas brumas para se assassinarem uns aos outros. Mais alguns ataques como este, e tenho-os às dentadas uns nos outros como animais assustados.

Virou-se, acrescentando no quadro *Brisa: Planeamento e Kelsier: Confusão Geral* por baixo de *Grandes Casas*.

— Seja como for — prosseguiu Kelsier — vamos ter de manter a política local debaixo de olho, para descobrir que casas estão a fazer alianças. Isso quer dizer enviar um espião a algumas das festas deles.

— Isso é mesmo necessário? — perguntou Yeden com desconforto. Ham confirmou com a cabeça.

— Na verdade é o procedimento padrão para *qualquer* serviço em Luthadel. Se houver informação disponível, passará pelos lábios dos poderosos da corte. Compensa sempre manter um conjunto aberto de ouvidos em movimento pelos círculos deles.

— Bem, isso deve ser fácil — disse Brisa. — Trazemos simplesmente o teu impostor e mandamo-lo às festas.

Kelsier abanou a cabeça.

— Infelizmente, o próprio Lorde Renoux não poderá vir a Luthadel. Yeden franziu o sobrolho.

— Porque não? O vosso impostor não passa um exame atento?

— Oh, ele é igualzinho ao Lorde Renoux — disse Kelsier. — É *exatamente* igual ao Lorde Renoux, na verdade. Só que não podemos deixar que se aproxime de um inquisidor.

— Ah — disse Brisa, trocando um olhar com Ham. — Um *desses*. Então está bem.

— O quê? — perguntou Yeden. — Que quer ele dizer?

— Não tens de saber — disse Brisa.

— Não tenho?

Brisa abanou a cabeça.

— Sabes como ficaste perturbado agora mesmo quando Kelsier disse que tinha substituído o Lorde Renoux por um impostor? Bem, isto é aí uma dúzia de vezes pior. Confia em mim: quanto menos souberes, mais confortável estarás.

Yeden olhou para Kelsier, o qual ostentava um largo sorriso. Yeden empalideceu, depois recostou-se na cadeira.

— Parece-me que é provável que tenhas razão.

Vin franziu o sobrolho, olhando para os outros na sala. Pareciam saber do que estava Kelsier a falar. Um dia teria de estudar aquele Lorde Renoux.

— Seja como for — disse Kelsier — temos de enviar alguém às reuniões da sociedade. O Dox, por conseguinte, vai desempenhar o papel de sobrinho e herdeiro de Renoux, um jovem membro da família que chegou recentemente aos favores do Lorde Renoux.

— Espera um momento, Kell — disse Dockson. — Não me tinhas dito isto.

Kelsier encolheu os ombros.

— Vamos ter de enviar alguém para ser a nossa ferramenta junto da nobreza. Parti do princípio de que tu te encaixavas no papel.

— Não posso ser eu — disse Dockson. — Eu fiquei marcado durante o serviço Eiser, só um par de meses atrás.

Kelsier franziu o sobrolho.

— Que é? — perguntou Yeden. — Eu vou querer saber de que estão eles a falar desta vez?

— Ele quer dizer que o Ministério anda à procura dele — disse Brisa. — Fingiu ser um nobre e o Ministério descobriu.

Dockson confirmou com a cabeça.

— O próprio Senhor Soberano me viu numa ocasião, e ele tem uma memória infalível. Mesmo se eu conseguisse evitá-lo, alguém de certeza iria acabar por me reconhecer.

— Portanto... — disse Yeden.

— Portanto — disse Kelsier — vamos precisar de outra pessoa para fazer de herdeiro do Lorde Renoux.

— Não olhem para mim — disse Yeden, apreensivo.

— Confia no que te digo — disse Kelsier de forma taxativa — ninguém estava a olhar. O Coxo também está fora: é um artesão skaa local demasiado proeminente.

— Eu também estou fora — disse Brisa. — Já tenho vários nomes falsos entre a nobreza. Suponho que podia usar um deles, mas não podia ir a nenhum dos bailes ou festas principais: seria bastante embaraçoso se encontrasse alguém que me conhecesse por um nome diferente.

Kelsier franziu pensativamente o sobrolho.

— Eu podia fazê-lo — disse Ham. — Mas sabes que não presto como ator.

— E o meu sobrinho? — disse o Coxo, indicando o jovem a seu lado com um gesto.

Kelsier estudou o rapaz.

— Como te chamas, filho?

— Lestibournes.

Kelsier ergueu uma sobrancelha.

— Mas que grande nome. Não tens nenhuma alcunha?

— Nenhum no não no ainda.

— Vamos ter de trabalhar nisso — disse Kelsier. — Falas sempre nesse calão de rua oriental?

O rapaz encolheu os ombros, claramente nervoso por ser assim o centro das atenções.

— Era no sítio que eu era no novo.

Kelsier deitou uma olhadela a Dockson, o qual abanou a cabeça.

— Não me parece que seja boa ideia, Kell.

— De acordo. — Kelsier virou-se para Vin, e depois sorriu. — Suponho que restas tu. Que tal és tu a imitar uma nobre?

Vin empalideceu ligeiramente.

— O meu irmão deu-me algumas lições. Mas nunca cheguei mesmo a tentar...

— Vais ser ótima — disse Kelsier, escrevendo *Vin: Infiltração* por baixo de *Grandes Casas*. — Muito bem. Yeden, provavelmente devias começar a planear como vais manter o controlo do império depois de isto acabar.

Yeden anuiu. Vin sentiu um pouco de pena do homem, vendo quanto do planeamento — da pura e chocante exuberância de tudo aquilo — parecia estar a subjugar-lo. Ainda assim, era difícil sentir comiseração por ele, tendo em conta o que Kelsier acabara de dizer a respeito do papel *dela* em tudo aquilo.

Fazer de nobre?, pensou. *Certamente haverá outra pessoa capaz de fazer melhor trabalho.*

A atenção de Brisa continuava em Yeden e no seu evidente desconforto.

— Não fiques tão sério, meu caro — disse Brisa. — Ora, provavelmente nunca terás mesmo de *governar* a cidade. O mais provável é que sejamos todos apanhados e executados muito antes de isso acontecer.

Yeden fez um sorriso abatido.

— E se não formos? O que é que vos impede de simplesmente me matarem e ficarem com o império para vocês?

Brisa revirou os olhos.

— Nós somos ladrões, meu caro, não políticos. Uma nação é um bem demasiado pesado para valer o nosso tempo. Depois de termos o nosso átio, ficaremos felizes.

— Já para não falar de ricos — acrescentou Ham.

— As duas palavras são sinónimas, Hammond — disse Brisa.

— Além disso — disse Kelsier a Yeden — nós não vos vamos dar o império inteiro: se tudo correr bem, ele vai dilacerar-se assim que Luthadel se desestabilizar. Vocês ficarão com esta cidade e provavelmente com um bom bocado do Domínio Central... partindo do princípio de que conseguem subornar os exércitos locais para vos apoiarem.

— E... o Senhor Soberano? — perguntou Yeden.

Kelsier sorriu.

— Continuo a planear lidar com ele em pessoa... só tenho de descobrir como pôr o Décimo Primeiro Metal a funcionar.

— E se não conseguires?

— Bem — disse Kelsier, escrevendo no quadro *Yeden: Preparativos e Governo* por baixo de *Rebelião Skaa*. — Teremos de arranjar uma maneira de o enganar para que saia da cidade. Talvez consigamos levá-lo a ir com o exército aos Poços para controlar lá as coisas.

— E depois? — perguntou Yeden.

— Arranja alguma maneira de lidares com ele — disse Kelsier. — Não nos contrataste para matarmos o Senhor Soberano, Yeden... Esse é só um possível benefício que eu tenciono aproveitar, se puder.

— Eu não me preocuparia *demasiado*, Yeden — acrescentou Ham. — Ele não será capaz de fazer grande coisa sem fundos nem exércitos. É um alomante poderoso, mas está longe de ser onnipotente.

Brisa sorriu.

— Se bem que, se pensarmos nisso, pseudodivindades hostis e destronadas provavelmente dão vizinhos desagradáveis. Terás de encontrar alguma coisa para fazer com ele.

Yeden não pareceu gostar muito daquela ideia, mas não prosseguiu a discussão.

Kelsier virou-se.

— Então isto deve ser tudo.

— Ah — disse Ham — e o Ministério? Não devíamos pelo menos arranjar maneira de manter aqueles inquisidores debaixo de olho?

Kelsier sorriu.

— Vamos deixar o meu irmão lidar com eles.

— Deixas é o raio — disse uma nova voz vinda do fundo da sala.

Vin pôs-se em pé de um salto, girando sobre si própria e olhando para a porta ensombrada da sala. Encontrava-se lá um homem em pé. Alto e de ombros largos, apresentava uma rigidez estatuesca. Usava roupa modesta — uma camisa e umas calças simples, com um casaco largo de skaa. Os seus braços estavam cruzados em descontentamento, e ele tinha uma cara larga e quadrada que lhe parecia um pouco conhecida.

Vin deitou uma olhadela a Kelsier. A semelhança era óbvia.

— Marsh? — disse Yeden, pondo-se em pé. — Marsh, *és mesmo* tu! Ele prometeu que te ias juntar ao serviço, mas eu... bem... bem-vindo de volta!

A cara de Marsh permaneceu impassível.

— Eu não sei bem se estou “de volta” ou não, Yeden. Se não se importam, eu gostaria de conversar em privado com o meu irmão mais novo.

Kelsier não parecia intimidado pelo tom severo de Marsh. Acenou ao grupo.

— Por esta noite acabámos, pessoal.

Os outros levantaram-se devagar, evitando Marsh enquanto saíam. Vin seguiu-os, fechando a porta e descendo as escadas para dar a aparência de regressar ao seu quarto.

Menos de três minutos mais tarde, estava de novo à porta, escutando cuidadosamente a conversa que se desenrolava lá dentro.

Rashek é um homem alto — claro, a maioria destes terrisanos é alta. É jovem para ser alvo de tanto respeito por parte dos outros carregadores. Tem carisma, e as mulheres da corte provavelmente descrevê-lo-iam como bonito à sua maneira rude.

No entanto, espanta-me que alguém dê ouvidos a um homem que fala com tal ódio. Ele nunca viu Khleennium, e no entanto amaldiçoa a cidade. Não me conhece, e contudo já consigo ver a ira e hostilidade nos seus olhos.



7

TRÊS ANOS NÃO TINHAM alterado muito a aparência de Marsh. Continuava a ser a pessoa severa e dominante que Kelsier conhecia desde a infância. Continuava a haver a centelha de desapontamento nos seus olhos, e ele falava com o mesmo ar de desaprovação.

Contudo, se era de crer em Dockson, as atitudes de Marsh tinham mudado muito desde aquele dia, três anos antes. Kelsier ainda achava difícil acreditar que o irmão tivesse abdicado da liderança da rebelião skaa. Sempre fora tão apaixonado pelo seu trabalho.

Aparentemente, essa paixão tinha-se atenuado. Marsh avançou, olhando para o quadro a carvão com um olho crítico. A sua roupa estava ligeiramente manchada por cinza escura, embora tivesse a cara relativamente limpa para um skaa. Parou por um momento, examinando as notas de Kelsier. Por fim, Marsh virou-se e atirou uma folha de papel para a cadeira ao lado de Kelsier.

— Que é isto? — perguntou Kelsier, pegando nela.

— Os nomes dos onze homens que massacraste ontem à noite — disse Marsh. — Achei que talvez quisesses pelo menos saber.

Kelsier atirou o papel para a lareira crepitante.

— Eles serviam o Império Final.

— Eles eram *homens*, Kelsier — cortou Marsh. — Tinham vidas, famílias. Vários eram skaa.

— Traidores.

— Pessoas — disse Marsh. — Pessoas que estavam só a tentar fazer o melhor com o que a vida lhes deu.

— Bem, eu estou só a fazer o mesmo — disse Kelsier. — E, felizmente, a vida deu-me a capacidade de atirar homens como eles dos topos dos edifícios. Se querem opor-se a mim como nobres, então podem morrer como nobres.

A expressão de Marsh tornou-se mais sombria.

— Como podes ser tão frívolo a respeito de uma coisa destas?

— Porque, Marsh — disse Kelsier — o humor é a única coisa que me resta. O humor e a determinação.

Marsh soltou uma pequena fungadela.

— Devias ficar contente — disse Kelsier. — Depois de décadas a ouvir as tuas arengas, finalmente decidi fazer algo que valha a pena com os meus talentos. Agora que estás aqui para ajudar, tenho a certeza...

— Eu não estou aqui para ajudar — interrompeu Marsh.

— Então vieste porquê?

— Para te fazer uma pergunta. — Marsh avançou, parando mesmo em frente de Kelsier. Eram quase da mesma altura, mas a personalidade severa de Marsh sempre o fizera parecer mais alto.

— Como te atreves a fazer isto? — perguntou Marsh em voz baixa.

— Dediquei a vida ao derrube do Império Final. Enquanto tu e os teus amigos ladrões andavam em festas, eu escondia foragidos. Enquanto tu planeavas pequenos assaltos, eu organizava ataques. Enquanto tu vivias no luxo, eu via gente corajosa morrer à fome.

Marsh ergueu uma mão, espetando um dedo no peito de Kelsier.

— *Como te atreves?* Como te atreves a tentar desviar a rebelião para um dos teus “servicinhos”? Como te atreves a usar este sonho como forma de enriquecer?

Kelsier empurrou o dedo de Marsh para o lado.

— Não é disso que se trata.

— Ah não? — perguntou Marsh, dando pancadinhas na palavra *átio* no quadro. — Para que são os joguinhos, Kelsier? Para quê enganar o Yeden, fingindo aceitá-lo como teu “patrão”? Para quê fingires que te preocupas com os skaa? Ambos sabemos o que tu realmente queres.

Kelsier cerrou os dentes, perdendo um pouco do bom humor. *Ele sempre conseguiu fazer-me isto.*

— Tu já não me conheces, Marsh — disse Kelsier em voz baixa. — Isto não é por dinheiro... um dia tive mais riqueza do que qualquer homem seria capaz de gastar. Este serviço é por algo de diferente.

Marsh parou junto dele, estudando os olhos de Kelsier, como que procurando neles a verdade.

— Sempre foste um bom mentiroso — disse por fim.

Kelsier revirou os olhos.

— Está bem, pensa o que quiseres. Mas não me dês sermões. Derubar o império pode ter sido um dia o teu sonho... mas agora transformaste-te num bom skaazinho, sempre metido na loja a adular os nobres que forem visitá-la.

— Encarei a realidade — disse Marsh. — Algo em que tu nunca foste bom. Mesmo se estiveres a ser sério a respeito deste plano, falharás. Tudo o que a rebelião fez, os ataques, os roubos, as mortes, não resultou em nada. Os nossos melhores esforços nunca sequer chegaram a ser um leve aborrecimento para o Senhor Soberano.

— Ah — disse Kelsier — mas ser um aborrecimento é algo em que *eu* sou muito bom. De facto, sou muito mais do que um “leve” aborrecimento... as pessoas dizem-me que consigo ser absolutamente frustrante. Mais vale usar este talento para a causa do bem, hã?

Marsh suspirou, virando-se.

— Isto não é por uma “causa”, Kelsier. É por vingança. É por ti, tal como tudo o resto é sempre. Posso acreditar que não pretendes dinheiro... posso até acreditar que tencionas entregar a Yeden esse exército que ele aparentemente está a pagar-te para arranjares. Mas não acreditarei que te importas.

— É aí que te enganas, Marsh — disse Kelsier em voz baixa. — Foi aí que sempre te enganaste a meu respeito.

Marsh franziu o sobrolho.

— Talvez. Já agora, como foi que isto começou? Foi o Yeden que veio ter contigo ou tu que foste ter com ele?

— E isso importa? — perguntou Kelsier. — Olha, Marsh. Eu preciso de alguém para se infiltrar no Ministério. Este plano não dará em nada se não descobirmos uma maneira de manter aqueles inquisidores debaixo de olho.

Marsh virou-se.

— Tu realmente esperas que eu te ajude?

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Foi por isso que cá vieste, digas o que disseres. Uma vez disste-me que achavas que eu podia fazer grandes coisas se alguma vez me dedicasse a um objetivo com valor. Bem, é isso que estou a fazer agora... e tu vais ajudar.

— Já não é assim tão fácil, Kell — disse Marsh, abanando a cabeça. — Há pessoas que estão agora diferentes. Outras... foram-se.

Kelsier deixou a sala silenciar-se. Mesmo o fogo na lareira estava a começar a apagar-se.

— Eu também sinto a falta dela.

— Tenho a certeza que sim... mas tenho de ser honesto contigo,

Kell. Apesar do que ela fez... às vezes desejo que não tivesses sido tu a sobreviver aos Poços.

— Eu desejo a mesma coisa todos os dias.

Marsh virou-se, estudando Kelsier com os seus olhos frios e perspicazes. Os olhos de um perscrutador. O que ele viu refletido no interior de Kelsier deve ter finalmente merecido a sua aprovação.

— Vou-me embora — disse Marsh. — Mas por algum motivo tu pareces mesmo sincero desta vez. Voltarei para ouvir o plano desvairado que terás maquinado. Depois... bem, veremos.

Kelsier sorriu. Por baixo de tudo aquilo, Marsh era um homem bom — um homem melhor do que Kelsier alguma vez fora. Quando Marsh se virou para a porta, Kelsier captou um tremeluzir de movimento esquivo por baixo da porta. Imediatamente queimou ferro, e as linhas translúcidas azuis dispararam do seu corpo, ligando-o a fontes próximas de metal. Marsh, claro, não trazia nenhum — nem sequer moedas. Viajar pelos setores skaa da cidade podia ser muito perigoso para um homem que parecesse mesmo marginalmente próspero.

Outra pessoa, contudo, ainda não aprendera a não transportar metal consigo. As linhas azuis eram finas e fracas — não penetravam bem em madeira — mas eram fortes o suficiente para permitir a Kelsier localizar a fivela do cinto de uma pessoa no corredor, a afastar-se depressa da porta sobre pés silenciosos.

Kelsier sorriu de si para si. A rapariga era notavelmente talentosa. O tempo que passara nas ruas, contudo, também lhe deixara cicatrizes notáveis. Esperava conseguir encorajar os talentos enquanto ajudava a sarar as cicatrizes.

— Eu volto amanhã — disse Marsh ao chegar à porta.

— Não venhas demasiado cedo — disse Kelsier com uma piscadela de olho. — Tenho umas coisas a fazer esta noite.

Vin esperou em silêncio no seu quarto escurecido, à escuta de passos a ressoar nas escadas que levavam ao piso térreo. Agachou-se ao lado da porta, tentando determinar se ambos os conjuntos tinham continuado pelas escadas abaixo ou não. O corredor silenciou-se, e ela acabou por soltar um suspiro de alívio.

Uma batida soou na porta, a meros centímetros da sua cabeça.

O seu sobressalto de surpresa quase a atirou ao chão. *Ele é bom!*, pensou.

Despenteou rapidamente o cabelo e esfregou os olhos, tentando aparentar ter estado a dormir. Puxou a fralda da camisa para fora das calças e esperou até a batida voltar a soar antes de abrir a porta.

Kelsier estava encostado à soleira, iluminado por trás pela única lanterna do corredor. O homem alto ergueu uma sobrancelha ao ver o seu estado desarranjado.

— Sim? — perguntou Vin, tentando parecer sonolenta.

— Então, que achas do Marsh?

— Não sei — disse Vin. — Não vi grande coisa dele antes de nos pordes na rua.

Kelsier sorriu.

— Não vais admitir que te apanhei, pois não?

Vin quase respondeu ao sorriso. O treino de Reen veio em seu socorro. *O homem que quer que confies nele é aquele que debes temer mais.* A voz do irmão quase parecia sussurrar na sua mente. Tornara-se mais forte desde que conhecera Kelsier, como se tivesse os instintos a ponto de entrar em ebulição.

Kelsier estudou-a por um momento, depois afastou-se da soleira da porta.

— Enfia a camisa nas calças e segue-me.

Vin franziu o sobrolho.

— Onde vamos?

— Começar o teu treino.

— Agora? — perguntou Vin, deitando uma olhadela às persianas escuras no seu quarto.

— Claro — disse Kelsier. — A noite está perfeita para um passeio.

Vin endireitou a roupa, juntando-se-lhe no corredor. Se planeava mesmo começar a ensiná-la, não ia queixar-se, fosse a hora qual fosse. Desceram as escadas para o andar de baixo. A oficina estava escura, com projetos de mobiliário deixados meio acabados nas sombras. A cozinha, contudo, estava cheia de luz.

— Só um minuto — disse Kelsier, dirigindo-se à cozinha.

Vin parou mesmo no limite das sombras da oficina, deixando Kelsier entrar na cozinha sem ela. Mal conseguia ver lá para dentro. Dockson, Brisa e Ham estavam sentados em volta de uma grande mesa com o Coxo e os aprendizes deste. Vinho e cerveja estavam presentes, ainda que em pequenas quantidades, e os homens mastigavam uma ceia leve e simples de folhados de cevada e puré de legumes.

Risos escorreram até à oficina. Não risos roufenhos, como os que soavam frequentemente na mesa de Camon. Aquilo era algo mais suave — algo que indicava alegria genuína, divertimento bem-disposto.

Vin não sabia bem o que a mantinha fora daquela sala. Hesitava — como se a luz e o humor fossem uma barreira — e permaneceu na oficina silenciosa e séria. Observou das trevas, contudo, e não foi inteiramente capaz de suprimir o seu anseio.

Kelsier regressou um momento mais tarde, trazendo a sua trouxa e um pequeno rolo de pano. Vin olhou para o rolo com curiosidade, e ele entregou-lho com um sorriso.

— Um presente.

O pano pareceu escorregadio e suave aos dedos de Vin, e ela depressa compreendeu de que se tratava. Deixou o material cinzento desenrolar-se-lhe nos dedos, revelando um manto de nascido nas brumas. Tal como o trajo que Kelsier usara na noite anterior, fora integralmente feito com faixas de pano separadas e semelhantes a fitas.

— Pareces surpreendida — comentou Kelsier.

— Eu... parti do princípio de que teria de ganhar isto de alguma maneira.

— O que há para ganhar? — disse Kelsier, tirando o seu manto da trouxa. — Isto é quem tu és, Vin.

Ela hesitou, depois pôs o manto sobre os ombros e atou-o. A sensação que dava era... diferente. Grosso e pesado nos ombros, mas leve e sem lhe constranger os movimentos em volta dos braços e das pernas. As fitas estavam cosidas umas às outras no topo, permitindo-lhe apertá-lo bem à sua volta se quisesse. Sentia-se... envolvida. Protegida.

— Como te sentes com ele? — perguntou Kelsier.

— Bem — disse simplesmente Vin.

Kelsier acenou com a cabeça, tirando da trouxa vários frascos de vidro. Entregou-lhe dois.

— Bebe um; fica com o outro para o caso de precisares. Mais tarde mostro-te como fazer a mistura para novos frascos.

Vin acenou com a cabeça, emborcando o primeiro frasco e enfiando o segundo no cinto.

— Já mandei fazer para ti roupa nova — disse Kelsier. — Vais querer habituar-te a usar coisas sem nenhum metal nelas: cintos sem fivelas, sapatos de enfiar nos pés, calças sem presilhas. Talvez mais tarde, se te sentires audaciosa, te arranjemos alguma roupa de mulher.

Vin corou ligeiramente.

Kelsier riu-se.

— Só estou a arrelhar-te. No entanto, estás agora a entrar num mundo novo... podes vir a descobrir que há situações em que pode ser-te vantajoso pareceres menos uma ladra de um bando e mais uma jovem senhora.

Vin acenou afirmativamente, seguindo Kelsier quando este se dirigiu para a porta da frente da loja. Abriu-a, revelando uma muralha de brumas escuras e em movimento. Penetrou nelas. Respirando fundo, Vin seguiu-o.

Kelsier fechou a porta atrás deles. A rua empedrada pareceu abafada a Vin, e as brumas turbilhonantes deixavam tudo só um pouco húmido. Não conseguia ver até longe em nenhuma direção, e as extremidades da rua pareciam desvanecer-se em nada, caminhos até à eternidade. Por cima, não havia céu, só correntes rodopiantes de cinzento sobre cinzento.

— Muito bem, comecemos — disse Kelsier. A voz dele pareceu alta na rua silenciosa e vazia. Havia uma confiança no seu tom de voz, algo que, confrontada com as brumas a toda a sua volta, Vin certamente não sentia.

— A tua primeira lição — disse Kelsier, avançando a passos largos rua abaixo, com Vin a manter-se a seu lado — não é sobre alomância, mas sobre atitude. — Estendeu a mão em frente, num gesto largo. — Isto, Vin. Isto é *nosso*. A noite, as brumas... elas pertencem-nos. Os skaa evitam as brumas como se elas fossem a morte. Ladrões e soldados saem à noite, mas mesmo assim temem-na. Nobres fingem frieza, mas as brumas deixam-nos desconfortáveis.

Virou-se, fitando-a

— As brumas são tuas amigas, Vin. Escondem-te, protegem-te... e dão-te poder. A doutrina do Ministério, algo que raramente é partilhado com os skaa, afirma que os nascidos nas brumas são os descendentes dos únicos homens que permaneceram fiéis ao Senhor Soberano durante os anos anteriores à sua Ascensão. Outras lendas sussurram que nós somos algo que ultrapassa até o poder do Senhor Soberano, algo que nasceu nesse dia em que as brumas primeiro chegaram à terra.

Vin acenou ligeiramente com a cabeça. Parecia estranho ouvir Kelsier falar tão abertamente. Edifícios cheios de skaa adormecidos erguiam-se de ambos os lados da rua. E, no entanto, as persianas escuras e o ar silencioso faziam Vin sentir que ela e Kelsier estavam sós. Sós na cidade mais densamente povoada, mais sobrelotada de todo o Império Final.

Kelsier continuou a caminhar, com uma vivacidade no passo que era incongruente com as sombras escuras.

— Não devíamos preocupar-nos com soldados? — perguntou Vin em voz baixa. Os seus bandos sempre tinham tido de ter cuidado com as patrulhas noturnas da Guarnição.

Kelsier abanou a cabeça.

— Mesmo se formos suficientemente descuidados para sermos vistos, nenhuma patrulha imperial se atreverá a incomodar nascidos nas brumas. Verão os nossos mantos e fingirão não nos ter visto. Lembra-te, quase todos os nascidos nas brumas são membros das Grandes Casas...

e os restantes pertencem a casas menores de Luthadel. Seja como for, são indivíduos muito importantes.

Vin franziu o sobrolho.

— Então os guardas simplesmente ignoram os nascidos nas brumas?

Kelsier encolheu os ombros.

— É má etiqueta reconhecer que a silhueta que se vê a esgueirar-se pelos telhados é na verdade um muito distinto e respeitável alto senhor... ou até senhora. Os nascidos nas brumas são tão raros que as casas não se podem dar ao luxo de lhes aplicar preconceitos de género.

» Seja como for, a maioria dos nascidos nas brumas vive duas vidas: a vida do aristocrata de corte, e a vida do alomante furtivo e espião. As identidades dos nascidos nas brumas são segredos ciosamente guardados pelas casas: os boatos a respeito de quem é nascido nas brumas são sempre o foco de muitos mexericos entre a alta nobreza.

Kelsier virou para outra rua, com Vin atrás, ainda um pouco nervosa. Não sabia bem para onde ele estava a levá-la; era fácil perder-se na noite. Era até possível que ele não tivesse destino, e estivesse apenas a acostumá-la às brumas.

— Muito bem — disse Kelsier. — Vamos lá habituar-te aos metais básicos. Consegues sentir as tuas reservas metálicas?

Vin hesitou. Se se concentrasse, conseguia distinguir oito fontes de poder dentro dela — cada uma muito maior até do que as duas tinham sido no dia em que Kelsier a testara. Sentira-se reticente em usar muito a sua Sorte desde então. Estava a começar a aperceber-se de que andara a usar uma arma que nunca chegara realmente a compreender — uma arma que despertara acidentalmente a atenção de um Inquisidor de Aço.

— Começa a queimá-las, uma de cada vez — disse Kelsier.

— Queimar?

— É isso que chamamos à ativação de uma capacidade alomântica — disse Kelsier. — “Queimas” o metal associado a esse poder. Verás o que eu quero dizer. Começa com os metais que ainda não conheces... trabalharemos no acalmar e inflamar de emoções noutra altura.

Vin anuiu com a cabeça, parando no meio da rua. Com hesitação, estendeu a mente para uma das novas fontes de poder. Uma delas era-lhe vagamente familiar. Tê-la-ia usado antes sem se aperceber? O que faria?

Só há uma maneira de descobrir... Sem saber bem o que, ao certo, devia fazer, Vin agarrou na fonte de poder e tentou usá-la.

Sentiu imediatamente uma explosão de calor dentro do seu peito. Não era desconfortável, mas era clara e nítida. Com o calor veio outra coisa — uma sensação de rejuvenescimento e de poder. Sentiu-se... mais *sólida*, de alguma forma.

— Que aconteceu? — perguntou Kelsier.

— Sinto-me diferente — disse Vin. Ergueu a mão, e o membro pareceu reagir só um pouco depressa de mais. Os músculos estavam impacientes. — O meu corpo está estranho. Já não me sinto cansada, e sinto-me alerta.

— Ah — disse Kelsier. — Isso é peltre. Aumenta as tuas capacidades físicas, tornando-te mais forte, mais capaz de resistir à fadiga e à dor. Vais reagir mais depressa quando estiveres a queimá-lo, e o teu corpo será mais resistente.

Vin fletiu experimentalmente os músculos. Estes não pareciam maiores, mas conseguia sentir a sua força. Não estava só nos músculos, no entanto — estava em tudo nela. Nos ossos, na carne, na pele. Estendeu a mente para a sua reserva e sentiu-a a minguar.

— Estou a ficar sem ele — disse.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— O peltre arde relativamente depressa. O frasco que te dei foi medido para conter cerca de dez minutos de queima contínua... embora desapareça mais depressa se inflamares frequentemente e mais devagar se tiveres cuidado com os momentos em que o usas.

— Inflamar?

— Podes queimar os teus metais um pouco mais poderosamente, se tentares — disse Kelsier. — Faz com que se esgotem muito mais depressa, e é difícil mantê-los inflamados, mas pode dar-te uma ajuda adicional.

Vin franziu o sobrolho, tentando fazer o que ele estava a dizer. Com um esforço repentino, conseguiu espreitar as chamas no seu peito, inflamando peltre.

Foi como respirar fundo antes de um salto ousado. Uma súbita vaga de força e poder. O seu corpo ficou tenso de antecipação e, durante um mero momento, sentiu-se invencível. Depois, passou, e o seu corpo foi-se descontraindo devagar.

Interessante, pensou, tomando nota de quão depressa o peltre ardera durante aquele breve momento.

— Bom, há uma coisa que tens de saber sobre os metais alomânticos — disse Kelsier enquanto os dois avançavam por entre as brumas. — Quanto mais puros forem, mais eficazes serão. Os frascos que preparamos contêm metais absolutamente puros, preparados e vendidos especificamente para alomantes.

» Ligas, como o peltre, são ainda mais problemáticas, uma vez que as percentagens de metais têm de ser misturadas exatamente da forma certa, se queres um máximo de poder. De facto, se não tiveres cuidado

quando comprares os metais, podes acabar com uma liga completamente errada nas mãos.

Vin franziu o sobrolho.

— Quer dizer que alguém pode vigarizar-me?

— Intencionalmente não — disse Kelsier. — A questão é que a maior parte dos termos que as pessoas usam, palavras como “latão”, “peltre” e “bronze,” são na verdade bastante vagas, quando as vemos com atenção. Aceita-se geralmente como peltre, por exemplo, uma liga de estanho misturado com chumbo, contendo talvez um pouco de cobre ou prata, dependendo da utilização e das circunstâncias. Mas o *peltre alomântico* é uma liga de noventa e um por cento de estanho e nove por cento de chumbo. Se queres obter a máxima força do teu metal, tens de usar essas percentagens.

— E... se se queimar a percentagem errada? — perguntou Vin.

— Se a mistura estiver só um pouco errada, ainda obténs dela algum poder — disse Kelsier. — No entanto, se estiver muito longe do ideal, queimá-la deixa-te doente.

Vin acenou lentamente com a cabeça.

— Eu... acho que já tinha queimado este metal. De vez em quando, em quantidades muito pequenas.

— Metais vestigiais — disse Kelsier. — De beber água contaminada com metais, ou de comer com utensílios de peltre.

Vin concordou com a cabeça. Algumas das canecas no esconderijo de Camon eram de peltre.

— Muito bem — disse Kelsier. — Extingue o peltre e passemos a outro metal.

Vin fez o que lhe era pedido. A remoção do poder deixou-a a sentir-se fraca, cansada e exposta.

— Ora bem — disse Kelsier. — Deves conseguir reparar numa espécie de emparelhamento entre as tuas reservas de metal.

— Como os dois metais emocionais — disse Vin.

— Exatamente. Encontra o metal ligado ao peltre.

— Estou a vê-lo — disse Vin.

— Há dois metais para cada poder — disse Kelsier. — Um Empurra, o outro Puxa... o segundo é normalmente uma liga do primeiro. Para as emoções, os poderes mentais externos, Puxas com zinco e Empurras com latão. Acabaste de usar peltre para Empurrar o teu corpo. Esse é um dos poderes físicos internos.

— Como o Ham — disse Vin. — Ele queima peltre.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Os brumeiros capazes de queimar peltre chamam-se brigões. Um

termo tosco, suponho... mas eles tendem a ser gente bastante tosca. O nosso caro Hammond é uma certa exceção a essa regra.

— Então, o que faz o outro metal físico interno?

— Experimenta e vê.

Vin fê-lo avidamente, e o mundo tornou-se subitamente mais brilhante à sua volta. Ou... bem, não era exatamente assim. Conseguia ver melhor, e conseguia ver até mais longe, mas as brumas continuavam lá. Eram simplesmente... mais translúcidas. A luz ambiente à sua volta parecia de alguma forma mais forte.

Havia outras mudanças. Conseguia sentir a roupa. Apercebeu-se de que sempre fora capaz de a sentir, mas normalmente ignorava-a. Agora, contudo, sentia-a com mais detalhe. Conseguia sentir as texturas e estava agudamente consciente dos lugares onde a roupa lhe estava apertada.

Tinha fome. Também isso estivera a ignorar — mas agora, a sua fome parecia muito mais premente. Sentia a pele mais húmida, e era capaz de cheirar o ar fresco misturado com odores a sujidade, fuligem e dejetos.

— O estanho amplifica-te os sentidos — disse Kelsier, numa voz que subitamente parecia muito alta. — E é um dos metais de queima mais lenta... o estanho naquele frasco é suficiente para te manter sob o seu efeito durante horas. A maioria dos nascidos nas brumas deixam o estanho a arder sempre que saem para as brumas... eu tenho o meu a arder desde que saímos da loja.

Vin acenou com a cabeça. A fartura de sensações era quase subjugante. Conseguia ouvir rangidos e corridinhas na escuridão, e os sons faziam-na querer saltar de alarme, convencida de que algo estava a aproximar-se furtivamente por trás de si.

Vou ter de me acostumar a isto.

— Deixa-o arder — disse Kelsier, indicando-lhe por gestos para se pôr a seu lado enquanto ele continuava a avançar pela rua fora. — Vais querer habituar-te aos sentidos amplificados. Tem só o cuidado de não andares sempre a inflamá-lo. Não só o esgotarias muito depressa, como inflamar metais perpetuamente faz... coisas estranhas às pessoas.

— Estranhas? — perguntou Vin.

— Os metais, e em especial o estanho e o peltre, retesam-te o corpo. Inflamar os metais leva mais longe esse retesamento. Se o retesares demasiado, durante demasiado tempo, as coisas começam a partir-se.

Vin acenou desconfortavelmente com a cabeça. Kelsier silenciou-se, e continuaram a caminhar, deixando Vin explorar as suas novas sensações e o mundo detalhado que o estanho revelava. Antes, a sua visão estivera restrita a uma minúscula bolsa na noite. Agora, contudo, via uma

cidade inteira envolta num manto de bruma móvel e rodopiante. Conseguia distinguir fortalezas como pequenas montanhas escuras à distância, e via centelhas de luz vindas de janelas, como buracos de alfinete abertos na noite. E por cima... via luzes no céu.

Parou, olhando para cima com assombro. Eram ténues, desfocadas mesmo para os seus olhos intensificados a estanho, mas conseguia vislumbrá-las. Centenas delas. Milhares delas. Tão pequenas como os pavios em brasa de velas recentemente apagadas.

— Estrelas — disse Kelsier, vindo parar a seu lado. — Não se veem com muita frequência, mesmo com estanho. Hoje deve estar uma noite particularmente límpida. As pessoas costumavam poder olhar para cima e vê-las todas as noites... isso foi antes de as brumas chegarem, antes de os Montes de Cinza cuspirem cinza e fumo para o céu.

Vin deitou-lhe um olhar.

— Como sabeis?

Kelsier sorriu.

— O Senhor Soberano fez um grande esforço para esmagar as memórias desses dias, mas algumas ainda restam. — Virou-se, sem ter realmente respondido à pergunta dela, e continuou a caminhar. Vin foi juntar-se-lhe. De súbito, com estanho, as brumas à sua volta não pareciam tão ameaçadoras. Começava a perceber como Kelsier podia andar por aí à noite com tanta confiança.

— Muito bem — acabou Kelsier por dizer. — Experimentemos outro metal.

Vin concordou com a cabeça, deixando o estanho a arder mas escolhendo outro metal para queimar também. Quando o fez, aconteceu algo muito estranho — uma multidão de ténues linhas azuis saltou do seu peito, estendendo-se para as brumas rodopiantes. Imobilizou-se, sustendo a respiração e olhando para o peito. A maioria das linhas eram finas, como bocados translúcidos de fio de coser, embora um par delas fossem tão grossas como fios de lã.

Kelsier soltou uma gargalhadinha.

— Deixa esse metal e o seu par em paz por agora. São um pouco mais complicados do que os outros.

— O que...? — perguntou Vin, seguindo com os olhos as linhas de luz azul. Apontavam para objetos variados. Portas, janelas... um par delas até apontava para Kelsier.

— Lá chegaremos — prometeu ele. — Extingue esse e experimenta um dos últimos dois.

Vin extinguiu o estranho metal e ignorou o seu companheiro, escolhendo um dos últimos metais. Imediatamente sentiu uma estranha

vibração. Parou. Os impulsos não faziam nenhum som que conseguisse ouvir, mas sentia-os a cobri-la. Pareciam vir de Kelsier. Olhou para ele, franzindo o sobrolho.

— Esse é provavelmente o bronze — disse Kelsier. — O metal interno de Empurrar. Permite-te sentir quando alguém está a usar alomância nas imediações. Os perscrutadores, como o meu irmão, usam-no. Normalmente não é lá muito útil... a menos que calhe seres um Inquisidor de Aço em busca de brumeiros skaa.

Vin empalideceu.

— Os inquisidores são capazes de usar a alomância?

Kelsier confirmou com a cabeça.

— São todos perscrutadores... não sei bem se é porque os perscrutadores são escolhidos para se tornarem inquisidores, se o processo de se tornar um inquisidor lhes concede o poder. Seja como for, como o seu dever principal é encontrar crianças mestiças e nobres que usam a alomância de forma imprópria, é uma capacidade que é útil terem. Infelizmente, “útil” para eles significa “bastante incómoda” para nós.

Vin começou a concordar com a cabeça, mas depois imobilizou-se. Os impulsos tinham parado.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Comecei a queimar cobre — disse Kelsier — o companheiro do bronze. Quando queimas cobre, ele esconde de outros alomantes o teu uso dos poderes. Podes experimentar queimá-lo agora, se quiseres, embora não vás sentir grande coisa.

E Vin assim fez. A única mudança foi uma sensação de ligeira vibração dentro dela.

— É vital aprender a usar o cobre — disse Kelsier. — Ele vai esconder-te dos inquisidores. Provavelmente não temos nada a temer esta noite... os inquisidores partirão do princípio de que somos nascidos nas brumas nobres normais, na rua em treinos. No entanto, se algum dia estiveres vestida de skaa e precisares de queimar metais, assegura-te primeiro de que acendes o cobre.

Vin fez um aceno agradecido.

— De facto — disse Kelsier — muitos nascidos nas brumas mantêm o cobre a arder o tempo todo. Ele queima devagar, e torna-te invisível para outros alomantes. Esconde-te do bronze e também impede que outros manipulem as tuas emoções.

Vin espetou as orelhas.

— Achei que isso te poderia interessar — disse Kelsier. — Qualquer pessoa que queime cobre é imune à alomância emocional. Além disso, a influência do cobre acontece numa bolha à tua volta. Essa nuvem,

chamada nuvem-de-cobre, esconde qualquer pessoa que lá esteja dentro dos sentidos de um perscrutador, embora não os deixe imunes à alo-mância emocional como te deixará a ti.

— O Coxo — disse Vin. — É isso que faz um fumador.

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Se um dos nossos for detetado por um perscrutador, pode fugir de volta para o esconderijo e desaparecer. Também podem treinar os seus talentos sem terem receio de serem descobertos. Pulsos alomânticos vindos de uma loja num setor skaa da cidade seriam uma forma rápida de nos denunciar a um inquisidor que por lá passasse.

— Mas vós podeis queimar cobre — disse Vin. — Porque estáveis tão interessado em encontrar um fumador para o bando?

— Eu posso queimar cobre, é verdade — disse Kelsier. — E tu também. Nós podemos usar todos os poderes, mas não podemos estar em todo o lado. Um chefe de bando bem-sucedido tem de saber como dividir trabalho, especialmente num serviço tão grande como este. É prática habitual ter uma nuvem-de-cobre presente em permanência no esconderijo. O Coxo não faz tudo sozinho: vários daqueles aprendizes também são fumadores. Quando se contrata um homem como o Coxo, está subentendido que ele te fornece uma base de operações e uma equipa de fumadores suficientemente competente para te manter escondido em permanência.

Vin acenou com a cabeça. No entanto, estava mais interessada na capacidade do cobre para proteger as suas emoções. Teria de localizar cobre suficiente para o manter a arder o tempo todo.

Recomeçaram a caminhar, e Kelsier deu-lhe mais tempo para se habituar a queimar estanho. A mente de Vin, contudo, começou a divagar. Algo não lhe parecia... certo. Porque estava Kelsier a dizer-lhe todas aquelas coisas? Parecia estar a abrir mão dos seus segredos com demasiada facilidade.

Exceto um, pensou, desconfiada. O metal com as linhas azuis. Ainda não voltou a ele. Talvez fosse essa a coisa que lhe ia esconder, o poder que manteria de reserva para conservar o controlo sobre ela.

Deve ser forte. O mais poderoso dos oito.

Enquanto caminhavam pelas ruas silenciosas, Vin estendeu com hesitação a mente para dentro de si. Olhou para Kelsier, depois queimou cuidadosamente o metal desconhecido. As linhas voltaram a brotar à sua volta, apontando em direções aparentemente aleatórias.

As linhas deslocavam-se com ela. Uma extremidade de cada fio ficava presa ao seu peito, enquanto a outra permanecia ligada a um lugar específico da rua. Novas linhas apareciam enquanto caminhava, e anti-

gas desvaneciam-se, desaparecendo atrás de si. As linhas tinham várias espessuras, e algumas eram mais brilhantes do que outras.

Curiosa, Vin testou as linhas com a mente, tentando descobrir o seu segredo. Concentrou-se numa particularmente pequena e de aparência inocente e descobriu que era capaz de a sentir individualmente se se concentrasse. Quase sentia ser capaz de lhe tocar. Estendeu a mente e deu-lhe um ligeiro puxão.

A linha abanou e algo voou imediatamente das trevas na sua direção. Vin soltou um guincho, tentando afastar-se com um salto, mas o objeto — um prego ferrugento — voou diretamente para ela.

De súbito, algo agarrou o prego, arrancando-o da trajetória e atirando-o de novo para a escuridão.

Vin saiu da cambalhota numa postura tensa e agachada, com o manto de brumas a flutuar à sua volta. Perscrutou as trevas, depois deitou uma olhadela a Kelsier, o qual se estava a rir baixinho.

— Eu devia saber que ias experimentar isso — disse ele.

Vin corou, embaraçada.

— Vem daí — disse ele, chamando-a com um gesto. — Não aconteceu mal nenhum.

— O prego atacou-me! — Aquele metal daria vida a objetos? Isso seria realmente um poder incrível.

— Na verdade, o que aconteceu foi mais ou menos tu atacares-te a ti própria — disse Kelsier.

Vin levantou-se com cautela, depois foi-se-lhe juntar enquanto ele recomçava a andar pela rua fora.

— Já te explico o que fizeste daqui a pouco — prometeu. — Primeiro, há uma coisa que tens de compreender sobre a alomância.

— Outra regra?

— É mais uma filosofia — disse Kelsier. — Tem a ver com consequências.

Vin franziu o sobrolho.

— Que quer dizer?

— Cada ação que executamos tem consequências, Vin — disse Kelsier. — Descobri que, tanto na alomância como na vida, a pessoa que melhor consiga avaliar as consequências dos seus atos será a mais bem-sucedida. Pensa na queima de peltre, por exemplo. Quais são as suas consequências?

Vin encolheu os ombros.

— Ficamos mais fortes.

— E o que acontece se estiveres a carregar qualquer coisa pesada quando se te acaba o peltre?

Vin hesitou.

— Suponho que a deixo cair.

— E, se for muito pesada, podes magoar-te seriamente. Muitos brigões brumeiros agiram com indiferença para com um ferimento terrível enquanto lutavam, para morrerem desse mesmo ferimento assim que se lhes esgotou o peltre.

— Estou a ver — disse Vin em voz baixa.

— Ah!

Vin saltou, chocada, levando as mãos aos ouvidos amplificados.

— Ai! — protestou, fitando Kelsier, furiosa.

Este sorriu.

— Queimar estanho também tem consequências. Se alguém produzir uma luz ou um som súbitos, podes ficar cega ou atordoada.

— Mas que tem isso a ver com estes dois últimos metais?

— O ferro e o aço dão-te a capacidade de manipular outros metais à tua volta — explicou Kelsier. — Com o ferro, podes Puxar uma fonte de metal para ti. Com o aço, podes Empurrar uma para longe. Ah, aqui estamos.

Kelsier parou, erguendo o olhar para a frente.

Através das brumas, Vin conseguia ver a maciça muralha da cidade a erguer-se acima deles.

— Que estamos aqui a fazer?

— Vamos treinar o puxão-de-ferro e o empurrão-de-aço — disse Kelsier. — Mas primeiro, algumas bases. — Tirou algo do cinto: um corte, a moeda de valor mais baixo. Ergueu-a na frente dela, pondo-se de lado. — Queima aço, o oposto do metal que queimaste há momentos.

Vin anuiu. Uma vez mais, as linhas azuis brotaram a toda a sua volta. Uma delas apontava diretamente para a moeda na mão de Kelsier.

— Muito bem — disse Kelsier. — Empurra-a.

Vin alcançou o fio adequado e Empurrou ligeiramente. A moeda saltou dos dedos de Kelsier, afastando-se de Vin em linha reta. Continuou concentrada nela, Empurrando a moeda pelo ar fora até que ela foi bater na parede de uma casa próxima.

Vin foi atirada violentamente para trás num movimento súbito e brusco. Kelsier agarrou-a e impediu-a de cair ao chão.

Vin tropeçou e endireitou-se. Do outro lado da rua, a moeda — agora libertada do seu controlo — caiu no chão com um tinido.

— Que aconteceu? — perguntou-lhe Kelsier.

Ela abanou a cabeça.

— Não sei. Empurrei a moeda, e ela voou para longe. Mas quando bateu na parede, eu fui empurrada para longe.

— Porquê?

Vin franziu pensativamente o sobrolho.

— Suponho... suponho que a moeda não podia ir para sítio nenhum, portanto tive de ser eu a mexer-me.

Kelsier acenou com aprovação.

— Consequências, Vin. Usas o teu peso quando dás um empurrão-de-aço. Se és muito mais pesada do que a tua âncora, ela voa para longe de ti como aquela moeda fez. No entanto, se o objeto for mais pesado do que tu, ou se bater nalguma coisa que o é, serás tu a ser Empurrada para longe. O puxão-de-ferro é semelhante: ou és Puxada para o objeto, ou ele é Puxado para ti. Se os pesos forem semelhantes, irão ambos mover-se.

» Esta é a maior arte da alomância, Vin. Saberes quanto te irás mover quando queimas aço ou ferro dar-te-á uma grande vantagem sobre os teus oponentes. Irás descobrir que estas duas são as mais versáteis e úteis das tuas capacidades.

Vin acenou com a cabeça.

— E lembra-te — prosseguiu ele. — Em ambos os casos, a força do teu Empurrão ou Puxão exerce-se *diretamente* para longe de ti ou para ti. Não podes fazer coisas voar com a mente, controlando-as para irem para onde quiseses. Não é assim que a alomância funciona, porque não é assim que o mundo físico funciona. Quando empurras qualquer coisa, seja com a alomância, seja com as tuas mãos, ela vai na direção diretamente oposta. Força, reações, consequências. Entendes?

Vin voltou a acenar.

— Ótimo — disse Kelsier com um ar de contentamento. — E agora, vamos saltar por cima daquela muralha.

— *O quê?*

Ele deixou-a boquiaberta no meio da rua. Viu-o aproximar-se da base da muralha, depois correu para ele.

— Estais maluco! — disse ela em voz baixa.

Kelsier sorriu.

— Acho que é a segunda vez que me dizes isso hoje. Tens de prestar mais atenção... se tivesses ouvido mais alguém, saberias que a minha sanidade desapareceu há muito tempo.

— Kelsier — disse ela, erguendo o olhar para a muralha. — Eu não posso... quer dizer, nunca usei realmente a alomância até esta noite!

— Sim, mas aprendes tão depressa — disse Kelsier, tirando algo de baixo do manto. Parecia ser um cinto. — Toma, põe isto. Tem pesos de metal amarrados. Se alguma coisa correr mal, é provável que eu seja capaz de te apanhar.

— É provável? — perguntou Vin com nervosismo, pondo o cinto.

Kelsier sorriu, depois deixou cair um grande lingote de metal a seus pés.

— Põe o lingote mesmo por baixo de ti, e lembra-te de Empurrar, e não Puxar. Não pares de Empurrar até chegares ao topo da muralha.

Depois dobrou-se para baixo e saltou.

Kelsier disparou pelo ar, uma silhueta escura que desapareceu nas névoas rodopiantes. Vin esperou um momento, mas ele não tombou do céu para se vir esmagar no chão.

Tudo estava silencioso, mesmo para os seus ouvidos amplificadas. As brumas rodopiavam, brincalhonas, à sua volta. Provocando-a. Desafiando-a.

Olhou para o lingote, queimando aço. A linha azul brilhava com uma luz ténue e fantasmagórica. Vin dirigiu-se ao lingote, parando com um pé de cada lado. Ergueu o olhar para as brumas, depois baixou-o uma última vez.

Por fim, respirou fundo e Empurrou o lingote com todas as suas forças.

“Ele defenderá os seus costumes, mas violá-los-á. Ele será o seu salvador, mas chamar-lhe-ão herético. O seu nome será Discórdia, mas amá-lo-ão por isso.”



8

VIN DISPAROU PELO AR. Reprimiu um grito, lembrando-se de continuar a Empurrar apesar do medo. A parede de pedra era uma mancha de movimento a pouco mais de um metro dela. O chão desapareceu em baixo, e a linha azul que apontava para o lingote foi-se tornando cada vez mais ténue.

Que acontece se desaparecer?

Começou a abrandar. Quanto mais ténue a linha se tornava, mais diminuía a sua velocidade. Após só alguns momentos de voo, parou — e ficou a pairar no ar por cima de uma linha azul quase invisível.

— Sempre gostei da vista cá de cima.

Vin olhou para o lado. Kelsier estava a curta distância; ela estivera tão concentrada, que não reparara que estava a pairar a cerca de um metro do topo da muralha.

— Socorro! — disse, continuando a Empurrar desesperadamente para não cair. As brumas por baixo de si moviam-se e rodopiavam, como um escuro oceano de almas danadas.

— Não tens de te preocupar demasiado — disse Kelsier. — É mais fácil equilibrar-te no ar se tiveres um tripé de âncoras, mas desenrascas-te bem mesmo com uma só. O teu corpo está habituado a equilibrar-se. Parte do que tens feito desde que aprendeste a andar transfere-se para a alomância. Desde que fiques quieta, mantendo-te no limite da tua capacidade para Empurrar, manter-te-ás bastante estável... a tua mente e corpo corrigirão quaisquer ligeiros desvios do centro básico da tua âncora lá em baixo, evitando que caias para os lados.

» Agora, se fores Empurrar outra coisa qualquer, ou deslocar-te demasiado para um lado... bem, perderias a âncora lá em baixo e deixarias de estar a Empurrar-te diretamente para cima. Nesse caso terias problemas: ias tombar como um peso morto do topo de um mastro muito alto.

— Kelsier... — disse Vin.

— Espero que não tenhas medo de alturas, Vin — notou Kelsier. — Isso é uma grande desvantagem para um nascido nas brumas.

— Eu... não... tenho... medo... de... alturas — disse Vin por entre dentes cerrados. — *Mas também não estou habituada a pairar no ar trinta metros acima do raio da rua!*

Kelsier soltou um risinho, mas Vin sentiu uma força puxar-lhe pelo cinto, puxando-a pelo ar na direção dele. Kelsier agarrou-a e içou-a por cima do peitoril de pedra, após o que a pousou no chão a seu lado. Estendeu um braço por sobre a muralha. Um segundo mais tarde, o lingote voou pelo ar, raspando na muralha, até ir parar na sua mão expectante.

— Bom trabalho — disse. — Agora voltamos a descer. — Atirou o lingote por sobre o ombro, deitando-o à bruma escura do outro lado da muralha.

— Vamos mesmo lá para fora? — perguntou Vin. — Para fora das muralhas da cidade? *À noite?*

Kelsier sorriu com aquele seu jeito exasperante. Foi até às ameias e trepou para cima delas.

— Variar a força com que se Puxa ou Empurra é difícil, mas possível. É melhor simplesmente caíres um pouco e depois Empurrar para abrandar. Deixares-te cair mais um pouco e depois voltares a Empurrar. Se acertares no ritmo, chegarás ao chão sem problemas nenhuns.

— Kelsier — disse Vin, aproximando-se das ameias. — Eu não...

— Estás agora no topo da muralha da cidade, Vin — disse ele, dando um passo para o ar. Ali ficou, pairando, equilibrado como lhe explicara antes. — Há só duas maneiras de descer. Ou saltas, ou tentas explicar

àquela patrulha de guardas porque é que um nascido nas brumas tem de usar a escada deles.

Vin virou-se preocupada, reparando num pêndulo de luz de lanterna que se aproximava nas brumas escuras.

Voltou a virar-se para Kelsier, mas este desaparecera. Praguejou, debruçando-se da muralha e olhando para as brumas em baixo. Ouvia os guardas atrás dela, a conversar um com o outro em voz baixa enquanto percorriam a muralha.

Kelsier tinha razão: ela não tinha muitas opções. Zangada, subiu para as ameias. Não tinha grande receio das alturas, mas quem não ficaria apreensivo no topo de uma muralha, olhando para baixo, para a sua destruição? O coração de Vin bateu irregularmente, o estômago torceu-se-lhe.

Espero que Kelsier tenha saído do caminho, pensou, verificando a linha azul para se certificar de que estava por cima do lingote. Depois deu um passo em frente.

E imediatamente se precipitou para o chão. Empurrou com o aço, por reflexo, mas a sua trajetória estava errada; caíra para o lado do lingote, não diretamente para ele. Por consequência, o Empurrão desviou-a ainda mais para o lado, e ela pôs-se às cambalhotas pelo ar.

Alarmada, voltou a Empurrar, desta vez com mais força, inflamando aço. O súbito esforço lançou-a de novo para cima. Arqueou lateralmente pelo ar, surgindo do nada ao lado do topo da muralha. Os guardas que passavam rodopiaram de surpresa, mas as suas caras depressa se tornaram indistintas quando Vin voltou a cair em direção ao chão.

Com a mente baralhada pelo terror, estendeu-a por reflexo e Puxou o lingote, tentando puxar-se para ele. E, claro, ele disparou obedientemente na sua direção.

Estou morta.

Então, o seu corpo foi sacudido, puxado para cima pelo cinto. A sua descida abrandou, até ela dar por si a atravessar calmamente o ar. Kelsier apareceu nas brumas, parado no chão por baixo dela; estava — claro — a sorrir.

Deixou-a cair o último metro, apanhando-a, e depois pousando-a em pé na terra mole. Vin ficou ali a tremer por um momento, respirando em ofegos tensos e ansiosos.

— Bem, isto foi divertido — disse Kelsier com ligeireza.

Vin não respondeu.

Kelsier sentou-se numa pedra próxima, dando-lhe claramente tempo para recuperar a calma. Por fim, Vin queimou peltre, usando a sensação de solidez que o metal fornecia para acalmar os nervos.

— Saíste-te bem — disse Kelsier.

— Quase morri.

— É o que acontece com todos da primeira vez — disse Kelsier. — O puxão-de-ferro e o empurrão-de-aço são capacidades perigosas. Podes trespassar-te com um bocado de metal que Puxes contra o teu corpo, podes saltar e deixar a âncora demasiado para trás, ou podes cometer uma dúzia de outros erros.

» A minha experiência, por limitada que seja, diz-me que é melhor deparar cedo com essas circunstâncias extremas, quando alguém te pode vigiar. Seja como for, parto do princípio de que consegues compreender por que motivo é importante que um alomante transporte o mínimo possível de metal sobre o seu corpo.

Vin confirmou com a cabeça, mas depois hesitou, levando a mão à orelha.

— O meu brinco — disse. — Vou ter de deixar de o usar.

— Tem um grampo na parte de trás? — perguntou Kelsier.

Vin abanou a cabeça.

— É só um pequeno espigão, virado para baixo atrás.

— Então não vais ter problemas — disse Kelsier. — O metal dentro do teu corpo, mesmo se só um bocadinho dele estiver dentro do teu corpo, não pode ser Puxado nem Empurrado. Se não fosse assim, outro alomante podia arrancar-te os metais do estômago enquanto os queimavas.

É bom saber, pensou Vin.

— É também por isso que aqueles inquisidores podem andar por aí com tanta confiança com um par de espigões de aço espetados nas cabeças. O metal perfura-lhes os corpos, portanto não pode ser afetado por outro alomante. Fica com o brinco: é pequeno, portanto não conseguirás fazer muito com ele, mas poderás usá-lo como arma numa emergência.

— Está bem.

— Bom, estás pronta para ir andando?

Ela olhou para o topo da muralha, preparando-se para voltar a saltar, e anuiu com a cabeça.

— Não vamos voltar para cima — disse Kelsier. — Vem daí.

Vin franziu o sobrolho, enquanto Kelsier começava a penetrar nas brumas. *Bom, será que ele tem algum destino, afinal... ou simplesmente decidiu vaguear mais um bocado?* Estranhamente, o afável desprendimento dele tornava-o muito difícil de ler.

Vin apressou-se a acompanhá-lo, sem querer ser deixada sozinha nas brumas. A paisagem em volta de Luthadel era estéril, à exceção de mato e ervas daninhas. Espinheiros e folhas secas — ambos cobertos de cinza caída algum tempo antes — raspavam contra as pernas dela. A

vegetação rasteira estalejava enquanto caminhavam, imóvel e um pouco húmida do orvalho das brumas.

Ocasionalmente, passavam por pilhas de cinza que tinham sido trazidas da cidade. Normalmente, contudo, a cinza era atirada ao Rio Channerel, que atravessava a cidade. A água acabava por decompô-la — ou, pelo menos, era isso que Vin supunha. De outra forma, o continente inteiro já teria ficado enterrado há muito tempo.

Vin manteve-se próxima de Kelsier enquanto caminhavam. Embora já antes tivesse viajado por fora das cidades, sempre se deslocara como parte de um grupo de barqueiros — os trabalhadores skaa que conduziam barcos estreitos e barças de um lado para o outro ao longo das muitas rotas pelos canais do Império Final. Fora trabalho duro — a maioria dos nobres usava skaa em vez de cavalos para puxar os barcos ao longo dos caminhos marginais — mas houvera uma certa liberdade em saber que estava a viajar, pois a maioria dos skaa, até mesmo os ladrões skaa, nunca abandonava a sua plantação ou povoado.

O constante movimento de cidade em cidade fora opção de Reen; ele mostrara-se obsessivo em nunca ficar preso. Normalmente arranjava-lhes lugares em barcos de canais geridos por bandos do submundo, sem nunca ficar num lugar durante mais de um ano. Mantivera-se em movimento, sempre de partida. Como se fugisse de alguma coisa.

Continuaram a caminhar. À noite, mesmo as colinas estéreis e as planícies cobertas de mato ganhavam um ar sinistro. Vin não falava, embora tentasse fazer o mínimo possível de ruído. Ouvira histórias sobre o que acontecia no campo à noite, e a cobertura das brumas — mesmo trespassada pelo estanho, como era agora — fazia-a sentir-se observada.

A sensação foi-se tornando mais enervante à medida que caminhavam. Em breve começou a ouvir ruídos na escuridão. Eram abafados e ténues — estalidos de ervas, ruídos de arrastar na bruma cheia de ecos.

Estás só a ser paranoica!, disse a si própria enquanto um som meio imaginado a fazia saltar. Mas algum tempo depois deixou de conseguir aguentar.

— Kelsier! — disse num sussurro urgente... um sussurro que soava reveladoramente ruidoso aos seus ouvidos melhorados. — Acho que anda alguma coisa por aí.

— Hmm? — perguntou Kelsier. Parecia perdido em pensamentos.

— Acho que alguma coisa vem a seguir-nos!

— Oh — disse Kelsier. — Sim, tens razão. É um espírito das brumas. Vin estacou. Kelsier, contudo, continuou a andar.

— Kelsier! — disse ela, levando-o a parar. — Quereis dizer que *elas* são reais?

— Claro que são — disse Kelsier. — De onde julgavas tu que vinham aquelas histórias todas?

Vin ficou no mesmo sítio, num choque boquiaberto.

— Queres ir vê-lo? — perguntou Kelsier.

— *Ir ver o espírito das brumas?* — perguntou Vin. — Estais... — E parou.

Kelsier soltou um risinho, voltando a passos largos para junto dela.

— Os espíritos das brumas podem ser um pouco perturbadores para quem os vê, mas são relativamente inofensivos. São basicamente necrófagos. Vem daí.

E voltou para trás, seguindo as pegadas de ambos, fazendo-lhe sinal para ir com ele. Relutante — mas morbidamente curiosa —, Vin seguiu-o. Kelsier caminhou com um passo vivo, levando-a até ao topo de uma colina relativamente livre de mato. Acocorou-se, fazendo sinal a Vin para fazer o mesmo.

— A audição deles não é lá muito boa — disse enquanto Vin se ajoelhava a seu lado na terra áspera e manchada de cinzas. — Mas o olfacto (ou melhor, o paladar) é bastante apurado. É provável que esteja a seguir-nos o rasto, na esperança de que deitemos fora qualquer coisa de comestível.

Vin semicerrou os olhos na escuridão.

— Não o vejo — disse, perscrutando as brumas em busca de uma silhueta sombria.

— Ali — disse Kelsier, apontando para uma colina atarracada.

Vin franziu o sobrolho, imaginando uma criatura acorçada no topo da colina, observando-a enquanto ela a procurava.

Mas então a colina mexeu-se.

Vin deu um pequeno salto. O montículo escuro — talvez com uma altura de uns três metros e o dobro do comprimento — avançou num passo estranho e arrastado, e Vin inclinou-se para diante, tentando ver melhor.

— Inflama o estanho — sugeriu Kelsier.

Vin concordou com a cabeça, recorrendo a uma vaga de poder alomântico adicional. Tudo se tornou imediatamente mais claro e as brumas passaram a ser um bloqueio ainda menor.

O que viu fê-la estremecer — fascinada, repugnada e mais do que um pouco perturbada. A criatura tinha uma pele esfumada e translúcida, e Vin via-lhe os ossos. Tinha dezenas e dezenas de membros, e todos pareciam ter vindo de um animal diferente. Havia mãos humanas, cascos bovinos, patas canídeas e outros que não conseguia identificar.

Os membros díspares permitiam à criatura caminhar — embora se

tratasse mais de arrastamento. Ia avançando lentamente, movendo-se como uma centopeia desajeitada. Muitos dos membros, de facto, nem sequer pareciam ser funcionais — projetavam-se da carne da criatura de uma forma retorcida e pouco natural.

O seu corpo era bolboso e alongado. Mas não era simplesmente uma coisa disforme... havia uma estranha lógica na sua forma. Possuía uma nítida estrutura esquelética e — esforçando a visão intensificada a estanho — Vin julgou conseguir distinguir músculos e tendões translúcidos a envolver os ossos. A criatura fletia estranhos emaranhados de músculos enquanto se movia, e parecia ter uma dúzia de caixas torácicas diferentes. Ao longo do corpo principal, braços e pernas pendiam em ângulos desconcertantes.

E cabeças — contou seis. Apesar da pele translúcida, conseguiu vislumbrar uma cabeça de cavalo ao lado da de um veado. Outra cabeça virou-se para ela, e Vin viu o seu crânio humano. A cabeça estava no topo de uma longa coluna vertebral presa a uma espécie qualquer de torso de animal, o qual, por seu turno, estava ligado a uma confusão de ossos estranhos.

Vin quase vomitou.

— Que...? Como...?

— Os espíritos das brumas têm corpos maleáveis — disse Kelsier. — Conseguem envolver com a pele qualquer estrutura esquelética e até são capazes de recriar músculos e órgãos se tiverem um modelo para imitar.

— Quereis dizer que...?

Kelsier confirmou com a cabeça.

— Quando encontram um cadáver, envolvem-no e digerem lentamente os músculos e órgãos. Depois, usam o que comeram como padrão, criando um duplicado exato da criatura morta. Rearranjam um pouco as peças, excretando os ossos que não querem, ao mesmo tempo que acrescentam os que desejam ao seu corpo, formando um emaranhado como o que vês ali.

Vin viu a criatura arrastar as patas pelo campo, seguindo o seu rasto. Uma dobra de pele viscosa caía-lhe da barriga, roçando no chão. *Saboreando cheiros*, pensou Vin. *Seguindo o cheiro da nossa passagem*. Deixou o estanho voltar ao normal, e o espírito das brumas voltou a ser um montículo sombrio. A silhueta, contudo, só pareceu aumentar a sua anormalidade.

— Então eles são inteligentes? — perguntou Vin. — Se conseguem dividir um... corpo e pôr os bocados onde os querem?

— Inteligentes? — perguntou Kelsier. — Não, um assim tão novo não é. É mais instintivo do que inteligente.

Vin voltou a estremecer.

— As pessoas sabem que estas coisas existem? Quer dizer, além das lendas.

— Que queres dizer com “pessoas”? — perguntou Kelsier. — Muitos alomantes conhecem-nos, e tenho a certeza que o Ministério também. As pessoas normais... bem, as pessoas normais simplesmente não saem à noite. A maioria dos skaa teme e amaldiçoa os espíritos das brumas, mas passa a vida toda sem chegar realmente a ver um.

— Sorte a deles — resmungou Vin. — Porque é que ninguém faz nada acerca destas coisas?

Kelsier encolheu os ombros.

— Não são lá muito perigosos.

— Aquele tem uma cabeça humana!

— Provavelmente encontrou um cadáver — disse Kelsier. — Nunca ouvi falar de um espírito das brumas ter atacado um adulto saudável. É provavelmente por isso que toda a gente os deixa em paz. E, claro, a alta nobreza concebeu os seus próprios usos para as criaturas.

Vin fitou-o interrogativamente, mas ele nada mais disse, levantando-se e descendo a colina. Ela deitou mais uma olhadela àquela criatura contranatura, e depois foi-se embora, seguindo Kelsier.

— Foi para ver aquilo que me trouxestes cá para fora? — perguntou Vin.

Kelsier soltou um risinho.

— Os espíritos das brumas podem ter um ar arrepiante, mas dificilmente valeriam uma viagem tão longa. Não, nós vamos para ali.

Vin seguiu-lhe o gesto, e conseguiu distinguir uma alteração na paisagem mais à frente.

— A estrada imperial? Demos a volta até à entrada da cidade.

Kelsier confirmou com a cabeça. Após uma curta caminhada — durante a qual Vin olhou para trás nada menos que três vezes para se assegurar de que o espírito das brumas não ganhara terreno sobre eles —, abandonaram o mato e pisaram a terra plana e batida da estrada imperial. Kelsier parou, examinando a estrada em ambas as direções. Vin franziu o sobrolho, perguntando a si própria o que estaria ele a fazer.

Então viu a carruagem. Estava estacionada na berma da estrada, e Vin viu que havia um homem à espera a seu lado.

— Viva, Sazed — disse Kelsier, avançando.

O homem fez uma vénia.

— Senhor Kelsier — disse, projetando bem a voz suave no ar noturno. Tinha um tom agudo, e ele falava com um sotaque quase melodioso. — Quase pensei que tínheis decidido não vir.

— Já me conheces, Saze — disse Kelsier, dando uma palmada jovial no ombro do homem. — Sou a alma da pontualidade. — Virou-se e acenou com a mão para Vin. — Esta criaturinha apreensiva é a Vin.

— Ah, sim — disse Sazed, falando de uma forma lenta e bem enunciada. Havia algo de estranho no sotaque dele. Vin aproximou-se cautelosamente, estudando o homem. Sazed possuía uma cara comprida e achatada e um corpo esbelto. Era ainda mais alto que Kelsier, suficientemente alto para ser um pouco anormal, e os seus braços eram invulgarmente compridos.

— Sois um terrisano — disse Vin. Os lobos das orelhas do homem tinham sido esticados, e as orelhas propriamente ditas continham *piercings* ao longo de toda a borda. Usava as vestes luxuosas e coloridas de um mordomo de Terris; o traje era feito de formas em V, bordadas e sobrepostas, alternando entre as três cores da casa do seu amo.

— Sim, pequena — disse Sazed, fazendo uma vénia. — Conheceste muitos membros do meu povo?

— Nenhum — disse Vin. — Mas sei que a alta nobreza prefere mordomos e criados terrisanos.

— De facto preferem, pequena — disse Sazed. Virou-se para Kelsier. — Devíamos ir andando, Senhor Kelsier. É tarde, e ainda estamos a uma hora de Fellise.

Fellise, pensou Vin. *Então vamos visitar o impostor Lorde Renoux.*

Sazed abriu-lhes a porta da carruagem e, depois de eles subirem, fechou-a. Vin instalou-se num dos bancos sumptuosos enquanto ouvia Sazed subir para cima do veículo e pôr os cavalos em movimento.